HISTORIETAS

400

Lá vai a surpreza!





HISTORIETAS NO SUL DO BRASIL: POEMETOS SATÍRICOS (1891)









FRANCISCO DAS NEVES ALVES

HISTORIETAS NO SUL DO BRASIL: POEMETOS SATÍRICOS (1891)





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE - FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE - PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO - MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO - LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO - RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
1º TESOUREIRO - VALDIR BARROCO
2º TESOUREIRO - ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves

HISTORIETAS NO SUL DO BRASIL: POEMETOS SATÍRICOS (1891)



- 24 -









UIDB/00077/2020

Lisboa / Rio Grande 2020

Ficha Técnica

Título: Historietas no sul do Brasil: poemetos satíricos (1891)

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 24

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: ECO DO SUL. Rio Grande, 30 out. 1891, a. 38, n. 248, p. 2.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa Biblioteca Rio-Grandense Lisboa / Rio Grande, Julho de 2020

ISBN - 978-65-87216-05-8

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e quarenta livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Duzentas historietas, em temas muito diversos, são oitocentas quadrinhas e três mil e duzentos versos!

E nesta lida constante, tendo por mote a alegria, vou zurzindo, impiedoso, a mais reles *bicharia*.

Vá lá! No tricentenário desta seção de pilhéria quero falar seriamente dizendo a verdade séria.

Todo o meu empenho é destruir o que é um fato: este regime bandalho que tem por Mentor... um *pato!*

Cantu-Mirim ECO DO SUL. Rio Grande, 25 fev. 1891 e 30 jun. 1891.

ÍNDICE

As Historietas e o anticastilhismo, 11

As Historietas em 1891, 91

AS HISTORIETAS E O ANTICASTILHISMO

Os anos que seguiram ao advento da República na mais meridional unidade brasileira, o Rio Grande do Sul, foram prenhes em instabilidades. Júlio de Castilhos principal liderança republicana viria a promover um modelo político autoritário, exclusivista e unipessoal. Tal exclusivismo castilhista levaria ao recrudescimento das oposições, as quais viam as possiblidades de acesso ao poder cada vez mais reduzidas. A insatisfação das forças anticastilhistas intensificava a tensão política e, em março de 1891, os republicanos chegavam diretamente ao governo, com Fernado Abbott que, nomeado vice-governador, permaneceria como governante em exercício até julho deste ano. Durante tal governo foram adotadas diversas medidas coercitivas às liberdades individuais, sob o argumento da necessidade de conter a crise política. Mesmo assim, a pressão exercida pela oposição continuou a se fazer sentir, notadamente no que tange à realização de eleições. A oposição optaria por disputar o pleito eleitoral estadual, apresentando seus candidatos. Em abril de 1891, os membros da União Nacional, que reunia os antigos liberais e conservadores, aproximou-se dos dissidentes republicanos, com o Partido Republicano Federal, e o lançamento de uma nova chapa que contava com os representantes do recém-criado partido.

Apesar da participação oposicionista, o resultado das eleições conferiu integral vitória aos candidatos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), diante do que mais uma vez levantaram-se as acusações de fraude eleitoral. Júlio de Castilhos, tendo retornado de suas funções na Constituinte Federal, assumia o controle da elaboração constitucional no Estado. Em julho de 1891, era

promulgada a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, obra de praticamente um único autor, Castilhos. Segundo os preceitos constitucionais, elaborados nos moldes positivistas, ficava garantido ao Presidente do Estado o domínio absoluto sobre as decisões político-administrativas, concentrando-se em suas mãos as atividades legislativas e até mesmo algumas de ordem judiciária, ficando a Assembleia dos Representantes restrita apenas às questões orçamentárias. O governador, que tinha um mandato de cinco anos, possuía a atribuição de escolher seu vice e poderia ser reeleito consecutivamente, por quantas vezes pretendesse, desde que atingisse três quartos da votação total. Tal Constituição foi um dos mais importantes dispositivos que garantiria a perpetuação dos castilhistas no poder e, por essa razão, passou a ser um dos principais alvos das críticas dos opositores ao castilhismo.

Júlio de Castilhos, a 15 de julho de 1891, foi eleito Presidente do Estado, pela Assembleia. Inconformados com aquele processo eleitoral, por considerarem que o mesmo não contava com o referendo da legitimidade popular, os oposicionistas passaram a fomentar um movimento, objetivando a derrubada dos castilhistas do poder. A oportunidade para materializar esse intento viria com os acontecimentos de novembro de 1891, quando Deodoro da Fonseca, após diversos desacertos com o Congresso, determinou a sua dissolução. Essa atitude do Presidente da República despertou ferrenhas críticas e significativas reações em diversos pontos do país¹. No Rio Grande do Sul,

_

A crise política que assolava o Governo de Deodoro agravara-se de modo crescente desde a formação do Ministério Lucena. As críticas direcionavam-se às atitudes autoritárias dos

diante do golpe de Deodoro, Castilhos manifestou-se de forma dúbia, limitandose a garantir a ordem pública, e várias localidades sublevaram-se. O governador do Estado, não contando com o apoio integral dos militares, mormente os do interior, ainda tentou tardiamente pronunciar-se contra o golpe presidencial, a 11 de novembro, porém, já era tarde, vindo ele a ser deposto no dia seguinte, anunciando que deixava o governo à anarquia.

A "Revolução de 8 de Novembro", como então ficou conhecida, atingira um de seus objetivos, ao derrubar Castilhos, e, a 23 de novembro, chegaria a seu outro intento com a renúncia de Deodoro da Fonseca, assumindo o vicepresidente Floriano Peixoto. A atitude de Júlio de Castilhos provocou novas dissidências no PRR, dentre elas a de Assis Brasil. E foram os dissidentes republicanos que exerceram papel decisivo no interregno de afastamento dos castilhistas do poder, entre novembro de 1891 e junho do ano seguinte, período que estes, pejorativamente, denominaram de "Governicho". Desde a deposição de Castilhos, o governo foi exercido por uma junta formada por Assis Brasil, Barros Cassal, Manoel Luís Osório e pelo General Domingos Barreto Leite, até o dia 17 de novembro, quando a administração passou a ser exercida somente por este último. Era o início da ascendência dos dissidentes no Governo do Estado, tendo em vista a influência de Barros Cassal sobre Barreto Leite, sendo inclusive nomeado vice-governador, chegando a ocupar interinamente o cargo de

governantes e à corrupção financeira que estaria dominando a administração pública. Já o marechal-presidente considerava sua autoridade questionada pela ação oposicionista dos congressistas, levando-o a promover o golpe de Estado de 3 de novembro de 1891.

governante máximo do Estado. O governo da dissidência republicana iria caracterizar-se por uma série de contradições advindas das próprias idiossincrasias daquele delicado momento político da vida rio-grandense. As heterogeneidades entre os oposicionistas acabariam por levar ao enfraquecimento do novo governo, culminando com um golpe que traria os castilhistas de volta ao poder, em junho de 1892, levando a um caminho praticamente sem volta em direção à deflagração revolucionária. A imprensa teve um papel decisivo na difusão desses conflitos e, na conjuntura sul-rio-grandense, o periódico rio-grandino *Eco do Sul* foi um dos mais ativos na luta contra o castilhismo.

Historicamente aliado aos conservadores durante a época imperial, com a mudança na forma de governo, em novembro de 1889, o *Eco do Sul* aderiu aos governantes republicanos. Mas a aliança não duraria muito tempo e, já em 1890, o periódico passava a discordar crescentemente dos novos detentores do poder, mormente por causa de suas práticas autoritárias. No âmbito estadual, o *Eco* foi se aproximando dos dissidentes republicanos, que haviam rompido com o PRR de Júlio de Castilhos. A postura do jornal recrudesceu na oposição, a ponto de colocar-se na resistência ao regime castilhista. Mesmo diante do autoritário controle exercido durante o governo de Fernando Abbott, o *Eco* não deixou de publicar seus pronunciamentos de ataque aos castilhistas. Marcadas as eleições estaduais para maio de 1891, o jornal começou acirrada campanha pela União Nacional que, uma vez vitoriosa, afastaria os "pigmeus que estavam de posse das posições oficiais", os quais seriam "desalojados para que fosse geral a

limpeza e para que não maculasse o caráter rio-grandense o menor vestígio da governança de homens públicos tão desmoralizados". A folha considerava certa a derrota eleitoral dos governistas, destacando que "o feroz *castilhanismo*, raquítico em tudo e por tudo, não imporia vontades", visto que seria "impotente até mesmo para fazer triunfar decentemente o número insignificante de representantes que reservava nos seus cálculos de desespero, pelas tremendas decepções já experimentadas". Propunha, enfim, completa batalha ao governo, de modo a poder "derrotá-lo por toda a parte" ².

A partir de abril de 1891, o jornal passou a pregar uma aliança entre os sectários da União Nacional e os dissidentes republicanos. Segundo a folha, essa união seria completamente normal, não oferecendo "nada de extraordinário para pasto à maledicência, porque ambas as agremiações lutavam pela felicidade do Rio Grande do Sul", buscando torná-lo "livre da cáfila de quadrilheiros que procurava aviltá-lo" e, diante da "monstruosidade" situacionista, deveriam todos "os rio-grandenses marchar inspirados pelo mesmo ideal – a República *republicana*³. De acordo com o periódico, não havia "absolutamente nenhuma" separação "real, séria e decisiva entre os combatentes pela União Nacional e os representantes da tradição republicana", uma vez que "ambas as agremiações políticas estavam identificadas com as aspirações democráticas do Rio Grande, que elas queriam ver livre, autônomo e feliz". A palavra de ordem do diário passa a ser a "união", propondo que, se nada

² ECO DO SUL. Rio Grande, 27 mar. 1891, a. 38, n. 69, p. 2.

³ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 abr. 1891, a. 38, n. 80, p. 1.

afastava aquelas frentes partidárias, "se ambas lutavam pelo mesmo ideal", deveriam marchar "unidas para a batalha contra os traidores da República, contra os inimigos da pátria", pois, quanto maior a união, "mais eloquente e digna seria a vitória" ⁴.

De acordo com essa ideia, o periódico manifestou ampla exultação com a criação do Partido Republicano Federal, considerando que, ao superar suas discrepâncias internas e formando uma agremiação una, as oposições riograndenses estariam dando um passo decisivo em direção à derrocada do castilhismo. A folha explicava que os dissidentes e os antigos membros dos partidos imperiais, desde a proclamação da República vinham combatendo os "principais governantes" que "renegaram todos os princípios da escola construtora, fraudando-a com a ostentação das mais revoltantes apostasias" e colocando-se "em terreno de franca oposição", considerado como "única atitude compatível com a integridade moral, profligando sem cessar, em nome do civismo rio-grandense, os escândalos, as imoralidades, os esbanjamentos de um regime atentatório de todas as liberdades". O Eco garantia que continuaria incessantemente em suas colunas afirmando "o pensamento sobre a união das forças que dão combate aos falsos apóstolos da República Federal" e aqueles que "aviltantemente a conspurcam, virados para o aulicismo, a que servem sem condições, na baixa postura de comediantes sem resquícios de pundonor individual". Segundo o jornal o "governo é o Caim da democracia e deve ser tremendamente castigado para exemplo de futuros traidores", explicando que,

⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 abr. 1891, a. 38, n. 92, p. 1.

"para tanto conseguirem, os rio-grandenses tinham forçosamente de sufocar pequenos ressentimentos, insignificantes divergências sobre pontos que não implicam com a orientação geral dos patriotas" de modo a constituir o Rio Grande do Sul "sobre as sólidas bases de um regime de independência, de completa autonomia, sem que sejam desprezados os laços da unidade federal". Nessa linha, a folha rio-grandina considerava a oposição como "honesta, digna, patriótica, homogênea" e pronta para enfrentar "os bandeirantes do *castilhismo* já derrotado"⁵.

A campanha eleitoral promovida pela folha passou a direcionar-se à propaganda dos candidatos do Partido Republicano Federal e à manutenção dos ferrenhos ataques à política castilhista. Analisando o projeto elaborado sob a tutela de Júlio de Castilhos para a Constituição Estadual, o jornal entabulou profundas críticas, acusando as "fraudações na obra *castilhana*", que estariam ferindo de frente os princípios democráticos, sendo que, um dos pontos mais censurados foi a eleição do presidente do Estado através da Assembleia Constituinte e não por eleição direta. O periódico denunciava que, por meio desse artifício, o "alucinado e ignorante bacharel, repudiado ostensivamente, energicamente pela grande maioria do Rio Grande", pensava em "conseguir um Congresso de designados" que lhe garantisse cinco anos de governo. O diário prenunciava que o líder republicano não atingiria seu alvo, pois, "por mais descarada que fosse a fraude eleitoral, a soberania popular iria vencê-la, elegendo os candidatos" oposicionistas os quais riscariam o "plano *castilhano*",

⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 abr. 1891, a. 38, n. 94, p. 1.

afastando do poder "o homem nefasto do republicanismo rio-grandense, o aliado incondicional da ignorância petulante" que dominava o governo da República⁶.

Nesse sentido, o *Eco* declarava que se as eleições fossem marcadas pela fraude, levando à vitória de um candidato que, na sua perspectiva, não contava com o apoio popular, "o patriotismo indicaria um só caminho – a resistência". Lamentava que, "fatal em desastres, seria a luta no terreno acidentado da revolta, porém não haveria como recuar", pertencendo a responsabilidade "ao poder artificial", dos governistas, "em contraposição ao poder que era real porque vinha da opinião", caso dos oposicionistas. Afirmava ainda que não se afastaria "da linha do dever dos patriotas, quaisquer que fossem os resultados da provocação para o terreno de desafrontas perigosas" e, "se o sossego público fosse perturbado, se a pugna viesse a ferir-se pela honra do Rio Grande, toda a culpa caberia aos domésticos da ditadura", de modo que venceriam "em nome da paz os que não ambicionavam a querra, não a provocaram, mas que não a recusariam". Realizada a eleição, o jornal prosseguiu nos pronunciamentos mais ferrenhos, propalando que a vitória deveria ser dos "legítimos representantes da opinião democrática, ainda que para tanto fosse preciso lançar mão de todos os recursos, indo até a revolução", uma vez que estava "em jogo o brio tradicional dos rio-grandenses, na parada de vida ou de morte" promovida pelo "degradante governismo que consubstanciava a vontade

⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 abr. 1891, a. 38, n. 96, p. 1.

⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 maio 1891, a. 38, n. 100, p. 1.

prepotente, os desvarios, a inépcia, as traições, as misérias e as infâmias da ditadura"8.

Com as apurações do pleito em andamento, o jornal denunciava o "opróbrio dos falsificadores de atas eleitorais e as falcatruas dos agentes do governismo" que estariam sendo utilizados como meios de garantir a vitória dos situacionistas, pois, só "usando e abusando descaradamente da fraude, o castilhanismo" teria chance de evitar uma derrota. Acusava o governo de espalhar "o terror por toda a parte, arrebatar urnas, varejar casas, ameaçar e encarcerar cidadãos e destacar a força armada para diversos pontos", na mais viva manifestação "da orgia, do descaso e da prepotência", para com a opinião popular. Para a folha, os situacionistas iriam formar um governo ilegítimo, destacando que era "artificioso o regime que em vão tentava enraizar-se no solo rio-grandense porque não era sagrado pela opinião, porque esta o repudiava e, portanto, haveria de forçosamente desmoronar-se, em uma queda de exemplos dignificadores"¹⁰.

Apesar da derrota iminente dos candidatos do Partido Republicano Federal, o periódico valorizava o fato de que "de norte a sul, a oposição avolumava-se, consciente do papel que lhe estava prescrito pelo dever". Segundo o diário, esse crescimento da oposição seria fator decisivo para que "o castilhanismo soubesse que tinha os dias contados e por isso se lançasse a

⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 maio 1891, a. 38, n. 104, p. 1.

⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 maio 1891, a. 38, n. 118, p. 1.

¹⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 maio 1891, a. 38, n. 114, p. 1.

todas as empresas arriscadas, até que se anunciasse a hora fatal da queda inevitável"; chegando a afirmar que estavam "contados os dias do repelente *castilhanismo*", que haveria "de cair, e para sempre"¹¹. Deixando de lado, temporariamente os comentários sobre uma possível rebelião, o jornal considerava-se satisfeito em ver organizada a oposição e "sistematizados em um corpo de doutrina os princípios cardeais do governo republicano federal, tal como deveria ser instituído", levando ao incremento de um combate "com energia patriótica" ao "poder ocasional do bacharel Castilhos", o qual, a partir das "preocupações pessoais que revelava em todos os seus atos" e da "falta absoluta de moralidade, em administração e na política, tinha fraudado criminosamente as doutrinas republicanas"¹².

Em meados de 1891, o *Eco do Sul* anunciava uma nova prática que visava a popularizar a sua leitura, bem como ampliar a divulgação de seu ideário oposicionista:

Começamos hoje a favorecer a classe pobre entre nós, oferecendo-lhe à leitura diária, *grátis*, o *Eco do Sul*.

Para esse fim ficará colocada desde hoje à porta das nossas oficinas uma tabuleta em que afixaremos o jornal do dia, que servirá para a verdadeira orientação de uma política patriótica e, ao mesmo tempo que fornecerá as notícias de maior sensação e de mais interesse transmitidas pelos nossos incansáveis correspondentes.

Este melhoramento, que constitui um exemplo de boa escola, e que é fato virgem na nossa imprensa, vem demonstrar as boas disposições do *Eco*, que nenhum

¹¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 maio 1891, a. 38, n. 114, p. 1.

¹² ECO DO SUL. Rio Grande, 28 maio 1891, a. 38, n. 119, p. 1.

esforço poupa para fazer avançar o nosso povo na trilha progressista pela qual há muito enveredaram os povos cultos da Europa.

Aconselhá-lo, guiá-lo, tal é o nosso empenho, e de melhor forma o não poderíamos fazer senão franqueando-lhe à leitura gratuita o nosso jornal.¹³

Essas esperanças sofreram, no entanto, certo desvanecimento, pois, com os deputados castilhistas dominando a Assembleia gaúcha, o diário riograndino passou a lamentar o "retraimento" que estaria notando junto à "parte das forças em oposição, resignadas" em "aceitar o resultado natural da politicagem dominante". Mesmo assim, o jornal reagia quanto à possibilidade dos deputados escolherem Júlio de Castilhos para governar o Estado, acusando que o "bando do castihanismo" deturpara "todos os princípios, abandonando inteiramente a moral, porque o que tinha em vista era apenas manter a posição artificial com que iniciara os atos da vida pública, desde 15 de novembro". De acordo com a folha, ficava evidente "que o diretor espiritual dessa gente não dispunha dos atributos essenciais da formação do caráter", de modo que "todas as qualidades que os seus domésticos endeusadores lhe emprestavam eram falsas, porque ele revelava o contrário em todos os atos que praticava"14. Eleito Castilhos, a folha acusava a "feitura da fraude a mais ostentosa" de parte da Assembleia e comentava que, naquele momento, o que cumpria "apreciar era a atitude da opinião diante do acontecimento extraordinário que destruía muitas aspirações de liberdade, graças à indecisão anterior e à passividade atual de todas as forças sociais neste infeliz Estado", que se transformara em "satrápia,

¹³ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 jun. 1891, a. 38, n. 122, p. 2.

¹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 jul. 1891, a. 38, n. 150, p. 1.

manietada ao jugo em início de um moderno tiranete", que, "hábil e sagaz", soubera aproveitar-se da "desorientação e da falta de harmonia das forças oposicionistas, firmando-se no poder"¹⁵.

Apesar de apontar este "retraimento" da oposição, o *Eco do Sul* manteve-se no combate ao castilhismo e, elaborando uma visão retrospectiva sobre a formação da República no Rio Grande do Sul, julgava como péssima a situação a que chegara o Estado, avaliando que "ao bacharel Castilhos cabia a maior soma de responsabilidades em tudo quanto se passara", acusando-lhe de ser "o principal elemento da anarquia predominante até aquele período da vida constitucional rio-grandense", marcada por "constantes agitações, que deixaram um rastro de prepotências e apostasias nunca vistas, sendo mais criminosa a perseguição ostentosa contra a liberdade de pensamento". O jornal manifestava suas profundas "divergências políticas" para com Júlio de Castilhos, declarando que não se poderia "confiar nele, nem esperar que fizesse esquecer, pelas práticas de um governo honesto e digno, todas a tiranias e todos os aviltamentos de tão curto passado" 16.

De acordo com o periódico, o governo sul-rio-grandense deveria ser denominado de "ditadura castilhana", afirmando que "ditadura científica ou republicana, como o denominava o órgão do oficialismo deste infeliz Estado, não o era, positivamente", pois, "em vez de ser progressista, era retrógrada e anárquica, estabelecendo barreiras inaceitáveis entre filhos da mesma pátria". A

¹⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 jul. 1891, a. 38, n. 158, p. 1.

¹⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 jul. 1891, a. 38, n. 163, p. 1.

folha argumentava que as práticas governativas e a constituição do castilhismo só respeitavam aos interesses de seu mentor, não seguindo nem mesmo os princípios de Comte e citava como exemplo disso a determinação constitucional que só permitia aos rio-grandenses natos chegarem ao Governo do Estado, questionando "em que escola se inspirara o Sr. Castilhos para determinar esse aviltante exclusivismo". Na opinião do jornal eram inúteis "todos os sofismas do castilhanismo para justificar a ditadura sui generis que a Federação empenhava-se por fazer passar como inspirada nos sábios preceitos do grande filósofo francês", o qual fora na verdade, "torpemente caluniado pelos chicanistas de nova espécie que obedeciam, sem condições, ao astuto pedantocrata que tanto abusava da ignorância e do servilismo dos que o rodeavam"¹⁷.

Dessa forma, a folha rio-grandina passou a insistir na necessidade de reformas para a Constituição Rio-Grandense, uma vez que "a toda a luz tinha sido evidenciado que a *constituição castilhana* era uma obra de perfídias e de astúcias, tentando acanalhar as 'sábias doutrinas da política positivista". Comentava que aquela lei, que "por escárnio à opinião rio-grandense, fora promulgada em nome da família, da pátria e da humanidade", deveria ser "retomada de acordo com o ideal republicano que encorajou à luta e à vitória os mais dignos e os mais leais combatentes", ou, por outro lado, "se permanecesse em mãos de quem a engendrou para satisfação de todos intuitos egoísticos, reduziria este povo à mísera condição de pária — aviltado ante a prepotência a

 $^{^{\}rm 17}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jul. 1891, a. 38, n. 170, p. 1.

mais ignominiosa". Referindo-se aos dispositivos constitucionais que serviam para garantir a manutenção dos governistas no poder, o jornal afirmava que aquela Constituição estabelecia "um exclusivismo que deveria merecer a repulsa de todos os homens honestos e decentes"¹⁸.

A oposição ao castilhismo tornou-se ainda mais acirrada após a dissolução do Congresso Nacional promovida por Deodoro da Fonseca, a qual foi qualificada como "um ato despótico, um golpe de Estado e uma provocação de requintada ousadia"¹⁹. O jornal passou a conclamar a população a reagir àquela atitude governamental, pois "diante da ameaça, do terror que já começava a sufocar as garantias e as liberdades de toda a ordem" deveriam calar-se "as paixões secundárias e o patriotismo explodir, chamando a postos os cidadãos unificados pelo mesmo sentimento — a grandeza desta terra de lutadores abnegados". Manifestava sua confiança no "revigoramento dos brios nacionais, que começavam a despertar, tendo por ponto de partida o Rio Grande do Sul", contrariamente à "violência praticada em nome do *general* Deodoro — a múmia deste regime abastardado —" e "pelos parasitas imperiais do porte do barão de Lucena e traído pelos falsos servidores do *castilhanismo*, cujo chefe recebia o santo e a senha daquele feroz reacionário de todos os tempos"²⁰.

Diante da atitude presidencial, o *Eco* insistiu em colocar Júlio de Castilhos como o representante de Deodoro no Estado e, portanto, como adepto do golpe,

¹⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º ago. 1891, a. 38, n. 172, p. 1.

¹⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 nov. 1891, a. 38, n. 254, p. 1.

²⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 nov. 1891, a. 38, n. 255, p. 1.

destacando a necessidade de que o Rio Grande do Sul tivesse "em vista o caráter do instrumento do barão de Lucena, o bacharel Castilhos, que estava de posse dos segredos da nova ditadura, tentando golpe igual ao que acabava de afrontar toda a nacionalidade", desacreditando os brasileiros, "perante os povos civilizados"²¹. O jornal procurava mexer com os brios dos gaúchos, perguntando "se o Rio Grande seria tão digno" ou "tão covarde, tão desbriado, que não enxotasse do poder o representante genuíno do barão de Lucena e um dos maiores traidores da República — o bacharel Júlio Prates de Castilhos". Chamando esse governante de "instrumento torpíssimo da ditadura", a folha afirmava que eram "poucos os miseráveis que formavam o corpo de janízaros do *castilhanismo*, porém, mais miseráveis seriam todos aqueles que entregassem pacientemente a nuca à canga desse poder truanesco, imoral e corrupto". Concluía o periódico declarando que "o bacharel Castilhos prestara apoio à ilegalidade, ao arbítrio, à tirania", diante do que tinha "o Rio Grande de expulsálo, se não preferisse aviltar-se para sempre"²².

Com relação ao movimento iniciado a 8 de novembro, o jornal destacava que "o objetivo da Revolução era derrubar o ditador central" que se colocara "fora da lei, que dissolvera o Congresso, que queria rasgar a bandeira da República e que estava, enfim, aviltando a dignidade nacional". A folha acrescentava o Presidente do Estado no rol dos inimigos da "Revolução", afirmando que o Rio Grande do Sul estava "em alarma contra o agente do poder

²¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 nov. 1891, a. 38, n. 255, p. 1.

²² ECO DO SUL. Rio Grande, 8 nov. 1891, a. 38, n. 256, p. 1.

central, contra o bacharel Castilhos, que estava encarcerando os cidadãos militares e civis que tiveram a abnegação de romper os primeiros fogos, tendo por alvo o baluarte da tirania". Júlio de Castilhos era apontado como "incompatível com o civismo do povo rio-grandense", devendo ser arrancado "da posição que não tinha sabido honrar" e, uma vez tal governante estando "posto fora do poder", restava a luta "até que o Brasil se libertasse da ditadura", através da "vitória sobre o centro"²³. Sob o título de "Pródromos da queda", o periódico anunciava que o "patriótico movimento revolucionário" de 8 de Novembro, "unido ao exército e à armada" para vingar "a afronta atirada à face do país pelo Presidente da República, ia produzindo o efeito que era de esperar-se", pois "o arvorado ditador já começara a sentir os efeitos do seu ato de desvairada tirania"²⁴.

Derrubados os Presidentes do Rio Grande do Sul e o da República, o *Eco* manifestava seu entusiasmo diante da situação que se inaugurava:

"A pátria brasileira [deu] ao mundo maravilhado a prova de maior civismo, abatendo a tirania irresponsavelmente representada pelo general Manoel Deodoro da Fonseca. O Rio Grande estava convulsionado de norte a sul, tendo por objetivo a extinção radical do *castilhanismo*, que era o prolongamento do governo de aviltamentos e misérias que tinha por diretor espiritual o reacionário barão de Lucena. A queda de Júlio de Castilhos impunha-se como uma necessidade nacional, porque esse homem nada mais significava do que a afirmação vergonhosa do deturpamento da República (...). O elemento civil em sua poderosa maioria e grande

²³ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 nov. 1891, a. 38, n. 259, p. 2.

²⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 nov. 1891, a. 38, n. 262, p. 1.

número de militares compreendiam que era preciso eliminar o mal que estava mais perto de nós, a fim de que o Rio Grande adquirisse força para esmagar a prepotência central. (...) No dia 12 rendeu-se o bacharel Castilhos, instrumento miserável dos agentes do despotismo e, doze dias depois, o general Deodoro entregava o poder a Floriano Peixoto. (...) A nação entrou afinal na posse de si mesma. (...) O que nos cumpre é conservar a união, sempre alerta contra os planos dos rebeldes que se não podem conformar com o desalojamento das posições que tanto deslustraram. Por meio de uma eleição libérrima, havemos de reorganizar definitivamente a pátria rediviva."²⁵

Mesmo após a deposição do líder do PRR, o periódico continuou publicando artigos que visavam demonstrar a cumplicidade de Castilhos para com o golpe perpetrado pelo marechal Deodoro, buscando ressaltar as atitudes que demonstrariam o apoio prestado pelo líder gaúcho, de modo a perpetuar "a ignomínia do *castilhanismo*, enxotado da direção do Rio Grande" e a dar "a prova patente de que o ex-ditador-mirim nunca fora impulsionado pelo dever de servir à causa pública", pois o "que ele queria era conservar o mando, como instrumento ignóbil da aviltante tirania central"²⁶. Apesar da exultação com a derrota dos castilhistas, o jornal chamava atenção para que todos continuassem em alerta e cuidadosos, pois os derrotados da véspera ainda estariam vivos e tramando. Declarava, assim, que "raivoso, sem intuitos alevantados e não podendo conformar-se com a perda do poder", estaria a conspirar "o *castilhanismo*, que era uma história de tristezas e vergonhas, e, portanto, era

²⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 nov. 1891, a. 38, n. 268, p. 1.

²⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 nov. 1891, a. 38, n. 269, p. 1.

preciso não o deixar a gosto nas suas explorações criminosas"²⁷. O *Eco* chegou a travar uma aliança com os novos detentores do poder, após a derrota castilhista, e, com o retorno de Júlio de Castilhos ao poder, em junho de 1892, estabeleceu mais uma vez a postura de oposição e resistência ao castilhismo, as quais permaneceram como uma marca registrada do periódico nas décadas seguintes²⁸.

Um dos jornalistas que esteve à frente da redação do *Eco do Sul* e que se caracterizou como um dos mais ativos no comportamento de opor-se e resistir ao castilhismo foi João José Cezar, que não poupou os esforços de sua afiada pena para antepor-se ao regime que passava a dominar o Rio Grande do Sul. J. J. Cezar nasceu em 1849 na cidade do Rio Grande e, já aos treze anos, trabalhava como aprendiz de tipografia nas oficinas do *Eco do Sul*. Seguindo em tal atividade profissional, chegaria a ter participação decisiva na criação de um Grêmio Tipográfico, no início dos anos 1880, entidade com finalidade associativa e mutualista, em meio aquela categoria profissional. Vindo a atuar em Porto Alegre, Cezar trabalhou na redação e nas oficinas da *Federação*, a voz impressa do republicanismo gaúcho, desde a criação da folha, em 1884, bem como foi um propagandista de primeira hora de tal ideário, convivendo como colega de jornalismo e de militância com algumas das principais lideranças republicanas de então. Saiu amistosamente do jornal republicano, para

²⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 dez. 1891, a. 38, n. 281, p. 1.

²⁸ Contextualização histórica e acerca do periódico *Eco do Sul* adaptada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 113-115 e 317-324.

comandar uma empresa de serviços gráficos, bem como gerenciou um café na capital rio-grandense. Ao final dos anos 1880, fundou e dirigiu em Porto Alegre a *Folha da Tarde* e, por meio de sua redação viria a criticar os governantes após a instauração da República, atitude que teria um alto custo, manifesto por meio de fortes perseguições. Desde então, romperia com o modelo do republicanismo gaúcho liderado por Júlio de Castilhos, vindo a integrar uma das levas dos dissidentes republicanos, e passaria a mover intensa campanha de oposição ao castilhismo²⁹.

Foi nesse momento que J. J. Cezar retornou à cidade do Rio Grande, para atuar na redação do *Eco do Sul*, contribuindo decisivamente com o norte adotado pelo jornal em favor da dissidência republicana e contrário aos castilhistas. Para tanto, orientou as seções noticiosas e as matérias editoriais do periódico, mantendo, em termos gerais, as características vinculadas ao que à época se denominava de jornalismo sério, intentando estabelecer um certo autocontrole na expressão mais aberta de suas convicções. Por outro lado, visando a ter um dispositivo de manobra diferenciado, que lhe permitisse adotar estratégias discursivas mais exacerbadas, criou uma seção especial, destinada a realizar a crítica política e a de costumes, e, tendo como escopo fundamental mover ataques ao castilhismo. Tal seção recebeu o nome de "Historietas" e o jornalista assinava com o pseudônimo de *Cantu-Mirim*. Era uma referência ao historiador Césare Cantu, que se notabilizou ao escrever uma extensa *História*

²⁹ Maiores detalhes da biografia de J. J. Cezar podem ser observados no número 23 desta Coleção.

Universal. Nesse sentido, como um "pequeno Cantu", ao invés de fazer uma "grande história", Cezar promoveria algumas historietas, ou seja, em tom anedótico, satírico, irônico e profundamente crítico, lançaria mão de versos, para promover o combate aos donos do poder no Rio Grande do Sul.

As Historietas ocuparam na maior parte das vezes a segunda página do *Eco do Sul* (em algumas edições apareceu na primeira) desde o final de junho de 1890 até meados de dezembro do ano seguinte, perfazendo mais de quatrocentos poemetos. Neste livro serão abordadas as Historietas inseridas no ano de 1891³⁰, equivalendo a mais de duzentas e cinquenta edições, publicadas consecutivamente em praticamente todos os números do jornal, à exceção do final do ano, quando as ausências e outras atividades de J. J. Cezar fizeram com que a seção escasseasse, até o seu desaparecimento definitivo. Através dos versos, o jornalista empreendeu um discurso fortemente crítico-opinativo, não poupando adjetivações negativas ao castilhismo. Expressava assim a voz dos dissidentes republicanos, que conheceram de modo intrínseco o projeto de poder de Júlio de Castilhos e, por isso mesmo, conseguiam ser ainda mais incisivos na tentativa de desmonte de tal regime.

Ao raiar o ano de 1891, João José Cezar permanecia ativamente na redação do *Eco do Sul* e de suas quadrinhas que compunham as Historietas³¹,

³⁰ As Historietas referentes ao ano de 1890 foram abordadas no número 23 desta Coleção.

³¹ A partir da edição "201", o jornalista resolveu que a faria "a Historieta livre ser", em relação à configuração poética, abandonando as quadrinhas até então tradicionais, passando a inseri-las com variado formato e número de estrofes.

intentando levar ao público um modelo discursivo diferenciado em relação às densas matérias editorias. A linguagem versificada, metrificada e ritmada trazia consigo uma atração ao público, somada a estratégias que combinavam abundantes doses de sátira e humor, visando a aumentar ainda mais o interesse dos leitores, bem como a convencê-los de que os republicanos castilhistas, com suas práticas radicais, exclusivistas, personalistas e autoritárias, estariam a corromper a forma de governo instaurada a 15 de novembro de 1889. As edições das Historietas prosseguiram ininterruptas, mesmo quando J. J. Cezar esteve doente, revelando seu interesse em manter a constância da seção, como ocorreu ainda no primeiro bimestre daquele ano. Após o breve afastamento, o jornalista deixava evidenciada sua linha de ação, revelando que estava voltando ao seu "posto de combate"³².

Os editorias de fundo anticastilhista permaneciam candentes na guerra por meio das palavras movida por J. J. Cezar, que também assinava sob o pseudônimo de Elzevir, em alusão às suas ocupações como tipógrafo. Já seu alter ego *Cantu-Mirim* provocava alvoroço em meio à sociedade gaúcha e algumas das caricaturas publicas no semanário caricato rio-grandino *Bisturi* bem demonstravam tal agitação. Nesse sentido, diante do impacto daqueles poemetos satíricos, tal folha ilustrada e humorística, que anteriormente já aplaudira João José Cezar, passava a tecer-lhe profundas críticas. Tal postura advinha de tradicionais querelas estabelecidas para com o *Eco do Sul*, desde a época imperial, quando o *Bisturi* defendia o partido liberal e o *Eco*, o conservador

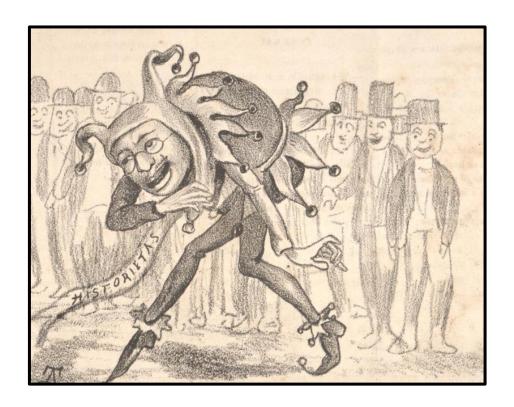
³² ECO DO SUL. Rio Grande, 8 fev. 1891, a. 38, n. 30, p. 2.; e 11 fev. 1891, a. 38, n. 32, p. 2

e, já na república, o hebdomadário permanecia aliado aos liberais, enquanto o diário aproximou-se dos dissidentes republicanos, de modo que os ataques ao redator traziam consigo um antagonismo mais profundo.

Além disso, Cezar passara a exercer nas páginas do *Eco do Sul* um tipo de periodismo alternativo, diferenciado da imprensa dita séria, adentrando a seara satírico-humorística que era o veio editorial da pequena imprensa, ou seja, criou um campo competitivo para com aquela que era a base redacional do Bisturi. Desse modo, o periódico caricato não poupou adjetivações negativas para o redator do Eco, como ao compará-lo ao personagem cômico e truão, que fazia piruetas, em grande esforço para atrair o público. A legenda era: "Vamos senhores 'arlequins' da imprensa... faça uma careta, dê um salto, outro, mais uma cambalhota, divirta a multidão, ávida de escândalos!..."33. Durante quatro semanas o *Bisturi* deu espaço para a publicação de textos que, buscando manter uma narrativa em tom literário, criticavam o autor das Historietas, por meio das "Foguetadas chinesas (conto a J. J. Cezar)"34. Essa chinesice do termo, muitas vezes também empregada nos desenhos do semanário, consistia uma menção recorrentemente relacionada com J. J. Cezar. envolvendo não tão necessariamente os traços étnicos do escritor, mas uma visão calcada em preconceito racial, visando a menoscabar àquele que recebesse o epíteto de "chinês".

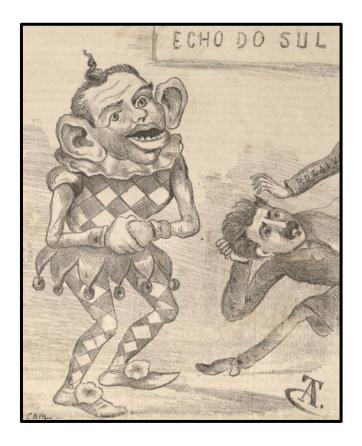
³³ BISTURI. Rio Grande, 19 jul. 1891, a. 15, n. 29, p. 1.

³⁴ BISTURI. Rio Grande, 9 ago. 1891, a. 15, n. 32, p. 2.; 23 ago. 1891, a. 15, n. 33, p. 2-3.; 30 ago. 1891, a. 15, n. 34, p. 2-3.; e 6 set. 1891, a. 15, n. 35, p. 2.



João José Cezar voltaria a ser representado nas vestes de arlequim – o traje composto de vários losangos –, em referência ao caráter mordaz e corrosivo das "Historietas", aparecendo quase irreconhecível, com traços exagerados, mormente quanto às orelhas e à boca. A caricatura era acompanhada da explicação de que, por causa da "arlequinada" cometida em

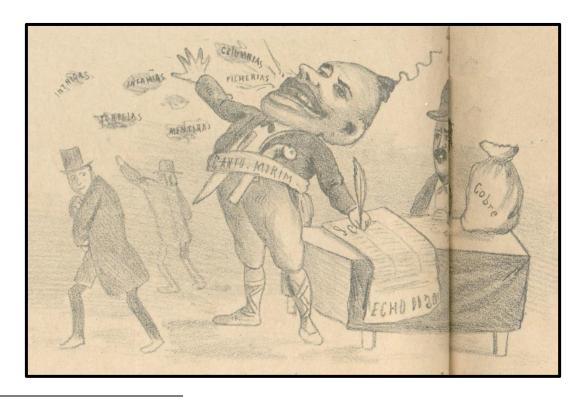
seus poemetos satíricos, o seu "pobre patrão", havia levado uma "tremenda bofetada"³⁵.



As repercussões das Historietas se agudizavam, tanto que, o mesmo semanário caricato mostrava J. J. Cezar, com as feições transfiguradas, sem

³⁵ BISTURI. Rio Grande, 13 set. 1891, a. 15, n. 36, p. 4.

deixar de ser identificado pelo seu pseudônimo, a partir do cinto com a inscrição "Cantu Mirim", levando uma faca e uma pistola à cintura – em alusão às afrontas que promovia – e proferindo "calúnias, pilhérias, mentiras, infâmias, torpezas e intrigas", enquanto, com a pena à mão, escrevia o *Eco do Sul*, ao custo de alguns cobres pagos pelo patrão. Em tom crítico, o hebdomadário dizia que a pior peste não era aquela que atingia a saúde pública e sim a "dos jornalistas sem escrúpulos e sem moral"³⁶.

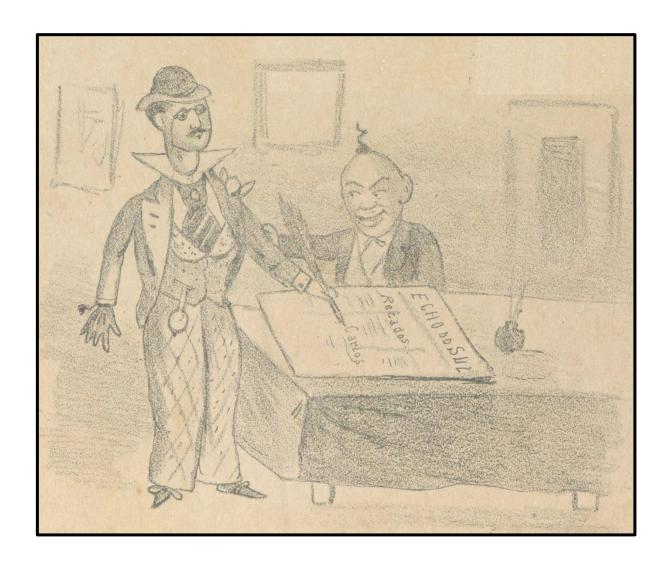


³⁶ BISTURI. Rio Grande, 11 out. 1891, a. 15, n. 40, p. 1 e 4.

No mesmo conjunto de caricaturas, Cezar chegou a ser representado com roupas femininas, ou seja, experimentava o próprio veneno, pois utilizara largamente tal estratégia para designar seus adversários ao versejar nas Historietas. O jornalista aparecia com um vestido, chapéu feminil enfeitado, sombrinha e sapato de salto alto. A legenda era incisiva no sentido de desqualificar Cantu-Mirim: "Pasquineiros descarados, que afrontam a moral, fazendo da redação uma espelunca, dando nela entrada a toda classe de cocotes". Em seguida, J. J. Cezar aparecia com o vestuário masculino restabelecido, mas, mais uma vez, vendendo sua pena para o proprietário do jornal, o qual assumia as feições chinesas, com a acusação de que aquele constituiria o jornalista que "em troca de algum gozo imoral ou alguma bijuteria", promovia "covardes agressões". Na concepção do Bisturi, tal ação ocorreria até o momento em que, não tendo mais utilidade, esse tipo de escritor público acabava por ser despedido, como mostrava a representação iconográfica, com Cezar sendo chutado para fora da redação, com um pontapé do empregador³⁷.

³⁷ BISTURI. Rio Grande, 11 out. 1891, a. 15, n. 40, p. 1 e 4.







A tentativa de golpe de Estado do primeiro presidente da República teria como consequência uma significativa reação contrária, com o espocar da Revolução de 8 de Novembro de 1891, a qual teve na cidade do Rio Grande uma participação bastante efetiva, notadamente a partir de sua imprensa. O *Eco do Sul* exerceu uma representativa ação em tais articulações, e seu redator J. J. Cezar foi um dos protagonistas. Essa época representou um momento de

inflexão para as Historietas, cuja continuidade cotidiana foi interrompida, graças aos deslocamentos de *Cantu-Mirim* para fora da cidade e o papel que assumia naquele momento histórico. De acordo com tal perspectiva, os poemetos satíricos não foram publicados por mais de um mês, de 10 de novembro a 11 de dezembro³⁸. Nesse interregno, Cezar foi substituído como editorialista do *Eco* por outros jornalistas, também representantes da dissidência republicana no âmbito citadino, como Tito Canarim, Febrônio de Brito e Canarim Júnior.

Nesse período de um mês que se seguiu à Revolução de 8 de Novembro, J. J. Cezar publicou uma pequena nota intitulada "Paz", na qual saudava a derrocada do castilhismo, afirmando: "Sobre a sepultura que encerra os últimos despojos morais do bacharel Júlio Prates Castilho inscrevo esta palavra – PAZ!"³⁹. Já a 21 de novembro, a edição do *Eco do Sul* anunciava o retorno do seu redator de uma viagem à Porto Alegre, informando que "naquela capital, o nosso inteligente e laborioso companheiro tem sido alvo das mais significativas demonstrações de apreço, tendo a imprensa lhe tecido os maiores e mais

³⁸ As edições em que não apareceram as Historietas foram: ECO DO SUL. Rio Grande, 10 nov. 1891, a. 38, n. 257; 11 nov. 1891, a. 38, n. 258; 12 nov. 1891, a. 38, n. 259; 13 nov. 1891, a, 38, n. 260; 15 nov. 1891, a. 38, n. 261; 17 nov. 1891, a. 38, n. 262; 18 nov. 1891, a. 38, n. 263; 19 nov. 1891, a, 38, n. 264; 20 nov. 1891, a. 38, n. 265; 21 nov. 1891, a. 38, n. 266; 22 nov. 1891, a. 38, n. 267; 27 nov. 1891, a. 38, n. 268; 28 nov. 1891, a. 38, n. 269; 29 nov. 1891, a. 38, n. 270; 1° dez. 1891, a. 38, n. 271; 2 dez. 1891, a. 38, n. 272; 3 dez. 1891, a. 38, n. 273; 4 dez. 1891, a. 38, n. 274; 5 dez. 1891, a. 38, n. 275; 6 dez. 1891, a. 38, n. 276; 8 dez. 1891, a. 38, n. 277; 9 dez. 1891, a. 38, n. 278; 10 dez. 1891, a. 38, n. 279; e 11 dez. 1891, a. 38, n. 280.

³⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 nov. 1891, a, 38, n. 260, p. 2.

cordiais encômios" ao longo de "sua estada naquela cidade"⁴⁰. No final do mês de novembro, João José Cezar exultava com a derrocada definitiva das forças governistas, por meio dos editoriais "Rediviva" e "Ao correr do martelo:

Acumulada a resistência, que se tornou patente pela explosão que em quatro dias fez baquear o governo do Estado, o ato da dissolução do Congresso colocou os representantes do exército e da armada no posto assinalado pelo dever patriótico, e um único pensamento unificou a nação – a deposição do general Deodoro.

E a deposição foi imposta pela armada, estando à frente do movimento o almirante Custódio de Mello, perfeitamente identificado com os patriotas oposicionistas no Congresso — Demétrio Ribeiro, José Simeão, Floriano Peixoto, Antão de Faria, Aníbal Falcão, Serzedelo e tantos outros combatentes da primeira fila.

Ao Rio Grande cabe, portanto, a glória suprema de haver oferecido o exemplo para a reivindicação dos brios aviltados, inscrevendo os nomes de mil batalhadores na história de uma terra que parecia abatida, porém que soube vingar afrontas que só poderia permanecer como prova da degeneração do caráter popular.

Se o Rio Grande se não levantasse valorosamente, impulsionado pela própria honra e amparado pelas espadas dos mais ilustres representantes da armada e do exército, ainda seria uma ignomínia para a pátria a ditadura do general Deodoro, imbecil ao serviço do infamíssimo Lucena, que tinha como sustentáculos da torpeza governamental os Piragibes, Castilhos e Avelinos.

Desta pacata cidade partiu o brado de revolta, e dois dias depois todo o sul estava em armas e de posse da direção para os combates pela liberdade da pátria.

Tremenda foi a jornada, mas a vitória é tão completa, tão honrosa, tão dignificadora, que não há lugar para recriminações inferiores.⁴¹

⁴⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 nov. 1891, a. 38, n. 266, p. 2.

⁴¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 nov. 1891, a. 38, n. 268, p. 1.

Paz! Havíamos escrito, como epitáfio de generosidade, sobre o túmulo que encerra os últimos despojos morais do ex-presidente deste Estado, o bacharel Júlio Prates Castilho.

Estávamos dispostos a deixar em descanso o cadáver, antes mesmo de serem conhecidas as disposições testamentárias do trêfego aventureiro que o povo correu do palácio do governo.

Mas as derradeiras manifestações do preposto da ditadura lucenista demonstram ao mesmo tempo desequilíbrio mental e perversidade a mais odienta.

Não podia morrer com honra quem não soube viver na incorruptibilidade moral decorrente da sábia orientação partidária.

Daí mais um jato de fel nas ânsias do estrebuchamento.

Aquele manifesto [refletia] a ignomínia do castilhanismo enxotado da direção do Rio Grande, [e] é a prova patente de que o ex-ditador-mirim nunca foi impulsionado pelo dever de servir à causa pública.

O que ele queria era conservar o mando, como instrumento ignóbil da aviltante tirania central. (...)

Os governistas de ontem e que tentam mandos impossíveis devem lembrarse de que o bacharel Castilho foi abatido ao correr do martelo! 42

A Revolução de 8 de Novembro levaria a uma reaproximação entre os inimigos do castilhismo, e o *Bisturi* voltava a elogiar J. J. Cezar. Nesse sentido, a folha caricata descrevia os festejos em homenagem aquele evento, destacando que, à porta da redação do *Eco do Sul*, Cezar, junto de outros jornalistas, denominados de "lutadores", teriam pronunciado "eloquentíssimos discursos", dando provas, "em frases candentes", do "seu grande patriotismo e elevados dotes oratórios"⁴³. Na mesma época, o redator principal do *Eco do Sul* assinou

⁴² ECO DO SUL. Rio Grande, 28 nov. 1891, a. 38, n. 269, p. 1.

⁴³ BISTURI. Rio Grande, 29 nov. 1891, a. 15, n. 47, p. 2.

também os editoriais "O grande chefe"⁴⁴, "Em tempo"⁴⁵, "8 de Novembro de 91"⁴⁶, "Brigam as comadres"⁴⁷ e, no dia em que retornavam as Historietas, ele escreveu "O castilhanismo":

É por demais sabido e provado que o ex-presidente Castilho tudo envidou para sufocar o glorioso movimento revolucionário que o obrigou à deposição, terminando por abater a ditadura retrograda central. (...)

Raivoso, sem intuitos alevantados, não podendo conformar-se com a perda do poder, o ex-presidente insultou a Revolução, confessando imbecilmente que havia sido enxotado pela garotada desenvolta! (...)

Sabemos que o dever ordena-nos o esquecimento de lutas que foram tempestuosas, mas não nos é possível guardar silêncio diante das manifestações de calculado egoísmo, por parte de um poder que envidava o maior esforço para sufocar a liberdade no Rio Grande do Sul.

O castilhanismo, que é uma história de tristezas e vergonhas, conspira ainda, e, portanto, é preciso não deixá-lo a gosto nas suas explorações criminosas.⁴⁸

Nesse meio tempo, o *Eco do Sul* transcreveu editoriais do jornal *O Rio Grande*, órgão dos dissidentes republicanos, editado em Porto Alegre e J. J. Cezar ainda assinou o editorial "O nosso ideal"⁴⁹ e, na data em que foi inserida a última Historieta, publicou "Uma revolução"⁵⁰. Na edição seguinte, o redator

⁴⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 nov. 1891, a. 38, n. 270, p. 1.

⁴⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 dez. 1891, a. 38, n. 272, p. 1.

⁴⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 dez. 1891, a. 38, n. 273, p. 1.

⁴⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 dez. 1891, a. 38, n. 276, p. 1.

⁴⁸ ECO DO SUL, Rio Grande, 12 dez. 1891, a. 38, n. 281, p. 1.

⁴⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 dez. 1891, a. 38, n. 282, p. 1.

⁵⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 dez. 1891, a. 38, n. 285, p. 1.

apresentava aviso denominado "Ausência temporária", datado com o dia daquele derradeiro poemeto, no qual informava que teria de deixar por breve período suas funções no *Eco*. Em seguida o próprio periódico reiterava a notícia do afastamento, lamentando a ausência de Cezar, mas descrevendo-o como um dos protagonistas na deflagração revolucionária:

Tendo de seguir, a bordo do vapor *Cometa*, para a Capital Federal, onde terei curta demora, entrego a direção política do *Eco do Sul* ao meu prezado amigo Camboim Filho, que tem o nome no registro patriótico dos melhores serviços à Revolução.

Conhecedor da situação atual, hábil e criterioso, ele saberá manter dignamente este posto, que é mais de sacrifícios do que de presumíveis compensações.

De acordo com o meu companheiro Alfredo Rodrigues de Oliveira, com quem sempre mantive unidade de vistas, continuarei, fora do Estado, a prestar meus serviços a esta folha, que tem a maior soma de responsabilidades perante os últimos acontecimentos da gloriosa terra rio-grandense.

Espero ordens dos meus amigos, de todos os companheiros leais que tanto me auxiliaram na patriótica campanha contra a tirania, cercando este órgão de publicidade do maior prestígio, nos momentos de mais amarga provança.

Durante a minha permanência na Capital Federal, cumprirei fielmente as indicações que me forem feitas. 51

Para a Capital Federal, onde pensa ter curta demora, segue hoje a bordo do paquete *Cometa* o nosso prezado amigo João José Cezar, redator desta folha.

Arredado por essa causa e por algum tempo das lides da imprensa, o denodado paladino abre nas colunas desta folha um vácuo imenso, insubstituível.

⁵¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 dez. 1891, a. 38, n. 286, p. 1.

Dizer o que vale esse impertérrito soldado da República, como ele tem por ela combatido, a que ordem de sacrifícios tem investido para que o ideal republicano não seja falseado, com que valor tem profligado o procedimento dos falsos apóstolos da democracia, seria repetir o que todos sabem, o que todos têm aplaudido.

Despedindo-nos, pois, do prezado amigo e companheiro de lutas, desejamoslhe todas as venturas de que é digno.

Aos colegas da Capital Federal, temos a satisfação de apresentar o nosso dedicado amigo, redator do $Eco\ do\ Sul$, não só como um dos mais estrênuos combatentes da República, mas ainda, como um cavalheiro e colega digno de todo o apreço. 52

Já no início de 1892, o *Eco* notificava que recebera telegrama informando que partira da capital federal, "o nosso estimável companheiro e chefe da redação desta folha Sr. João José Cezar"⁵³. Nesse ínterim, a cordialidade para com o redator do *Eco do Sul* seria reforçada nas páginas do *Bisturi*, ao mostrá-lo de volta ao Rio Grande, carregando uma maleta e a sua pena – como símbolo do escritor público –, sendo acompanhado por um criado, que carregava sua bagagem e suvenires trazidos do Rio de Janeiro. O bobo da corte, como designação do caricaturista, dava um caloroso abraço no recém-chegado. A folha manifestava suas saudades e notificava: "Está de volta de sua viagem à capital federal o nosso muito simpático e prezadíssimo colega"⁵⁴.

⁵² ECO DO SUL. Rio Grande, 22 dez. 1891, a. 38, n. 289, p. 1

⁵³ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 fev. 1892, a. 39, n. 38, p. 1.

⁵⁴ BISTURI. Rio Grande, 21 fev. 1892, a. 16, n. 9, p. 2.



A partir da nova situação, J. J. Cezar obteria um cargo público e o *Eco do Sul* publicou matéria saudando-o e considerando-o plenamente apto para a função, contradizendo as invectivas da imprensa castilhista:

Em homenagem a este ilustre rio-grandense, que, como bem poucos, tem sabido honrar em gloriosos prélios esta nobre terra que lhe serviu de berço, e não tanto em consideração aos órgãos da oposição, trataremos, despidos de todo e qualquer ressentimento político, da acertada nomeação para o cargo de juiz distrital desta cidade, feita pelo governo do extremado patriota Barros Cassal.

A política desorientada, que em vez de inspirar-nos nos verdadeiros princípios de direito e de justiça em defesa dos interesses da comunhão, vai, na impossibilidade de exibir dados de acusação colhidos no presente, recorrer ao passado — para revolver ódios e recordar paixões, que efemeramente se ateiam, quando mais renhidas se tornam as lutas políticas pela imprensa, no intuito inconfessável de confundir a opinião pública e melhor poder sustentar, assim alimentada, uma oposição sistemática ao governo da União e do Estado, é a verdadeira origem de todos os males que desgraçadamente afligem a nossa pátria.

Na opinião dos adversários do governo, este ainda não realizou uma única medida que fosse acertada, não fez ainda uma única nomeação que revelasse critério e nem tomou uma só providência que patenteasse desejos patrióticos de bem querer administrar.

As censuras dirigidas ao governo por uma oposição assim sistemática, não pode ser inspirada no bem público, pelo que nem sempre serão justas e muito menos desembaraçadas de interesses estranhos à sociedade.

Uma tal posição está visível e incontestavelmente desviada da sua nobre missão: os conceitos por ela externados deixam de inspirar fé, e os seus órgãos tornam-se suspeitos perante o supremo tribunal da opinião pública, do qual parecem zombar, não obstante ser sempre inexorável em suas sentenças.

Os governos deixam de ter fiscais, quando os partidos e a imprensa da oposição assumem semelhante atitude.

É este o maior mal da política no Brasil: nunca há na oposição quem saiba discriminar os bons dos maus atos do governo; por isso o povo, a seu turno, perde a confiança que deve ter na imprensa e nos partidos, que, tudo reprovando, são considerados meros especuladores, que levam a berrar e a se expor impelidos por amor unicamente do poder.

É a propaganda da descrença que não aproveita a ninguém, mas de funestas consequências para a nação.

Para avaliar-se a suspeição com que a imprensa oposicionista analisa os atos do governo, basta dizer que ela impugna a nomeação de J. J. Cezar para juiz distrital unicamente porque Cezar, na passada situação política, sustentou contra essa mesma imprensa "acesas e irritantes lutas", muitas vezes desviadas para o terreno das personalidades. mas estes desvios jamais se poderão atribuir a uma tendência particular de qualquer dos contendores para semelhante espécie de lutas,

e sim à exaltação de ânimo de que muito naturalmente se deixavam possuir, de parte a parte, no momento em que mais renhidas se tornavam as discussões sobre assuntos políticos ou sociais, na convicção excitante, e ao mesmo tempo louvável, de que se digladiavam por causas de interesse público de tanta magnitude, que pouco importava o sacrifício de personalidades pelo triunfo que pudessem alcançar em benefício da sociedade.

Desse elevado ponto de vista foi que o *Eco* sempre partiu contra os órgãos adversos, com os quais tem travado discussão.

Não há jornalista que não tenha o seu credo político, ao qual consagre dedicação sincera, mais ou menos exaltada (é até o que se observa nos que se dizem neutros!); não há jornalista que não tenha sustentado "lutas acesas e irritantes"; não há jornalista, finalmente, por mais prudente e criterioso que seja, que no desempenho do seu sagrado sacerdócio, tenha deixado de adquirir odiosidades.

Conclusão lógica: na opinião dos nossos adversários, o jornalista jamais poderá desempenhar um cargo judiciário.

É um juízo falso que avilta a imprensa que o lança em público: o jornalista deve ser um homem apto para exercer qualquer função social no meio em que doutrina.

Chamado, por exemplo, para exercer um cargo na magistratura, antes de pisar as portas do templo da justiça, terá que despir a armadura com que diariamente se expõe em "acesas e irritadas lutas", para então poder nele penetrar e ser sagrado órgão da justiça pública.

E o que impossibilita o cidadão J. J. Cezar de assim proceder?

Julgam impossível a coisa mais fácil deste mundo, provando, à saciedade, o quanto são suspeitos no juízo antecipado que formulam.

Os colegas da imprensa local, nossos adversários, nos fazem crer que, invertido o caso, não se julgariam nas condições de exercer o cargo de juiz distrital pela mesma razão que impugnam a nomeação do ilustrado e criterioso cidadão J. J. Cezar, com quem "sustentaram lutas acesas e irritantes"!!

Acreditai, senhores da oposição, nós vos consideramos um pouco mais dignos do que vos julgais a si próprios! 55

⁵⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 mar. 1892, a. 39, n. 64, p. 1.



Nessa ocasião, Cezar seria retratado pelo *Bisturi* em trajes de magistrado, com a espada da justiça e o livro das leis embaixo do braço, enquanto, na outra mão, ostentava a nomeação para juiz distrital da cidade do Rio Grande⁵⁶.

Apesar da ocupação assumida, J. J. Cezar manteve-se o *Eco do Sul* e, poucos dias depois, o próprio editorialista redigia texto intitulado "Nova fase", anunciando o seu retorno às páginas do diário rio-grandino e explicitando que o

⁵⁶ BISTURI. Rio Grande, 20 mar. 1892, a. 16, n. 13, p. 3.

periódico passaria a apoiar os governantes que sucederam o derrotado castilhismo:

Voltando a este posto, trazemos do governo um compromisso de honra, que há de ser inalteravelmente mantido. (...)

A autoridade suprema, dentro das raias traçadas pela ORDEM, vai realizando o ideal da política orgânica, deixando aberto a todas as manifestações espirituais o campo da atividade pacífica — o PROGRESSO. (...)

É preciso que o Rio Grande do Sul seja o primeiro a dar um exemplo de política magnânima, não estorvando a liberdade do voto – já que ao Rio Grande coube a glória de encaminhar a pátria para a revolta contra o despotismo dentro da República.

Nova fase está aberta a este glorioso Estado, que aos poucos vai ser reconstruindo, e com ela é solidária o *Eco do Sul*, a folha que mais operou na destruição.

Das alturas do governo está banido o ódio, que não mais tem guarida nas colunas do *Eco do Sul* – órgão governista.⁵⁷

A Federação que deixara de citar o nome de João José Cezar, mesmo diante dos editoriais e das Historietas, não deixou de lançar dúvidas sobre a sua capacidade para o cargo público, como ao denunciar que ele retirara passageiros de um paquete que se achava em quarentena, considerando tal ato como um "grande escândalo"⁵⁸ e, mais tarde, questionava a autoridade daquele "juiz de direito interino" para suspender um funcionário⁵⁹. Nesse meio tempo, Cezar

⁵⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 mar. 1892, a. 39, n. 68, p. 1.

⁵⁸ A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 7 abr. 1892, a. 9, n. 81, p. 1.

⁵⁹ A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 6 jun. 1892, a. 9, n. 128, p. 1.

consideraria inviável conciliar a função jurídica com a de jornalista, vindo a afastar-se do *Eco do Sul*, cuja direção notificou tal saída:

Desde esta data deixa temporariamente a redação do *Eco do Sul* o nosso distinto e particular amigo o cidadão João José Cezar, que não lhe permitindo as muitas ocupações dar cabal cumprimento, como é seu costume, aos trabalhos diários que um tal encargo exige, ele próprio propõe essa interrupção.

O intemerato e atilado jornalista, durante o tempo que permaneceu à frente da redação desta folha, deu o testemunho mais eloquente do seu invejável preparo para as lides jornalísticas, revelando em todo o seu trabalho inteligência e ilustração pouco comuns.

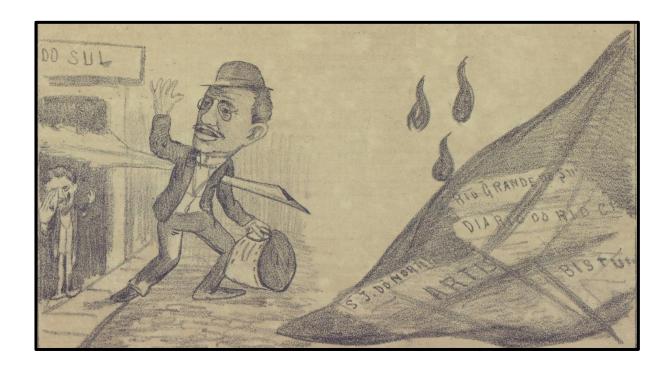
Ainda não há tanto tempo que tão saliente e brilhante figura fez nas grandes lutas que terminaram com a gloriosa revolução de novembro último, para que se nos apague da reminiscência todo o seu pujante valor, nas melindrosas ocasiões em que nem todos sabem dar saída airosa a compromissos que importam a queda do homem, ou a elevação do mesmo às alturas da fama.

Só temos, pois, louvores a tecer a quem tão galhardamente se desempenha de tudo a que se propõe, e, aproveitando a oportunidade da ocasião que se nos depara, esta empresa agradece os valiosíssimos e inúmeros serviços que o mesmo cidadão prestou a esta folha enquanto a redigiu.⁶⁰

O *Bisturi* apresentou a sua versão desse afastamento, trazendo a despedida de J. J. Cezar, de maleta à mão e a pena debaixo do braço, abanando para o seu choroso chefe, enquanto lágrimas e um véu negro caíam sobre os demais representantes da imprensa. Abaixo da caricatura, o periódico humorístico afirmava: "Também temos outra notícia de sensação que é a

⁶⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 maio 1892, a. 39, n. 121, p. 2

retirada do João Cezar da redação do *Eco!...* "Não chora Alfredinho, tenha paciência, isto aqui já não rende e preciso tratar da vida!"; e completava: "Por este motivo a imprensa rio-grandense cobre-se de pesado luto"⁶¹.



Por outro lado, o *Rio Grande do Sul*, órgão castilhista local, não seria nem um pouco amistoso para com Cezar, publicando a nota "Ao *Eco*", na qual colocava em dúvida o seu real afastamento, lançando críticas sobre o próprio

⁶¹ BISTURI. Rio Grande, 29 maio 1892, a. 16, n. 22, p. 3.

jornalista, a direção do periódico e a administração que sucedera o castilhismo, denominada pejorativamente de *governicho*:

Este jornal deitou ontem *falação* aos povos dizendo que o atual juiz de direito interino deixava, provisoriamente, o cargo de redator daquela folha.

Esqueceu-se o *Eco* de satisfazer a curiosidade pública não revelando o nome do substituto do *intemerato e atilado jornalista, elevado às alturas de um brilhante herói de revolução...* Isto se é sério toma uns ares de entreato de tragédia, se é pilhéria da gente do *Eco* está a calhar na revista que hoje vai à cena.

Ora o Cezar João considerado como *brilhante figura nas grandes lutas de novembro...* Ó aquele, traz daí cáustico para um.

O que deduzimos da notícia do *Eco*, escrita com certa manha, é que o juiz interino continua de fato a ser o redator da referida folha, não assinando o que escreve, ou então, o mesmo vai insuflando por de trás da cortina os comparsas que se sujeitam a servir de porta-voz do rancorismo do atrabiliário escritor.

Entretanto o *Eco* que botou os bofes de fora a favor do tal decreto do governicho, que cumpriu à risca o determinado na obrazinha, devia ser coerente e mostrar-se solidário com o mencionado decreto apresentando aos povos o nome do seu atual redator.

Vamos lá. Mais um empurrão e a coisa que saia.62

Com o retorno dos castilhistas ao poder, o proprietário do *Eco do Sul* apresentou matéria na qual afirmava que abandonaria as disputas de natureza político-partidária, perspectiva que não viria a se cumprir, mantendo-se o jornal na oposição e na resistência, o que lhe custou pesada repressão. Tal manifesto enfatizava a luta até então empreendida e destacava o papel de J. J. Cezar nessa caminhada:

⁶² RIO GRANDE DO SUL, 29 maio 1892, a. 2. N. 120, p. 2.

Em face dos acontecimentos que enlutam a moral política do nosso país e muito principalmente do nosso Estado, não há homem, por maior boa vontade que tenha de servir à causa pública, que não sinta o desânimo e a descrença na sinceridade de todos os sentimentos cívicos.

Os acontecimentos fazem-no descrer de tudo e, sobretudo, convencem-no de que os sacrifícios não foram feitos para as lutas do partidarismo.

[Dizia ter pertencido ao partido conservador], continuando a República com a mesma fidelidade a prestar o meu concurso ao partido federal, cheio de aspirações e tendente a implantar a felicidade em meio da anarquia que tem reinado depois do 15 de Novembro de 1889.

Não foi fraco o meu concurso prestado. As colunas deste jornal, do qual sou o proprietário, sob a pena intemerata de João José Cezar, serviram de conduto para a guerra sem tréguas que o meu partido moveu aos governos despóticos, que não souberam revelar o amor reclamado pelos interesses sacrossantos da pátria anarquizada⁶³.

À retomada do governo pelo castilhismo consolidaria o modelo autoritário, exclusivista e personalista do regime, incrementando também os ódios partidários e ideológicos, que, inevitavelmente, redundariam na guerra civil, que se desenvolveu de 1893 a 1895. Após a virada política, com a nova ascensão dos castilhistas, J. J. Cezar viria a perder sua ocupação pública, voltando à redação do *Eco do Sul*, onde permaneceu combativo desde a segunda metade de 1892, até os meses iniciais do ano seguinte. Com o recrudescimento da crise e do cerceamento, ele viu-se obrigado a deixar o Rio Grande do Sul, indo para o Rio de Janeiro, onde fundou e redigiu a *Crônica*. Mais tarde voltaria a seu

⁶³ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 jun. 1892, a. 39, n. 130, p. 1.

Estado natal e, demonstrando que as disputas políticas não foram aplacadas de todo, com a manutenção do autoritarismo castilhista, ainda viria a sofrer perseguições já no início do século XX.

No ano de 1891, Cezar atingira o apogeu de seu combate ao castilhismo, levando em frente as matérias editoriais do *Eco* e sustentando a polêmica por meio de poemetos satíricos com as Historietas. Logo na abertura do ano, *Cantu-Mirim* saudava os leitores, desejando afastar-se dos males de 1890⁶⁴. Como foi comum em meio a tal seção, utilizou-se das edições de número redondo para renovar suas intenções, como ao chamar atenção para as "duzentas historietas, em temas muito diversos", que perfaziam "oitocentas quadrinhas e três mil e duzentos versos". Diante disso prometia seguir "nesta lida constante, tendo por mote a alegria" e "zurzindo, impiedoso, a mais reles *bicharia*", enfatizando que era "amigo dos amigos", reservando o "laço" para "os patifes"⁶⁵. Já na trecentésima edição daquela "seção de pilhéria", destacava que pretendia "falar seriamente, dizendo a verdade séria", ou seja, que todo o seu "empenho" era o de "destruir o que é um fato, este regime bandalho", que tinha "por mentor... um *pato!*"⁶⁶.

Ainda que o conteúdo predominante das Historietas fosse a crítica política, houve também espaço para um olhar agudo, mordaz e censório para com a sociedade, na realização de uma cáustica crítica de costumes. Nessa

⁶⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º jan. 1891, a. 38, n. 1, p. 2.

⁶⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 fev. 1891, a. 38, n. 44, p. 2.

⁶⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jun. 1891, a. 38, n. 145, p. 2.

linha, estiveram sob a mira dessa óptica crítica vários elementos constitutivos da vida social rio-grandense e brasileira, entre eles o casamento por interesses financeiros⁶⁷; o crime de moeda falsa⁶⁸; o contrabando⁶⁹; a divulgação de um assassinato aparentemente inexistente por parte de um periódico⁷⁰; as dúvidas quanto à continuidade das obras da barra da cidade do Rio Grande⁷¹; a prática da jogatina⁷²; as opções de entretenimento à época de feriados⁷³; as situações constrangedoras em bailes⁷⁴; o voto celibatário dos clérigos; as péssimas condições higiênicas das cidades, e o perigo da peste⁷⁵; a necessidade de melhor calçamento das ruas⁷⁶; a presença das companhias de operetas⁷⁷; a precariedade nas instalações de uma estação telegráfica⁷⁸; os crimes passionais⁷⁹; e o hábito do banho⁸⁰. Também constituíram alvos recorrentes de tal olhar as companhias artísticas e a própria imprensa, no caso dos erros tipográficos e redacionais dos colegas jornalistas e as notas e os anúncios mal elaborados.

⁶⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 jan. 1891, a. 38, n. 3, p. 2.

⁶⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 jan. 1891, a. 38, n. 4, p. 2.

⁶⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jan. 1891, a. 38, n. 5, p. 2.

⁷⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jan. 1891, a. 38, n. 6, p. 2.

⁷¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 jan. 1891, a. 38, n. 8, p. 2.; e 27 out. 1891, a. 38, n. 245, p. 2.

⁷² ECO DO SUL. Rio Grande, 29 jan. 1891, a. 38, n. 22, p. 2.

⁷³ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 fev. 1891, a. 38, n. 26, p. 2.

⁷⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 fev. 1891, a. 38, n. 37, p. 2.

⁷⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 abr. 1891, a. 38, n. 84, p. 2.

⁷⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 abr. 1891, a. 38, n. 85, p. 2.

⁷⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 abr. 1891, a. 38, n. 87, p. 2.

⁷⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 ago. 1891, a. 38, n. 185, p. 2.

⁷⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 nov. 1891, a. 38, n. 253, p. 2.

⁸⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 nov. 1891, a. 38, n. 254, p. 2.

O direcionamento essencial das Historietas era a vida política, não sendo poupados seus atores sociais na esfera federal, estadual e local. Para tanto, J. J. Cezar lançava mão de várias estratégias para atacar os adversários, normalmente seguidores ou apoiadores do castilhismo. Uma delas era a utilização de apelidos, que se não acusavam diretamente os implicados, levavam a um provável reconhecimento de parte do público leitor, em grande parte conhecedor dos alvos a ser atingidos com aquelas alcunhas. Nesse sentido, os castilhistas foram identificados por várias denominações, assim como seu principal líder, Júlio de Castilhos, na maioria das vezes apontado como o "pato". Outro caso foi a informalidade no uso do nome "Costinha", em alusão ao governante Cândido José da Costa, que administrou o Rio Grande do Sul de maio de 1890 a março de 1891, valendo o mesmo para o "Frota", na verdade, Júlio Anacleto Falcão da Frota, que também governara o Estado, de fevereiro a maio de 1890.

Outros atingidos pelas Historietas foram os governantes no quadro executivo municipal nos primeiros anos da República, muitos deles militares e articulados com o castilhismo. Dentre eles estiveram o doutor Manoel Antônio Afonso dos Reis, o comendador Carlos Guilherme Rheingantz, o major Teófilo de Azevedo, o coronel José Luiz de Mesquita e o coronel Virgilino José da Porciúncula Júnior⁸¹. Nessa linha, nas Historietas havia referência a um "Mesquita", membro do governo castilhista e a um "Reis" que era o doutor

⁰

⁸¹ FONTOURA, Edgar Braga da. *Sinopse da História do Rio Grande*. Rio Grande: Editora da FURG, 1985. p. 15-17.

Antônio Afonso Reis, o qual fazia parte da Junta Municipal e compunha a sociedade "Reis, Bastos & Cia.", proprietária da Tipografia do Trocadero⁸², a mesma que fundaria o jornal *Rio Grande do Sul*, no qual Reis também atuou como editorialista e diretor da redação⁸³. Tal periódico, editado a partir de junho de 1891, aliou-se aos castilhistas, daí os debates para com o *Eco do Sul* e J. J. Cezar.

Outro personagem apontado por J. J. Cezar era o "Thomaz", que se tratava de Thomaz de Melo Guimarães, conhecido jocosamente pelo apelido de "Melado", que fora sócio de Alfredo Rodrigues de Oliveira no *Eco do Sul*, desde o início de 1889, até janeiro do ano seguinte⁸⁴, vindo a desligar-se de tal folha, discordando de seu norte político. Já o "Zé Maria" poderia ser o coronel José Maria da Cunha Silveira, secretário geral do comando superior da Guarda Nacional da Comarca do Rio Grande, além do fato de que Zé Maria assinava uma seção composta também de poemetos satíricos denominada "Palhetadas" e inserida nas páginas do *Rio Grande do Sul*, havendo entre ele e *Cantu-Mirim* vários enfrentamentos⁸⁵. Outra presença das Historietas, o "Abel" tratava-se do tenente-coronel Abel Gomes, militar que ocupou cargos públicos⁸⁶. Enquanto

⁸² RELATÓRIO da Junta do Município do Rio Grande (16 de dezembro de 1889 – 8 de novembro de 1891). Rio Grande: Tipografia do Trocadero de Reis, Bastos & C., 1892. p. 3-9.

⁸³ RIO GRANDE DO SUL. Rio Grande, 28 ago. 1891, a. 1, n. 76, p. 1

⁸⁴ ECO DO SUL. RIO GRANDE, 26 jan. 1890, a. 37, n. 21, p. 1.

⁸⁵ RIO GRANDE DO SUL. Rio Grande, 17 jul. 1891, a. 1, n. 40, p. 1.

⁸⁶ BISTURI. Rio Grande, 24 ago. 1890, a. 3, n. 36, p. 2

isso, o "Cintra", era o capitão Cintra, que ocupava o cargo de delegado de polícia⁸⁷.

Foram ainda alvos das incursões de *Cantu-Mirim* alguns colegas de jornalismo, como os já citados, e a *Maurícia*, nome vinculado a outra folha riograndina, a *Gazeta Mercantil*, cujo redator foi também promotor público⁸⁸. Mantendo a rivalidade entre os seguidores de Júlio de Castilhos e os oposicionistas, vários dos adversários de J. J. Cezar estiveram ligados ao jornal *Rio Grande do Sul*, de modo que "Tobias" era um dos redatores deste periódico⁸⁹. "*Felipa*" era outra referência a um componentes do corpo redacional do *Rio Grande do Sul*, conforme as próprias indicações das *Historietas* e como confirmava o *Bisturi*, destacando que no *Eco* "contam-se historietas", com constantes "*ataca felipe*" Nesse quadro, F. Coimbra também assinava matérias no jornal que se contrapunha ao *Eco*91.

Uma das predileções de *Cantu-Mirim* era tratar a aqueles que detratava passando seus nomes para o feminino. Nessa linha, apareciam, entre outros, "Cardosa", "Maurícia" e "Filipa", este último chegando a ter seu retrato em vestes femininas estampado na edição especial alusiva ao número 400 das "Historietas", constituindo a única gravura apresentada nessa seção em todas as

⁸⁷ BISTURI. Rio Grande, 23 jun. 1889, a. 2, n. 24, p. 5; 2 out. 1890, a. 3, n. 46, p. 2.; 1° mar. 1891, a. 15, n. 8, p. 3; 31 maio 1891, a. 15, n. 21, p. 2.; e 30 ago. 1891, a. 15, n. 34, p. 3.

⁸⁸ BISTURI. Rio Grande, 29 jun. 1890, a. 3, n. 23, p. 2

⁸⁹ BISTURI. Rio Grande, 7 jun. 1891, a. 15, n. 22, p. 2.

⁹⁰ BISTURI, 1º nov. 1891, a. 15, n. 43, p. 2

⁹¹ RIO GRANDE DO SUL. Rio Grande, 3 out. 1891, a. 1, n. 106, p. 1; e 27 set. 1891, a. 1, n. 101, p. 1.

suas edições. Tal estratégia, bastante vinculada à sociedade predominantemente patriarcal e machista de então, advinha da intenção de menoscabar a figura retratada, por igualá-lo ao denominado "sexo frágil", visando a demonstrar uma "fraqueza" dos mesmos, e, fundamentalmente, intentando subtrair a altivez de suas hombridades, em clara prática de preconceito a partir do gênero.

Seja na parte textual, ou no único registro iconográfico das Historietas, essa prática de feminizar os personagens masculinos no intuito de menoscabálos era muito comum à prática da caricatura, como aquela expressa por meio do jornalismo ilustrado sul-rio-grandense. Foi o caso de *O Diabrete*, ao mostrar um indivíduo em tradicional pose muitas vezes utilizada pelas damas para serem retratadas, com destaque à cortina levantada e a uma mesa com um livro e um arranjo de flores⁹². Já o *Cabrion* trazia um personagem barbado, mas de vestido, que sustentava uma longa vara estranhamente empregada "na pesca dos *tubarões"*⁹³ e, a mesma folha, sob a epígrafe "escândalos" apresentava a investida de um político sobre outro, em vestes femininas, que resistia ao avanço do primeiro, sob a argumentação de que era ainda "donzela"⁹⁴.

De tal feminização nem mesmo os colegas jornalistas escapavam, como o *Maruí* ao estampar uma cena de carnaval, na qual os redatores comemoravam, entre eles o do *Eco do Sul* e o do *Artista* dançando, com o detalhe que este último

⁹² O DIABRETE. Rio Grande, 18 jan. 1880, a. 5, n. 29, p. 1.

⁹³ CABRION. Pelotas, 11 jan. 1880, a. 1, n. 49, p. 4.

⁹⁴ CABRION. Pelotas, 1º fev. 1880, a. 2, n. 52, p. 8.

trajava um vestido, o que poderia ser uma licença para a época festiva, não fosse o fato de ele ser o único personagem identificável pela exposição do rosto e assim travestido⁹⁵. Em outro desenho humorístico, a mesma folha trazia um político como uma parteira, que teria ajudado no "nascimento" de uma "famosa reforma"⁹⁶. Uma aliança entre dois políticos era representada pelo *Século* como se fosse um casamento, em que um era o noivo e outro, a noiva, o destaque ficava por conta da perspectiva de que a cerimônia era presidida pelo próprio demônio⁹⁷. Na concepção da *Ventarola*, um homem público, apresentado como uma "mamã", buscava conter o ímpeto de um colega político, em vestes de inspiração mitológica, alusiva ao deus da guerra⁹⁸. Em outra ocasião, o *Bisturi* antecipava os festejos carnavalescos, mostrando os responsáveis pelos jornais como foliões, entre eles o "Melado", Thomaz de Melo Guimarães, que, por breve período foi um dos proprietários do *Eco do Sul*, em provocantes roupas femininas⁹⁹.

_

⁹⁵ MARUI. Rio Grande, 15 fev. 1880, a. 1, n. 7, p. 4-5.

⁹⁶ MARUI. Rio Grande, 11 jul. 1880, a. 1, n. 28, p. 4-5.

⁹⁷ O SÉCULO. Porto Alegre, 7 jan. 1883, a. 4, n. 109, p. 4-5.

⁹⁸ A VENTAROLA. Pelotas, 19 jun. 1887, a. 1, n. 11, p. 4.

⁹⁹ BISTURI. Rio Grande, 6 jan. 1889, a. 2, n. 1, p. 4-5.



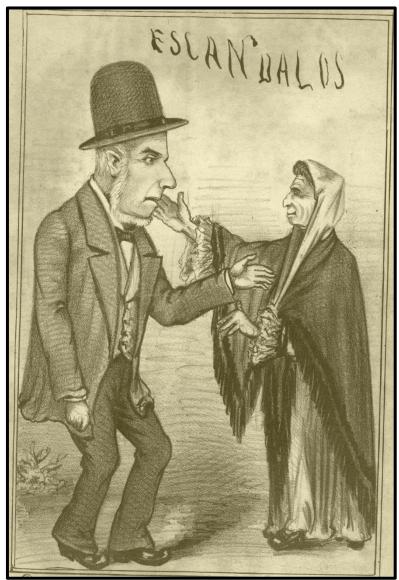
A Felipa de Cantu-Mirim na 400ª Historieta do Eco do Sul, 30 out. 1891



O Diabrete, 18 jan. 1880



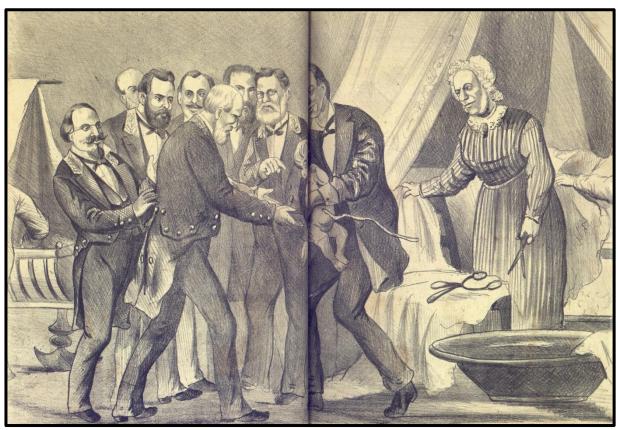
Cabrion, 11 jan. 1880



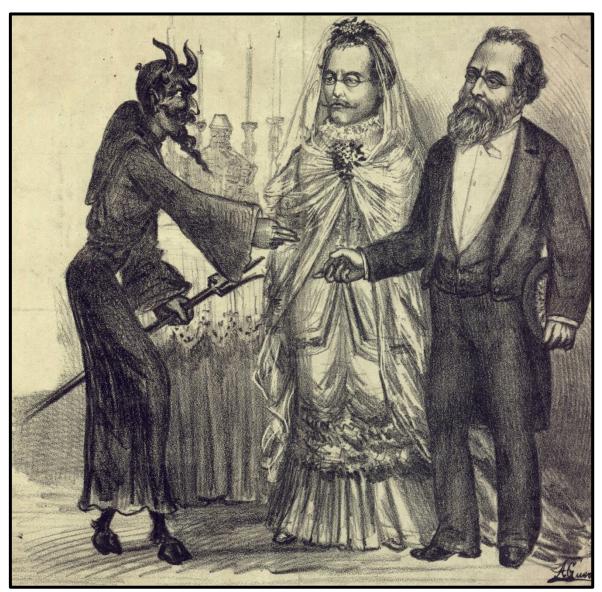
Cabrion, 1º fev. 1880



Marui, 15 fev. 1880



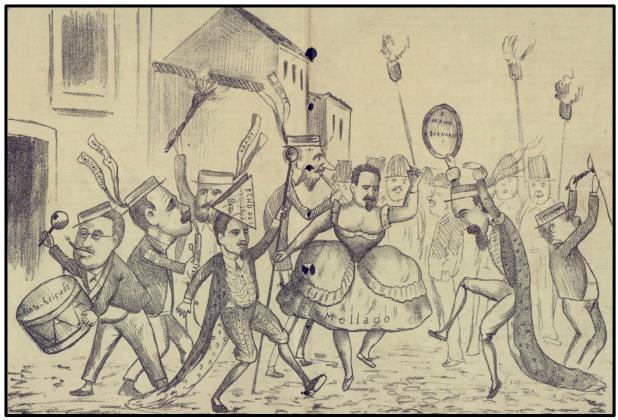
Marui, 11 jul. 1880



O Século, 7 jan. 1883



A Ventarola, 19 jun. 1887



Bisturi, 6 jan. 1889

Os escopos fundamentais das críticas e ataques de *Cantu-Mirim* estiveram direta ou indiretamente relacionados com o regime castilhista. Os inimigos eram denominados de várias maneiras pejorativas, no intento de ridicularizá-los, diminuí-los e imputar-lhes todas as incapacidades, de modo a

demonstrar sua ilegitimidade para ocupar o poder. Os sectários do castilhismo foram chamados de executivos – os exclusivistas donos do poder, os executores, os situacionistas; jacobinada – relembrando o jacobinismo radical francês; tristes – pelas calamidades que estariam trazendo ao Rio Grande do Sul; picapaus – como sinônimo de peta, maçador e impertinente, aludindo também à denominação que se firmaria à época da Revolução Federalista, em referência aos uniformes das tropas legalistas; patuscada – aqueles que não levavam a coisa pública a sério; patota – como conjunto de trapaceiros, enganadores e malversadores das verbas públicas; bicharada – aqueles que abichavam, que criavam vermes em seu interior; e jericada – na perspectiva de jerico, indivíduo estúpido, idiota e imbecil, ou seja, em sinonímia com asno, burro e jumento. Como a maior parte dos dissidentes republicanos, a mais significativa discordância para com o castilhismo era o seu sentido autoritário, daí designar tal modelo como ditadura, tirania e despotismo.

Nesse sentido, o grande inimigo que inspirava as Historietas era Júlio Prates de Castilhos que, embasado no ideário comtiano, criou um regime *sui generis* para o Rio Grande do Sul. Ao passo que na maior parte dos Estados brasileiros e mesmo na esfera federal, a República se organizou em moldes liberais, na mais meridional das unidades federativas, a matriz foi o positivismo, estabelecendo-se um organismo autoritário, personalista e exclusivista, calcado basicamente no projeto de perpetuação no poder e controle pleno do aparelho do Estado, sem deixar brechas para qualquer possibilidade de ascensão oposicionista. Ao romper com tal regime, J. J. Cezar tornou-se um dos

tantos porta-vozes da dissidência e não poupou esforços na busca de deslegitimar os modos de agir e pensar típicos do castilhismo. A partir de tal premissa, o líder dos republicanos não tinha grafado o seu sobrenome completo, havendo uma proposital supressão do "s" final, ou seja, Júlio de *Castilho*, nome do qual se derivavam outros termos preferenciais para desqualificá-lo, como castilhano e castilhanismo, alusão a castelhano, como designação de estrangeiro e/ou estranho, que antepunha o autoritarismo às tradições de liberdade regionais e nacionais. O chefe do republicanismo gaúcho era também lembrado por um defeito vinculado à gagueira e a problemas localizados na garganta. A denominação mais usual para Castilhos foi a de "pato", buscando a irritação máxima do adversário, por tratar-se de um apelido da adolescência e pela carga insultuosa do termo, em sua acepção figurada de tolo, pacóvio, idiota e parvo.

A folha humorístico-ilustrada *Bisturi*, embora discordante quanto à opção do *Eco do Sul*, este pelos dissidentes republicanos, aquele liberal, também mostrou-se ferrenhamente anticastilhista e, como já começara a fazer em 1890, prosseguiu desenhando Júlio de Castilhos e seus seguidores como patos. Exemplo disso, foi a representação da chegada de algumas lideranças castilhistas, que aportavam de barco ao Rio Grande e circulavam pelas ruas citadinas¹⁰⁰. O próprio bobo da corte, símbolo das publicações caricatas, aparecia de crayon em riste ameaçando um grupo de patos, dizendo estar a postos, para

¹⁰⁰ BISTURI. Rio Grande, 8 mar. 1891, a. 15, n. 9, p. 4-5.

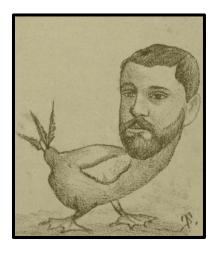
fazer "recuar este bando grasnador dos patos vendilhões e traidores" ¹⁰¹. Após a Revolução de 8 de Novembro, o periódico apresentava o "Pato Castilhos", explicando que até o momento uma das consequências do movimento era a de que um "pato" havia sido "depenado", em referência à queda do líder republicano¹⁰².





¹⁰¹ BISTURI. Rio Grande, 3 maio 1891, a. 15, n. 16, p. 1.

¹⁰² BISTURI. Rio Grande, 15 nov. 1891, a. 15, n. 45, p. 1.



Mesmo depois do retorno do castilhismo ao poder, o *Bisturi* não abandonou a postura combativa e, até quando pode, permaneceu trazendo a figura do pato para representar o chefe do PRR, como fez no caso de duas visitas de Castilhos à cidade do Rio Grande. Em uma delas apresentava a recepção que o político – com a cabeça humana e o corpo de palmípede – recebera, buscando demonstrar que ela não fora espontânea e sim forçada pelos capangas armados que acompanhavam o préstito, denominados ironicamente de "valente grupo de cidadãos *prestantes*" 103. Já em outra, o líder castilhista chegava sobrevoando a cidade portuária, cabeça humana e corpo de ave, de asas abertas e estranhamente conseguindo carregar uma maleta e, nessa ocasião, o palmípede

 $^{^{\}rm 103}$ BISTURI. Rio Grande, 14 ago. 1892, a. 16, n. 32, p. 2.

assumia feições bem mais terríveis, sendo comparado a um "horrendo monstro" que atravessara "o espaço, qual tempestade trovejando ao longe"¹⁰⁴.





Ficavam assim bem demarcadas as estratégias utilizadas pelos adversários do castilhismo em oposição e resistência ao regime dominante. O

 $^{^{\}rm 104}$ BISTURI. Rio Grande, 18 dez. 1892, a. 16, n. 48, p. 2.

Bisturi dispunha da representação iconográfica e Cantu-Mirim de uma construção discursiva textual que não ficava atrás no empreendimento do combate por meio das palavras. O quadro seguinte traz alguns dos cenários criados nas Historietas e as formas pelas quais foi tratado Júlio de Castilhos, seus sectários e o regime por ele criado.

CENÁRIOS ESTABELECIDOS PELAS HISTORIETAS	DESIGNAÇÕES ATRIBUÍDAS A JÚLIO DE CASTILHOS E AOS CASTILHISTAS (TRECHOS)
invasão de uma praga de gafanhotos e, no caso, a nuvem não seria formada por insetos e sim pela "bicharia"	[a] "própria via láctea sofreria um desengano, se pudesse ser mordida pelo dente castilhano". ¹⁰⁵
referência a um indivíduo glutão e, depois de "consumado" o banquete,	"o rapaz ainda comeu inteiro, um famoso <i>pato!"</i> 106
jogo de palavras com sobrenomes de membros do Congresso Nacional referentes a plantas e animais	"o mais feroz dos bichos é um gago, feio Pato!" ¹⁰⁷
queda ministerial na esfera federal	"coitados, tristes, coitados, esmaga-os da queda o fato, chorem na cama, porque também está na lama o pato".108
erro em nota fúnebre publicada junto à imprensa que modificou a profissão do falecido	"como tudo anda mudado, nada mais há que estranhar, pois se nos já temos visto patos sem água a nadar". ¹⁰⁹
críticas a ações do presidente do	"uma vez ele deixou o <i>pato</i> a grasnar aos bancos". ¹¹⁰

-

¹⁰⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jan. 1891, a. 38, n. 7, p. 2.

¹⁰⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 jan. 1891, a. 38, n. 10, p. 2.

¹⁰⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 jan. 1891, a. 38, n. 12, p. 2.

¹⁰⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 jan. 1891, a. 38, n. 17, p. 2.

 $^{^{\}rm 109}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 jan. 1891, a. 38, n. 19, p. 2.

Congress Nacional			
Congresso Nacional			
esquisitices do regime vigente	"– E tu? és mais <i>castilhano</i> que o Castilho, inda a nadar". ¹¹¹		
ambiente carnavalesco	"o mais reles dos <i>bexigas</i> , o mais feroz <i>cara-dura,</i> mostrou-se muito mais sério que os homens da ditadura". ¹¹²		
na folia de carnaval, o Zé Povinho divertia-se	"cavalgava o eterno <i>Zé</i> um pato! Que grande troça! E de pena, como um látego, dava no bicho uma coça!" ¹¹³		
nomeação de Carlos Thompson Flores como vice-governador	"Chama-se Flores, mas tem na alma muitos espinhos. Na raça dos <i>pica-paus</i> é dos piores daninhos". ¹¹⁴		
retorno de indivíduo ao Rio Grande do Sul sem ter conseguido concluir uma negociata	, , , , ,		
disputas acirradas no Congresso Nacional, chegando às vias de fato	"Mas o que eu queria ver era o <i>pato</i> na fieira!" ¹¹⁶		
suposta prisão de Jack, o Estripador, em Londres	or, "Se eu governo fosse, dar-te-ia absolvição, mas co uma condição: havias tu de estripar, com mão mestre, segura, todos os cancros funestos desta rel ditadura!" ¹¹⁷		
ducentésima edição das "Historietas"	"E nesta lida constante, tendo por mote a alegria, vou zurzindo, impiedoso, a mais reles <i>bicharia</i> ." ¹¹⁸		
eleição pelo Congresso Nacional de	"Que modos não teria o <i>castilhano</i> se lhe dessem a		

¹¹⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 jan. 1891, a. 38, n. 24, p. 2.

¹¹¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º fev. 1891, a. 38, n. 25, p. 2.

¹¹² ECO DO SUL. Rio Grande, 10 fev. 1891, a. 38, n. 31, p. 2.

 $^{^{113}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 fev. 1891, a. 38, n. 33, p. 2.

 $^{^{114}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 fev. 1891, a. 38, n. 35, p. 2.

 $^{^{115}\,}ECO$ DO SUL. Rio Grande, 15 fev. 1891, a. 38, n. 36, p. 2.

 $^{^{116}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 fev. 1891, a. 38, n. 38, p. 2.

¹¹⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 fev. 1891, a. 38, n. 39, p. 2.

 $^{^{118}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 fev. 1891, a. 38, n. 44, p. 2.

Deodoro da Fonseca para presidente da República	espada de tirano! Mas o caso é que, agora, perdendo a graça de Deus, o <i>pato</i> está mesmo na água, para a água levando os seus". ¹¹⁹		
retorno de Júlio de Castilhos dos trabalhos no Congresso Nacional	"Sim, eu espero que tu voltes, bicho, já sem rabicho, sem fatia já, pois tu perdeste, ó terrível <i>pato</i> , o próprio olfato de caracará! Rodaste feio, Julião feioso, zorro manhoso que nem dentes tem!" ¹²⁰		
indivíduo que perdeu cargo, por ser republicano de última hora	"Esse Orlando, furioso, gasparista sem igual, passou a ser do Castilho furioso serviçal". ¹²¹		
chegada do grupo castilhista de volta ao Rio Grande do Sul	"Tomou passagem o grupinho do Castilho. Todo ele em desalinho. Maltrapilho de ideia. Vem jururu o chefão! Já perdeu o caracu o tipão! E as quitandeiras, muito gaiteiras, vendem barato qualquer um pato". 122		
descrição de animais em uma fazenda imaginária	"Na roça as aves abundam. Mas em toda a bicharia um só bicho me incomoda. É todo branco, chatola, e às galinhas faz roda. Tenho ânsias de matá-lo e de comê-lo depois. Uma lembrança terrível eu vejo surgir então: é capaz, mesmo bem morto, matar-me de indigestão". 123		
suposta correspondência entre Castilhos e Cândido José da Costa, ao final do governo deste	"Diz recente telegrama que o <i>pato</i> mandou o pobre Costinha fazer amável cartinha. Fanor Castilho chamou (Desilusão!) que esta frase gaguejou: — Por compaixão! Respondeu o general, com ufania, que a União Nacional é contrária à bicharia". ¹²⁴		

¹¹⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 fev. 1891, a. 38, n. 46, p. 2.

¹²⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º mar. 1891, a. 38, n. 48, p. 2.

¹²¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 mar. 1891, a. 38, n. 49, p. 2.

¹²² ECO DO SUL. Rio Grande, 4 mar. 1891, a. 38, n. 50, p. 2.

¹²³ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 mar. 1891, a. 38, n. 52, p. 2.

¹²⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 mar. 1891, a. 38, n. 60, p. 2.

apresentação em Portugal de uma ópera-bufa chamada <i>O pato de três bicos</i>	"Esse pato de três bicos será pato original, mas cor certeza não é como o de cá — infernal! Tendo um bico o nosso pato tem bicado muita gente, se três tivesse que horror! seria um pato-serpente". 125	
diante de uma visita de Castilhos, uma reação extremada	"deitamos fogo, queimando o mato, pensamos logo ter morto o <i>pato!</i> ²⁵	
os governistas teriam conseguido um cargo no judiciário para um adesista	"Este Rabicó, juiz, sendo juiz sem rabicó, de há muito que pelo Júlio, <i>castilhano</i> , tem cambicho. E vão ver que é o Rabicó, que o pato vai a pagar". 127	
na visita de um dissidente republicano, suposta tentativa secreta de contato de parte dos situacionistas	"Mas não disse a <i>jericada</i> que tentou falar ao Demétrio, porém com muito cuidado, sem ser visto, para que não o soubesse o Castilho, que é o senhor que governa um bacharel tão zorrilho!" ¹²⁸	
periódico castilhista pelotense criticava o fornecedor de energia elétrica, afirmando que o consumidor estava pagando o pato	"Se soubesse que o Castilho foi assim apelidado, por um ato repulsivo noutros tempos praticado Jogo e juro que o <i>Menezes</i> do Castilho dava cabo, e a todos os pica-paus mandava para o diabo". ¹²⁹	
um castilhista tentado obter cargo público	"Como o <i>jerico</i> percebe que as coisas vão muito mal, quer ver se o Castilho o passa para juiz municipal". 130	
narrativa sobre uma caçada	"Um após outro, dois tiros. Duas aves baleadas, mas aves de <i>estimação</i> No banhado estrebuchavam dois enormes patos mansos! ¹³¹	
dúvidas sobre a formação acadêmica	"Já que possuis, caro Ignácio, da ciência os seus	

¹²⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 mar. 1891, a. 38, n. 61, p. 2.

 $^{^{\}rm 126}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 20 mar. 1891, a. 38, n. 64, p. 2.

¹²⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 mar. 1891, a. 38, n. 71, p. 2.

 $^{^{\}rm 128}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 1° abr. 1891, a. 38, n. 72, p. 2.

¹²⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 abr. 1891, a. 38, n. 74, p. 2.

¹³⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 abr. 1891, a. 38, n. 77, p. 2.

¹³¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 abr. 1891, a. 38, n. 78, p. 2.

de um médico	arcanos, mata com uma dose os micróbios castilhanos". 132			
comparação entre o regime castilhista e o casamento	"Voto, pois, contra o sistema dos castos, pelo comtismo. Isso tudo pode ser, mas não é positivismo". 133			
periódico governista que alteraria sua edição em virtude do feriado de Tiradentes	"Mas o <i>Quinze</i> é insuspeito, genuíno <i>castilhano</i> , pode alterar, se quiser, todas as festas do ano." ¹³⁴			
reação diante de anunciada visita de Castilhos	"Diz a pobre <i>jericada</i> que o feroz, gosmento <i>pato</i> virá a esta cidade fazer obra de insensato. Pode vir, mas eu garanto que por mais que ele gagueje hei de torcerlhe o pescoço. Se é capaz, que o <i>pato</i> faça conferência popular. Verá que todo este povo está pronto para o vaiar, porque já está farto de suportar patifões". ¹³⁵			
ironia diante da possibilidade do município de Torres ter modificado o nome para Deodorópolis	"adeus ó Torres querida, tu vais ser Deodorópolis! Por que não castilhonópolis te fizeram, Torres minha?" ¹³⁶			
a necessidade de camisa de força, diante de um anúncio de que Castilhos estava enlouquecendo	<u>-</u>			
previsão da derrocada dos castilhistas	"É hoje o dia final do feroz <i>castilhanismo</i> , que representa entre nós petulância e canalhismo. Há de morrer o patife, o cruel, o vil tirano. Cá por mim quero ter do <i>pato</i> apenas o couro para um par de botas." ¹³⁸			

¹³² ECO DO SUL. Rio Grande, 22 abr. 1891, a. 38, n. 90, p. 2.

 $^{^{\}mbox{\scriptsize 133}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 abr. 1891, a. 38, n. 91, p. 2.

¹³⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 abr. 1891, a. 38, n. 92, p. 2.

¹³⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 abr. 1891, a. 38, n. 93, p. 2.

¹³⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 abr. 1891, a. 38, n. 94, p. 2.

¹³⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 maio 1891, a. 38, n. 100, p. 2.

¹³⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 maio 1891, a. 38, n. 101, p. 2.

gracejo diante de uma anunciada vitória do castilhismo nas urnas	"O caso é que da urna, em chapa de <i>lambança</i> , surgia aos pica-paus na letra uma esperança. Mas a letra só dizia: 'A vitória é já um fato!' E, abaixo, bico aberto, pintado estava um pato! ^{"139}
desvio de verbas por parte de um castilhista	"O Abel teve do <i>pato</i> quarenta contos, seguros. Mas, finório, o chefe Abel gastou três e guardou dez, disposto, como ele está no <i>pato</i> a meter os pés". 140
pilhéria com erro cometido pela redação de um jornal, destacando que, segundo a Constituição, todos eram "éguas perante a lei."	"Como o regime em que estamos é todo patifaria quer o <i>pato castilhano</i> completar a bicharia." ¹⁴¹
na falta de assunto para compor as Historietas	"O <i>pato</i> está mui batido, já não dá para divertir. Espero que hoje esperneie para dar-me o gosto de rir". 142
em viagem ao balneário, um aluno militar fazia "discursos endiabrados"	"Chegou até a dizer, falando em tom de chalaça: "Hei de comer uma perna do <i>pato</i> , assado na praça!" ¹⁴³
descrição de um jornalista partidário do castilhismo	"É Malaquita o grupinho que se diz republicano. Serve ao <i>pato</i> Malaquita, <i>Malaquita castilhano</i> ". ¹⁴⁴
chiste com o apelido de Castilhos	"Tal horror tem o Castilho aos patos – o seu tormento, que um pato decapitou em certo, azado momento". ¹⁴⁵
crônica de uma folha governista que fazia referência a espécie denominada patos taquaras	"Eis uma classe de patos que tem a sua malícia. O <i>Diário</i> é insuspeito ao reino da <i>bicharia</i> , pois comunga com os patos na mais santa <i>pataria</i> . Por

¹³⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 maio 1891, a. 38, n. 102, p. 2.

¹⁴⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 maio 1891, a. 38, n. 104, p. 2.

¹⁴¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 maio 1891, a. 38, n. 105, p. 2.

¹⁴² ECO DO SUL. Rio Grande, 15 maio 1891, a. 38, n. 108, p. 2.

¹⁴³ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 maio 1891, a. 38, n. 113, p. 2.

¹⁴⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 maio 1891, a. 38, n. 117, p. 2.

¹⁴⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 maio 1891, a. 38, n. 120, p. 2.

	isso deve o Castilho puni-lo severamente, para não ter brincadeira que é deveras inocente". ¹⁴⁶		
declaração de jornal sobre um "lindo" retrato de Júlio de Castilhos	"Se ao Castilho chamas lindo, como chamar Satanás? quer retratado ou ao vivo, sempre é <i>pato</i> e <i>castilhano!</i> " ⁴⁷		
preparação de recepção por parte de um jornalista governista para seu líder	"O Tobias, que é cronista encomendou ao Castilho un porco, para a feijoada. Eu, porém, não estou contente e protesto contra o fato. Não quero leitão nem porco: prefiro, assado, um bom pato!" ¹⁴⁸		
anúncio da morte de um jornalista chamado Castilho, em Buenos Aires	"Creio ser outro Castilho, ou então Castilho <i>Hermano</i> do Castilho do <i>Diário</i> – um Castilho <i>castilhano.</i> "149		
valor irrisório cobrado por um retrato de Castilhos estampado por um jornal	"É muito pouco, senhores! Quem mais dá, quem mais oferta? Atendam que o pato agora na governança se aperta!" 150		
por ocasião das festas juninas	"Que nas fogueiras acesas fique torrado para sempre todo o poder <i>castilhano</i> . Quero no fim regalar-me, com as carnes fumegantes de um <i>pato</i> feito churrasco!" ¹⁵¹		
ação de congressista fluminense, concedendo naturalidade a dois políticos	"Ao Cunha, se ele vivesse nestas terras em remanso, pediria que ao Castilho passasse de pato a ganso". ¹⁵²		
abordagem sobre o sentido de uma palavra	"Se talar tem por sentido destruir, só causar dano, eu procuro bem talar todo o campo <i>castilhano</i> ". ¹⁵³		

¹⁴⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 maio 1891, a. 38, n. 121, p. 2.

¹⁴⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jun. 1891, a. 38, n. 129, p. 2.

¹⁴⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 jun. 1891, a. 38, n. 130, p. 2.

¹⁴⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 jun. 1891, a. 38, n. 131, p. 2.

 $^{^{\}rm 150}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 jun. 1891, a. 38, n. 132, p. 2.

¹⁵¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 jun. 1891, a. 38, n. 141, p. 2.

¹⁵² ECO DO SUL. Rio Grande, 3 jul. 1891, a. 38, n. 148, p. 2.

¹⁵³ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 jul. 1891, a. 38, n. 168, p. 1.

sobre dúvidas a respeito de quem comandava a "bicharada"	"Em reposta , o grande chefe assim desembrulha o ato: 'Em periquitos, marrecos, mando eu, que sou o pato!" ¹⁵⁴			
em concurso para escolha de uma "dama"	"no problema meto o bico (apesar de não se pato)". ¹⁵⁵			
na forma de adivinhação	"É bicho, só tem dois pés e tem asas, é daninho; a nadar é valoroso; tem bico, não tem focinho. Digam agora os leitores se o bicho é marreco ou pato?!" ¹⁵⁶			
indivíduo que obtivera cargo e apresentava-se a Castilhos, jurando lealdade				
atendimento aos sectários quanto à distribuição de cargos	"O Castilho jaz aflito para regular a intendência, pois são muitos os pedidos feitos com certa insistência." 158			
"trapalhadas" nas disputas por cargos	"Verdadeiros badamecos, já puseram em pandarecos a camarilha dos <i>patos</i> ". ¹⁵⁹			
comemorações em meio aos castilhistas	"Estão na <i>cidade em festas</i> cardeais e sábios ratos. E quem sabe se amanhã Não teremos sábios <i>patos</i> São sabujos, todos pagos para o papel de histriões". ¹⁶⁰			
o modelo político construído pelo castilhismo	o "o governo que se chama - <i>castilhano.</i> Por simple modo de ver a lei da Constituição, dá-se a guerr fratricida que envolve toda a Nação! Aqui, faz a le			

¹⁵⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jul. 1891, a. 38, n. 170, p. 2.

¹⁵⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 ago. 1891, a. 38, n. 175, p. 2.

 $^{^{\}rm 156}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 ago. 1891, a. 38, n. 176, p. 2.

 $^{^{\}rm 157}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 ago. 1891, a. 38, n. 183, p. 2.

¹⁵⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 ago. 1891, a. 38, n. 186, p. 2.

¹⁵⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 ago. 1891, a. 38, n. 196, p. 2.

¹⁶⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 ago. 1891, a. 38, n. 197, p. 2.

	Castilho, e fala em progresso, ordem. Porém em tudo há regresso, Por toda a parte desordem!" ¹⁶¹	
notícia de que um intendente municipal no Ceará teria expedido um alvará de soltura para um porco	"que este regime é composto da mais rara bicharia Um pato é que nos governa, pelas Juntas ha marrecos, e um lobo, feito ministro, pôs a pasta em pandarecos. Aos bandos voam daninhos os terríveis pica-paus, por toda parte carniçam muitos outros pássaros bisnaus". 162	
o sistema castilhista de poder aplicado aos municípios	"E foi o pano de amostra porque perto vem o dia que ruirá em destroços tamanha patifaria". ¹⁶³	
referência irônica aos benefícios da vacinação	"Mas vacina é que queremos para um mal de modernismo: vacina bem aplicada, contra ao castilhanismo". ¹⁶⁴	
gastos de Júlio de Castilhos com despesas para acomodação	"só para ter junto ao governo os seus melhores fieis! É de força este Castilho, moleque da pá virada! Procurar por adesistas Mesmo dentre a canalhada" ¹⁶⁵	
previsão da morte de Deodoro, com a ascensão de Floriano Peixoto	"Morrendo o generalíssimo, que tem já os pés para cova, o Floriano Peixoto nos pica-paus dará sova. Tudo está já em preparos para a enorme debandada: os patos todos voando e eu de arma engatilhada!" ¹⁶⁶	
confusão quanto à função de regulador realizada na edição da <i>Federação</i>	"Qualquer leitor descuidado que ali vê – regulador, pensa ser irregulado o Júlio, o governador. Mas não é no Prates, não, esse sintoma do mal: só fala a Federação dos sinos da catedral. Bem regulado, o Castilho de todos é quem regula, dispondo a jeito do	

-

¹⁶¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 set. 1891, a. 38, n. 199, p. 2.

¹⁶² ECO DO SUL. Rio Grande, 18 set. 1891, a. 38, n. 212, p. 2.

¹⁶³ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 set. 1891, a. 38, n. 213, p. 2.

¹⁶⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 set. 1891, a. 38, n. 216, p. 2.

¹⁶⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 set. 1891, a. 38, n. 221, p. 2.

¹⁶⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 out. 1891, a. 38, n. 243, p. 2.

	<i>milho</i> que mais desafia a gula. Têm sido bem regulares as funções do egrégio e senhor Pato!" ¹⁶⁷			
figurativamente, caía a cabeça de um castilhista	"E já que a rima me pede dente aplicado a tal fato digo que em tempo o Castilho decepou cabeça a un pato". ¹⁶⁸			
notícia sobre o golpe de Estado perpetrado por Deodoro da Fonseca	"'Rio em paz, aqui também', disse, contrário ao boato, em telegrama à intendência o senhor Castilho – o pato. Como do pato é de origem a notícia, eu ratifico: o recado telegráfico, para mim, traz água no bico!" ¹⁶⁹			
indicação castilhista de que reinava a tranquilidade, apesar do golpe	"Publicai que reina inteira, aqui, a tranquilidade! Publicai que o pato-gago tem molhados os fundilhos! E publicai, para remate, que o Povo, feito navalhas, cortará rente as cabeças de todos esses canalhas!" ¹⁷⁰			
retorno após as comemorações pela queda de Júlio de Castilhos	"Eis-me aqui, depois da festa, de todo já concluída. Foi arriscada, confesso, mas bem alegre a partida. Vi jeitos de não chegar com vida ao fim deste ano; mas, afinal, pus em fuga todo o bando castilhano." ¹⁷¹			
reunião de castilhistas buscando o retorno ao poder	"Dizem eles, convencidos, que lá para o fim do ano já estará restaurado o domínio <i>castilhano!</i> Essa gente está sofrendo da bola, e é, pois, preciso que à força de <i>escovações</i> a façam criar juízo". ¹⁷²			

João José Cezar manteve por aproximadamente um ano e meio as suas Historietas, visando à realização da crítica de costumes e a de natureza política,

¹⁶⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 out. 1891, a. 38, n. 246, p. 2.

¹⁶⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º nov. 1891, a. 38, n. 250, p. 2.

 $^{^{\}rm 169}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 nov. 1891, a. 38, n. 255, p. 2.

¹⁷⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 nov. 1891, a. 38, n. 256, p. 2.

¹⁷¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 dez. 1891, a. 38, n. 281, p. 2.

¹⁷² ECO DO SUL. Rio Grande, 16 dez. 1891, a. 38, n. 284, p. 2.

mas, expressando o ideário da dissidência republicana, da qual era elemento constitutivo, e ao qual o *Eco do Sul* aderira, o jornalista tinha por fito essencial o combate ao castilhismo. Para tanto não economizou esforços em ultrapassar suas funções de editorialista do jornal, nas quais já era combativo, para ampliar o alcance de suas críticas, utilizando-se dos poemetos para ser mais vibrante e corrosivo contra o inimigo. A linguagem versejada se somava à estratégia discursiva do embate ferrenho, buscando cair no gosto do público e buscando fazer valer o dispêndio precioso de tempo que a elaboração desse tipo de composição trazia.

Tal seção distribuiu-se de maneira praticamente ininterrupta ao longo das edições do *Eco*, enquanto pareceu necessário o enfrentamento para com Júlio de Castilhos e seus seguidores. J. J. Cezar só viria a diminuir o ritmo após a Revolução de 8 de Novembro, quando afastou-se do Rio Grande e de suas funções jornalísticas, envolvido nas comemorações e nas tratativas pela reordenação do poder que o levaram até Porto Alegre e à capital federal (ou "funeral" como chamava nos seus versos). Na sua concepção, o regime castilhista estava morto e enterrado, levando-o a abrir mão de suas cáusticas Historietas. O pequeno "Cantu", com suas *historinhas*, antepondo-se, humoristicamente, ao internacional Cantu e sua *História universal*, considerava que seu dever estava cumprido, imaginando a construção de uma outra República, diferente daquela idealizada pelos *castilhanos*, como gostava de chamá-los.

Entretanto, a obtenção do poder pelos anticastilhistas foi tênue, de modo que o governo por elas construído foi desintegrando-se rapidamente, notadamente pelas próprias contradições internas e pelas diferenças ideológicas entre os dissidentes republicanos e os antigos liberais e conservadores, que já haviam formado a União Nacional e viriam a estabelecer o Partido Federalista. Essas idiossincrasias levariam à retomada do poder dos castilhistas, revelando a homogeneidade de forças destes, mesmo que construída a fórceps, em comparação à heterogeneidade no seio dos grupos anticastilhistas, que os enfraquecia e permitiria a continuidade do castilhismo por décadas a fio. Júlio de Castilhos e seus sectários retornaram ao governo, agravando-se ainda mais a crise que originaria uma outra luta fratricida na terra gaúcha. J. J. Cezar retornou ao *Eco do Sul*, mantendo o tom combativo, mas não mais lançou mão de suas Historietas. A função pública de jornalista, ainda mais o de oposição, tornava-se cada vez mais perigosa naquele tempo de graves perseguições movidas pelo autoritarismo governamental, tanto na esfera federal quanto na estadual. A resistência durou até quando foi possível, tanto que Cezar teve de afastar-se do Rio Grande do Sul, vindo a trabalhar no Rio de Janeiro e o *Eco do Sul* teria as suas edições por diversas vezes interrompidas tendo em vista o cerceamento e o tratamento policialesco para com a liberdade de expressão.

As Historietas cumpriram seu papel de manter a guarda levantada contra o inimigo. No Rio Grande do Sul, os anos que se seguiram à implantação da República foram marcados por um inexpugnável conflito discursivo que teve na imprensa o seu mais importante bastião. Nessa época, ocorreria um novo boom de jornalismo nas cidades gaúchas, uma vez que cada facção em disputa fazia questão de fundar ou manter um jornal que se opusesse aos adversários desde as pequenas até as grandes comunidades. O confronto armado era iminente e ele foi antecedido e acompanhado por uma batalha de palavras, promovida pelo papel impresso do periodismo. João José Cezar foi um dos arautos/soldados dessa guerra de pronunciamentos e seu alter ego *Cantu-Mirim* não poupou chumbo em direção ao inimigo. De acordo com os objetivos da Coleção Documentos, nos números 23 e 24 estão reunidas e unificadas toda as Historietas, podendo propiciar estudos acerca de versões jocosas e satíricas oriundas de um dos lados dos embates que constituiria mais um dos processos históricos que compuseram um período de inflexão na formação histórica do Brasil Meridional.



Bons anos

Esqueço, neste momento, do passado os dissabores, e de espinha bem curvada cumprimento os meus leitores!

Nem sombras eu quero aqui dos males desse *noventa* que deve hoje estorcer-se dos remorsos na tormenta...

Flores, pastéis, chocolate, beijos de moça também, é o que desejo, por Deus! que os meus leitores deem.

Em paga faço um convite, da alma nos corações: junto a mim, ides vós todos dar palmas... aos *três bemóis!*⁷³

¹⁷³ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º jan. 1891, a. 38, n. 1, p. 2.

Anda a pobre governança digna, agora, do hospício: o seu Costinha dengoso nem sabe dela resquício.

Foi dançar... Na contradança tropeçou, caiu de ventas. No Amazonas tem a ideia... aqui, conquistas sedentas.

Ali – desfrutes de um velho irrefletido, bestunto; aqui – pandorga de amores, de um ressequido presunto.

E assim é que o pobre Costa, palerma, da *bicha* ausente, nem cuida do nosso Estado, não tendo a *delfa* presente...¹⁷⁴

¹⁷⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 jan. 1891, a. 38, n. 2, p. 2.

Meti a cara!

É uma cena passada entre três, em libações: uma *cocote* alemã e dois magros figurões.

Todos dois são *pescadores*, um deles – língua infeliz; o outro, mais espigado, tem vidraças no nariz.

Disse o menor: "Com que então Vais casar! Felizardote! E o caso é que a menina traz consigo bem bom dote!"

"Meti a cara! eis o fato, venci a campanha danada!" A *cocote* desatou numa gostosa risada...¹⁷⁵

¹⁷⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 jan. 1891, a. 38, n. 3, p. 2.

A Federação diz que estão em circulação moedas falsas de 1\$000 e 2\$000, acrescentando: – "Está em nosso poder uma das moedas de 1\$000; é uma imitação bem feita das verdadeiras, mas a percepção da falsidade não é difícil, fazendo-se um exame detido. Parece que entram na composição níquel e chumbo."

Eu dou um doce, bem doce, a quem tirar-me a ilusão, em que estou, da falsidade daquela percepção!

Não é difícil – lá diz a folha, que nova está; mas não pesco patavina desse angu ou munguzá!

Não é difícil – mas só fazendo exame detido. Qual o meio? Fácil é: por o metal derretido!

Que fazer de quem, por gosto, em tal meada se enreda?

Nomeá-lo diretor da casa... que faz moeda!¹⁷⁶

¹⁷⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 jan. 1891, a. 38, n. 4, p. 2.

Transcrevo do *Nacional* de Pelotas: – "Dizem as folhas de Jaguarão que na mesa de rendas gerais daquela cidade está uma senhora para revistar as pessoas do seu sexo vindas da vila de Artigas, a fim de verificar se trazem contrabando."

Em outros tempos, o uso em Jaguarão existia, tal qual o vimos em cena, na revista da *Grã-Via*.

Mas o caso é que às vezes é difícil examinar se o *contrabando* é da ordem dos que podem ali passar.

Contrabando não é só o que ao fisco parece; há contrabando funesto que de revista carece,

mas que passa sem ser visto pelo fisco em dirandina. Salvo se o fisco moderno é formado... em medicina.¹⁷⁷

 $^{^{177}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jan. 1891, a. 38, n. 5, p. 2. (O frontispício marcava erroneamente o dia 9, quando deveria ser 8).

O *Jornal do Comércio* de Porto Alegre publicou o seguinte telegrama: – "*Rio Grande, 3 de janeiro.* – Hoje, na Conceição, mataram para roubar a Rosa Oliveira, que foi encontrada nua.
O assassino evadiu-se."

O que conta o telegrama é completa novidade, para nós, para toda gente que vive nesta cidade.

Uma Rosa de Oliveira "mataram na Conceição"! E "o assassino evadiu-se", sem vê-lo a população!

Como não soube a polícia e não souberam os jornais que a Rosinha já não era do triste rol dos mortais?

Proponho que, quanto antes, haja ação policial.

Devem depor sobre o crime os colegas do *Jornal*...¹⁷⁸

¹⁷⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jan. 1891, a. 38, n. 6, p. 2.

Transcrevo da *Gazeta da Manhã* de Pelotas: – "QUE BICHARADA! – Um jornal argentino diz que em Junin um trem de carga teve de interromper a marcha, porque era tal a quantidade de gafanhotos que entorpecia a via, que impossível se tornou ao maquinista fazer funcionar a máquina."

Ora imagine o leitor que, em vez dos gafanhotos, o bando fosse dos tais, dos conhecidos marotos!

Se toda essa bicharia, em lugar da bicharada, fosse à via de Junin... Pobre via! Desgraçada!

Uma via, férrea ou não, tendo férreos dormentes, em pó seria desfeita do bando entre os feros dentes!

Essa própria via láctea sofreria um desengano se pudesse ser mordida pelo dente $castilhano...^{179}$

¹⁷⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jan. 1891, a. 38, n. 7, p. 2.

Deixai que saia, por hoje, do meio em que bem estou. O tal festejo da Barra também me entusiasmou!

Gaspar, Campelo, Tavares, o Miranda, Ernesto, Otero, Diana, Camargo e Ávila, também Demétrio Ribeiro;

Antônio Prado, Caland, o grande Honório Bicalho: todos eles, mais alguns são heróis desse trabalho!

A brava Praça, a valente, levou a conquista ao fim; mas a justiça de casa dá *algo* a...¹⁸⁰

¹⁸⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 jan. 1891, a. 38, n. 8, p. 2. Há duas Historietas com o número 164.

O Rifão é senhorzinho que não reconhece a peta. Ele diz sempre que não Há tropa sem boi corneta!

Dentro do *Bento Gonçalves* eu vi o senhor Rifão exercer-se duramente ao falar Dom Folião.

Este outrora coletor, na batalha do Seival, sumiu-se, levando a caixa com bem bom material.

Mas agora enche as bochechas e em Ré-pública vem falar! Em paga teve ele a *vaia* que o obrigou a calar...¹⁸¹

¹⁸¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 jan. 1891, a. 38, n. 9, p. 2.

No banquete, já falado, do qual saudades eu tenho, teve a nota mais vibrante o meu caro Soromenho.

O rapaz come por três, é formidável glutão, e creio que leva as lampas ao coronel Folião.

Em devorar se parece ao terrível Pedro Cru, pois comeu no mesmo prato abacaxi com peru!

E depois de consumado um tão grandioso fato, o rapaz ainda comeu, inteiro, um famoso *pato!*⁸²

¹⁸² ECO DO SUL. Rio Grande, 15 jan. 1891, a. 38, n. 10, p. 2.

Dágulo, cronista da Reforma, descobriu que o soneto publicado por Florius Camilus no Reformador, órgão do Clube Caixeiral, pertence à baronesa de Mamanguape, que o publicou na Folha de Minas em 1888.

Ó meu caro Sr. *Florius*, isso é coisa muito feia, e merece que a polícia o remeta para a cadeia.

Furtar pães ou furtar versos é a mesma *ligeireza*, tanto mais quando se furta versos de uma baronesa!

A farinha serve a uns, a outros serve o farelo. Sonetos bem inspirados só não serve a algum camelo.

Para honra desse clube e da classe caixeiral.

Camilus deve mudar do nome alguma vogal...¹⁸³

¹⁸³ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 jan. 1891, a. 38, n. 11, p. 1.

Congresso vegeto-animal

No Congresso há seis Machados a destruir sete Pereiras, três Pinheiros e Carvalhos sete e quatro Oliveiras.

Três Nogueiras inda sobram para dois Falcões abrigar. Há três Coelhos, três Lobos para os Carneiros devorar.

Uma Barata, um Besouro de dois Pintos são regalo. Pena é que no terreiro não haja ao menos um Galo.

Há Trovão, Paleta, Almínio, Cartaxo, Gordo, Curato; mas o mais feroz dos bichos é um gago, feio Pato!¹⁸⁴

¹⁸⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 jan. 1891, a. 38, n. 12, p. 2.

A propósito do assassinato da mísera Fermiana Maria da Conceição.

Faz escândalo na cidade o nome de certa *dona* que é mal vista da polícia – uma tal *Chica Rabona*.

Um rapaz de boa roda que é incapaz de uma peta, pediu-me para que fizesse à Chica uma *historieta*.

Por que? Rabona ela sendo, não tem aonde pegar! É velha? é feia? é da baixa? Não a devo maltratar!

Rabos há aí aos centos, rabos que merecem gabos. Até já temos no foro "sujeito de muitos rabos..." 185

 $^{^{185}\,}ECO$ DO SUL. Rio Grande, 18 jan. 1891, a. 38, n. 13, p. 2.

Ontem pelo meio dia uma carreta à Rua General Câmara, próximo à Praça Tamandaré, quebrou um poste do telégrafo submarino, ficando o fio rebentado e solto umas quantas quadras – (Gazeta Mercantil de 18 do corrente).

Fiquei cismado no caso: Por que artes do Destino, pode a carroça quebrar um poste submarino?!

Acaso o tal carroceiro, sabendo existir Peral, fez da carroça uma barca, sendo daquele um rival?

Então deve a *Gazetinha* esclarecer a invenção, para não ficarem todos em conjeturas em vão.

Peço, pois, que assim o faça, mas sem prevenção, sem raiva, pois bem sabe a *Gazetinha* que eu gosto dos Santos Paiva...¹⁸⁶

 $^{^{\}rm 186}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 20 jan. 1891, a. 38, n. 14, p. 2.

Nas vésperas do Rigoletto

De Bagé chegou-nos já, percorrendo a férrea via, o bando da passarada da gaiola do Mattia.

Vem de tudo: as aves raras e pássaros que são bisnaus, gorduchos, feios, bonitos, uns bem longos, outros bem maus...

Num olhar retrospectivo vi dentre as aves canoras uma de cabelos louros pela luz de vinte auroras!

- Che bel naso! exclamei eu.
 Belo sorriso! E que fronte!
- Como chamam essa avezinha?
- Beleza do Piemonte!...¹⁸⁷

¹⁸⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 jan. 1891, a. 38, n. 15, p. 1.

O *País*, a folha de mais circulação na América do Sul, diz em notícia de 7 do corrente: — "Em Campinas, Isidora Barbosa de Oliveira, praça do destacamento local, tentou suicidar-se, atirando-se a um poço do quartel."

O fato passado agora com a Isidora Barbosa faz lembrar o que aqui houve nos tempos do cabo Rosa.

Aqui fardou-se uma dona Que já estava *fardada*, deixando um cabo em ceroulas, e de cabeça pesada.

Mas a Isidora, ó desdita! tendo a cabeça em tropel, quis refrescá-la no poço que fizeram no quartel.

Um raciocínio: quem sabe se a desgraçada Isidora não lançou mão desse meio por estar... para cada hora?¹⁸⁸

¹⁸⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 jan. 1891, a. 38, n. 16, p. 2.

Já caiu Sebastopol em poder dos aliados. Os partidários da Rússia ficaram todos mamados. (A Guerra da Criméia)

Afinal foram de ventas os ministros tão falados! Os amigos de patotas já vivem sarapantados!

Nunca queda foi maior, maior não vi trambolhão. Rolaram escadas abaixo: era só lama no chão!

Mas um grito de esperança, entre os choros da amargura, solta o bando castilhano: – O Assis na agricultura!

Coitados, tristes, coitados! Esmaga-os da queda o fato. Chorem na cama, porque Também está na lama o *pato*...¹⁸⁹

¹⁸⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 jan. 1891, a. 38, n. 17, p. 2. Há duas Historietas com o número 172.

O palácio do duque no Rigoletto

Aquele salão famoso, de um duque tão namorado, mas parece um pardieiro negro, sujo, esburacado!

Um duque de altas conquistas, de Dom Juan um rival, metido ali, no que dizem ser um palácio ducal?!

Duque com tal moradia não é duque, não é nada! Aquilo, ó amigo Rei! é uma triste água-furtada,

Por favor, Sr. Mattia, tire ao duque aquela toca. Uma ideia: mande o duque do Manoel para o Moka!¹⁹⁰

¹⁹⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 jan. 1891, a. 38, n. 18, p. 2. Não há Historieta com o número 173.

A *Gazeta de Notícias*, dando a morte do Pontes, diz que ele era um *conhecido tanoeiro*, dotado de uma bondade sem limites.

Cochilou o próprio Homero (Eu não falo do Batista...), quanto mais essa *Gazeta* do Araújo, um trocista.

O cochilo fez do Pontes, bom português e toureiro, depois de morto, coitado! Conhecido tanoeiro!...

Vivo, o Pontes correu touros; morto, faz tinas, barris. Um doutor já pôs bons dentes nas antenas dos siris!

Como tudo anda mudado, nada mais há que estranhar.

Pois se nos já temos visto Patos sem água a nadar...¹⁹¹

¹⁹¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 jan. 1891, a. 38, n. 19, p. 2.

Impressões da LÚCIA

Cantava a Hermínia, e a flauta, em *duo*, terno, aflitivo, mais palpitante tornava da partitura o motivo.

Era uma troca de notas, de suspiros e harmonia! – Quisera eu ser a flauta, tendo dela as melodias!

Pareceu-me então que o Fado em flauta me transformava, e que a cantora, encantada, no canto assim me falava:

"Que queres tu, flauta minha, para poderes amar?" "Quero os teus lábios formosos A fim de poder cantar."¹⁹²

 $^{^{\}rm 192}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 jan. 1891, a. 38, n. 20, p. 2.

Noticiando o regresso do Dr. Carlos Wallau, que traz de Berlim a linfa do Dr. Koch, diz o *Rio Grande*, da capital: – "Em breves dias, pois, vai ter a nossa população a felicidade de ser tratada pelo processo do eminente professor."

Leio, releio, assombrado, notícia tão horrorosa: a gente de Porto Alegre é toda tuberculosa!

O caso é sério, bem sério, caso novo e caso mau. Vai ver-se em papos de aranha o doutor Carlos Wallau!

É preciso que haja linfa em estupenda porção, para ser inoculada tão grande população!

Mas a folha, a honrada folha tem por demais crueldade, pois à desgraçada ela chama uma grande felicidade...¹⁹³

¹⁹³ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 jan. 1891, a. 38, n. 21, p. 2.

Atenta esteja a polícia, senhor Cintra esteja alerta, olhem que há neste mundo gentinha que é muito esperta...

Com muita reserva dizem que com pezinhos de lã há quem queira a jogatina de mistura com o cancã...

Roleta e ponto maior são causas de grande mal, e devem ser desterradas das festas do Carnaval...

Digo a coisa como a sei tal qual a proclama o $Z\acute{e}$ que é sabido e que diz: quem avisa, amigo é... 194

¹⁹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 jan. 1891, a. 38, n. 22, p. 2.

"Elias estava nas suas noites felizes. No 2º ato deu-nos um *si bemol* esplêndido." (Da notícia do *Eco* de ontem).

Com toda a força protesto contra o que aí se contém. Quem tal disse, com certeza não ouviu a nota bem.

Si bemol? não é verdade; protesto, não houve tal. É fraco, senhor colega, em matéria musical.

Jogo e juro que o Elias, da Arte no arrebol, no dueto da *Sonâmbula* não emitiu *si bemol*.

Embora nesta contenda tenha eu de ficar só, declaro que aquela nota foi do peito um belo *dó!*⁹⁵

 $^{^{\}rm 195}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jan. 1891, a. 38, n. 23, p. 2.

Trecho de um discurso do congressista Eliseu Martins: — "Passando a outro assunto apela para o Congresso que via, ontem, o modo áspero, as maneiras de pedagogo, ou de mestre de escola, com que foi recebido pelo Sr. presidente (não apoiado gerais) — tom de mandão de serra acima, às primeiras palavras que ele orador pronunciou. (Apoiados. Não apoiado. Grande sussurro.)"

Fato é que, no Congresso, o *seu* Moraes, presidente, nem sempre tem revelado ser Moraes e ser Prudente.

Uma vez ele deixou o *pato* a grasnar aos bancos, e na questão do Demétrio foi além dos seus tamancos.

Isso não passa, porém, de uma ou outra impertinência, sem que o presidente altere no falar a continência.

Portanto, ó *seu* Eliseu, razão em você não acho:

se ele é de serra acima, você é de costa abaixo...¹⁹⁶

¹⁹⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 jan. 1891, a. 38, n. 24, p. 2.

"Em carta ao Dr. Um Mero Batista, o tenente-coronel Sebastião Bandeira abraça-o e louva-o por haver apontado da tribuna os "falsos amigos da República, que, aliados aos gasparistas e demais sebastianistas, venham entorpecer, etc., etc."

Sempre há coisas esquisitas neste regime patusco! Cada vez menos enxergo, vejo tudo lusco-fusco.

Você é mais gasparista
do que o próprio Gaspar!
E tu? és mais castilhano
que o Castilho, inda a nadar,

Outras coisas já havia para os fanáticos distinguir, porém era necessário nova coisa descobrir.

Havia a frase, corrente: do que o rei, mais realista; faltava um Sebastião sem ser... sebastianista!¹⁹⁷

¹⁹⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º fev. 1891, a. 38, n. 25, p. 2.

Dois dias de plena festa põem a gente preguiçosa. Não nos acode uma ideia, fica a mente pavorosa!

Passeatas à Mangueira... as folias no Pascal... as refeições no Cassino... um caixeiro original...

a viagem pela areia... um chuvisqueiro adorado... uma palestra de encantos... recordações do passado...

Nada disto dá-me assunto! Tenho um tédio que me abafa! Pois fui ao Norte e não vi o meu querido *Garrafa!...*¹⁹⁸

 $^{^{\}rm 198}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 fev. 1891, a. 38, n. 26, p. 2.

No Norte, disse-me o *Cura* que o *Samuel*, tão galerno, está sujeito às duras penas das profundas do inferno.

Disse o *Cura* que houve um dia (e isto é um caso já velho) que o homem não quis jurar no livro santo, o Evangelho!

 Sou protestante! exclamou, irritado, muito audaz.
 No momento, o Samuel
 Parecia um Satanás!

Mas para a festa deste ano, sendo irmão... da opa, errante, dando o dinheiro, assinou: Samuel – o protestante!⁹⁹

 $^{^{\}rm 199}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 fev. 1891, a. 38, n. 27, p. 2.

O CONGRESSO NO MUSEU

Consta que o Congresso será transferido para o edifício do Museu, indo o material deste estabelecimento par o palácio da Boa Vista – (*País* de 30 do passado).

Ora até que um dia teve juízo o nosso Congresso! Ir para o Museu é um passo no caminho do progresso.

Nas casas vivemos nós; os canários, nas gaiolas; os tigres, nas suas jaulas, no poleiro, as galinholas.

Mas inda bem não estão todas essas raridades, que no regime atual são bem raras novidades.

Um só lugar é marcado a toda essa bicharia.

Que a leve o Ladislau Netto para o jardim da zoologia.²⁰⁰

 $^{^{\}rm 200}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 fev. 1891, a. 38, n. 28, p. 2.

Quem há de dizer, quem há de, que a derrubada tamanha na velha mesa de rendas dum menino foi façanha!

O quanto tem de pequeno, tem de mau esse demônio! Não se chamasse a criança Cunha Mâncio Possidônio...

Ai, que vontade que eu tenho de lhe aplicar ferozmente, nesse lugar onde as costas perdem seu nome decente,

duas palmadas taludas, que transformassem em bife as carnes tenras, nevadas desse mimoso patife.²⁰¹

 $^{^{\}rm 201}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 fev. 1891, a. 38, n. 29, p. 2.

A derrubada na mesa de rendas nesta cidade, deixou em triste figura o coronel Civilidade.

Antigamente era ele dos lanternas o primeiro Quando muito, dava o voto sem que exigisse dinheiro.

Conservador de conversa fê-lo o Gaspar coronel – gato morto arremessado às ventreixas do Abel.

Agora, com os pés para cova, advogado sem arte, não é mais do que instrumento nas mãos do feroz Goulart.²⁰²

²⁰² ECO DO SUL. Rio Grande, 8 fev. 1891, a. 38, n. 30, p. 2.

Confrontando...

Por entre a chusma gritona dos mascarados da praça, por entre os *pulhas*, *princeses* que davam pasto à chalaça,

em vão procurei que, ao menos, um só fizesse pilhéria. Ó desengano cruel! Carnaval de gente séria!

Pensei que sendo o governo verdadeira mascarada, tivesse reproduções nos dias de palhaçada.

O mais reles dos *bexigas*, o mais feroz *cara-dura* mostrou-se muito mais sério que os homens da ditadura.²⁰³

²⁰³ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 fev. 1891, a. 38, n. 31, p. 2.

A intendência municipal de S. Paulo de Muriaé, no Estado de Minas Gerais, resolveu emprestar a um negociante daquela cidade, ao juro de 3%, os 30:000\$ que lhe foram concedidos pelo governo geral para saneamento da mesma cidade!

Descomunal intendência! Intendência original! Eu te quisera entre nós, intendência sem rival!

Emprestar dinheiro ao juro de três por cento, excelente! Com uma intendência assim Fica rica toda a gente!

Uma ideia tenho agora, que não é para desprezar. Ouçam lá, e conto certo que essa ideia hão de aprovar:

Procurador da intendência devia ser o Abel,

e presidente efetivo... ... o mimoso coronel!²⁰⁴

²⁰⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 fev. 1891, a. 38, n. 32, p. 2.

Continuou a folia que se diz carnavalesca A alma do *Zé-Povinho* estava alegre, estava fresca.

Houve muitas alusões no bando dos mascarados; houve ditos, ditos bons, e ditos desgraçados.

Mas a *ideia* mais precisa, a que mais me divertiu, foi a que, saindo tarde, muito pouca gente viu.

Cavalgava o eterno *Zé* um pato! Que grande troça! E de pena, como um látego, dava no bicho uma coça!²⁰⁵

²⁰⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 fev. 1891, a. 38, n. 33, p. 2.

Macaé na ponta!

Comunica telegrama ao *Artista*: "Sublevou-se o povo em Macaé, atacando o delegado de polícia e o juiz municipal."

Macaé pertence à terra onde Portela é portento! Está na ponta Macaé, e deve lavrar um tento!

Macaé lembrou-se um dia que em Fafe assim se faz. É justiça mais barata, justiça que satisfaz.

Fica na história gravado o feito de Macaé: delegado que não presta trata-se a ponta de pé!

Nós também tivemos um, que deixou triste passado... Fugiu para o campo, e agora veio de lá *reforçado*...²⁰⁶

²⁰⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 fev. 1891, a. 38, n. 34, p. 2.

Telegrama ao *Diário* diz que o Dr. Carlos Thompson Flores, juiz de direito em Porto Alegre, foi nomeado 2º vice-governador do Estado.

Chama-se Flores, mas tem na alma muitos espinhos. Na raça dos *pica-paus* é dos piores daninhos.

Bicho de concha, com jeito vai ruminando o seu mal... Encolhe-se para dar o bote, que é perigoso, fatal...

Foi em tempos idos fervoroso *gasparista*, porém sempre, sempre, sempre arraigado monarquista!

Beijou a mão da Isabel, do conde e dos seus filhotes. Também Cristo foi beijado Por Judas Iscariotes.²⁰⁷

²⁰⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 fev. 1891, a. 38, n. 35, p. 2.

Entre amigos é costume, quando alguém vem de passagem, perguntar: – "Quando chegou? Como se foi de viagem?"

Essas perguntas cabíveis faço ao amigo João, que voltou às plagas santas na maior desilusão!

Metido em certas funduras, em estradas e ramais, regressou sem ter o prêmio para os seus bons serviçais.

Passou-lhe a perna o Castilho, roeu-lhe a corda o Glicério e isso prova que o negócio não era negócio sério...²⁰⁸

²⁰⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 fev. 1891, a. 38, n. 36, p. 2.

Fui ao baile à fantasia do clube da *Máscara Preta*, e lá eu bifei assunto para a minha historieta.

Vi dançando um pierrô, com uma dona, bela valsa; mas de repente o coitado ficou sem cordões na calça!

Imaginem quanto apuro, que formal decepção: tinha de dançar o pobre segura a calça na mão!

Salvou-o da entaladela bela dona, que em falsete disse ao moço: "pregue a calça, aqui tem um alfinete..."²⁰⁹

²⁰⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 fev. 1891, a. 38, n. 37, p. 2.

Os telegramas têm dito que o Congresso está virado em reles banca de peixe ou em praça de mercado.

Os deputados agora não discutem, jogam socos. Em vez de Congresso, aquilo é uma casa de loucos.

Não tarda que lá se brinque a *Maria macumbê*, ou então que tudo forme em grande baile *masqué!*

Que figura, o Nascimento caindo na *chinfrineira!* Mas o que eu queria ver era o *pato* na fieira!²¹⁰

²¹⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 fev. 1891, a. 38, n. 38, p. 2.

Telegrama de Londres diz que foi preso o famoso Jack – o estripador.

Afinal, caíste, ó Jack, como patinho na lama. A polícia da Inglaterra vai fazer-te boa cama.

Tanto estripaste, que um dia foste a parar obrigado. Será crível que não sejas tu também bem estripado?

Se eu governo fosse, digo, dar-te-ia absolvição, perdoando tuas culpas, mas com uma condição:

Havias tu de estripar, com mão de mestre, segura, todos os cancros funestos desta reles ditadura!²¹¹

²¹¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 fev. 1891, a. 38, n. 39, p. 2.

Disseram-me muito em mistério, em modos muito lambidos: "Porque não fala você dessas fábricas de tecidos?"

Respondo aqui: porque eu não tenho que ver com isso. É outro, e mui diferente, o meu santo compromisso.

Aquilo lá tem meadas que custam a desenlear. Não quero ser embrulhado nalgum quebrado tear.

Quem boa cama fizer, há de nela ser deitado. E poderei eu dizer que lá não seja empregado?²¹²

²¹² ECO DO SUL. Rio Grande, 20 fev. 1891, a. 38, n. 40, p. 2.

Dizia um rude paulista que Deus, nas coisas geradas, duas coisas tinha feito para o paulista muito erradas.

Nas pernas o que é barriga devia ser para a frente, para evitar caneladas, um mal que vem de repente.

A goela queria ele de rosca, como tarraxa, para ser completo o sabor em beber boa cachaça!

Aplico el cuento à revolta que extinguiu a monarquia, pois deixou entronizada a maior patifaria...²¹³

²¹³ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 fev. 1891, a. 38, n. 41, p. 2.

"Estes aguaceiros que caíram, foi um benefício para nós, oxalá fosse geral a chuva." – (*Gazeta Mercantil* de ontem).

Deus nos defenda, colega, que a chuva fosse geral. Ó doloroso lamento! Ó tormento sem igual.

A chuva de vez em quando, é até de bom proveito; mas chuva, todos os dias?... Isso até faz mal de peito.

Depois, há chuvas tremendas, tempestades de matar! Fica-se bambo das pernas e vê-se tudo a rodar!

Quando muito, um chuvisqueiro, que aos poucos vá caindo. Mas chuva que é mesmo chuva?... Benefício?... Vá saindo!²¹⁴

²¹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 fev. 1891, a. 38, n. 42, p. 2.

Ora graças, meus senhores, que Momo, mui fatigado, lembrou-se de por um termo do Carnaval ao reinado.

Se Momo, de motu-próprio, não mandasse soberano, no Rio Grande o Carnaval duraria todo o ano!

A propósito houve consulta com o da Junta presidente, o antigo e bom carola, hoje ateu impertinente.

Disse ele à polícia: – Pode dar licença para a função; dançar cancã nada tem com o que foi religião...²¹⁵

²¹⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 fev. 1891, a. 38, n. 43, p. 2.

Duzentas historietas, em temas muito diversos, são oitocentas quadrinhas e três mil e duzentos versos!

E nesta lida constante, tendo por mote a alegria, vou zurzindo, impiedoso, a mais reles *bicharia*.

Mereço bem que me mandem, ó respeitáveis leitores! seus presentes, para que eu possa enfrentar com o Carlos Flores.

Sou dos amigos amigo, porque sempre fui assim. para os patifes tem laço o feroz²¹⁶

 $^{^{\}rm 216}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 fev. 1891, a. 38, n. 44, p. 2.

(Segunda fase)

Mudo de plano, e faço a Historieta livre ser. Quero que se dispa da etiqueta, tendo o vestuário que entender.

Quer ande a pé, quer a cavalo, quer pise um calo, tenha ou não fé; esteja a rir, faça careta, a Historieta tem de sair!

E merece a Historieta ser tratada a pão de ló, pois ela faz muita gente andar sempre num pé só.

Saúdo, mui prazenteiro, o Vitorino Ribeiro!²¹⁷

 $^{^{\}rm 217}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 fev. 1891, a. 38, n. 45, p. 2.

NA LINHA!

Afinal foi eleito o Deodoro presidente; isso é fato, o fato que deploro seriamente.

Por mim queria que fosse eleito o chefe feito pela bicharia!

Que modos não teria o *castilhano* se lhe dessem a espada de tirano!

Mas o caso é que, agora, perdendo a graça de Deus, o *pato* está mesmo na água, para a água levando os seus...

Tenho vontade de vê-lo na luta que provocou. Cá por mim, já é sabido que na linha sempre estou!²¹⁸

 $^{^{\}rm 218}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 fev. 1891, a. 38, n. 46, p. 2.

Telegrama de ontem diz que Londres está satisfeita pela eleição do generalíssimo Deodoro.

Se Londres está satisfeita, é quanto basta, senhores, pois Londres é quem governa este país de doutores.

> E de militares, que bons serão se fizerem outra revolução!

Ela dá leis pela libra Esterlina, lá se dá! Deve Londres estar contente com o nosso grão-papá!

Este é quem diz lá para Londres: "Mais um cheque a descontar. Viva o *bife*, pois sem bife não pode a gente engordar!"

> que viva Londres que libras tem!

Viva o governo e eu também!²¹⁹

²¹⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 fev. 1891, a. 38, n. 47, p. 2.

Ensaiando no violão...

"Dormes? eu velo, sedutora imagem, grata miragem que no ermo vi. Dorme, impossível que eu encontrei na vida; Dorme, querida..."

que eu te espero aqui!

Sim, eu espero que tu voltes, bicho, já sem rabicho, sem fatia já, pois tu perdeste, ó terrível *pato*, o próprio olfato de caracará!

Apenas fica, de fatal lembrança, essa lambança que do Sirius vem. Rodaste feio, Julião feioso, zorro manhoso que nem dentes tem!²²⁰

²²⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º mar. 1891, a. 38, n. 48, p. 2.

A Federação diz que o desembargador Orlando pediu exoneração do cargo de procurador da soberania nacional, e acrescenta: "esse cargo, pela reorganização judiciária, deixou de existir."

Engraçada esta notícia, que traz a feder a ação, não tendo o Orlando cargo, pediu exoneração!

Quando viu que não podia cumprir os desejos seus, abriu mão do que não tinha, dando pelo amor de Deus!

Esse Orlando, furioso gasparista sem igual, passou a ser do Castilho furioso... serviçal...²²¹

²²¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 mar. 1891, a. 38, n. 49, p. 2.

A chegar

Tomou passagem o grupinho do Castilho. Todo ele em desalinho, maltrapilho

de ideias. Vem jururu o chefão! Já perdeu o caracu o tipão!

> A molecada, desenfreada, ligeira ensaia tremenda vaia. E as quitandeiras, muito gaiteiras, vendem barato qualquer um pato...²²²

²²² ECO DO SUL. Rio Grande, 4 mar. 1891, a. 38, n. 50, p. 2.

Em telegrama, comunicou o *Eco* ontem: – "O Dr. Hermínio do Espírito Santo, juiz de seção, depois de solene promessa de bem cumprir os deveres do cargo, foi empossado governador, assumindo o exercício."

Comeu, sem indigestão, o caro compositor, um – pelo – que estava escrito antes de – governador.

Esse Hermínio Espírito Santo é demônio, em cunhadío, com chefe do ex-bando, um chefe que está vadío.

É por isso que me apresso a fazer a corrigenda. E Deus queira que o soneto não saia pior que a emenda...²²³

²²³ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 mar. 1891, a. 38, n. 51, p. 2.

Sombra implacável!

Apesar de viver longe, na roça, em completa luz até lá, tendo calvário, tenho eu de andar de cruz!

Na roça as aves abundam, galinhas, perus, marrecas, que dormem quando coaxam sapos, rãs e pererecas.

Mas em toda a bicharia um só bicho me incomoda. É todo branco, chatola, e às galinhas faz roda.

De manhã, bem cedo ainda, abro a janela, e ei-lo perto. Espaneja-se mui lascivo e mostra-me o bico aberto!

Tenho ânsias de matá-lo e de comê-lo depois, em bem larga frigideira, misturado com arroz! Uma lembrança terrível eu vejo surgir então: é capaz, mesmo bem morto, matar-me de indigestão...²²⁴

²²⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 mar. 1891, a. 38, n. 52, p. 2.

Diz um correspondente do *Diário de Notícias*, que em Jaboticabal há tanta falta de barbeiros, que toda a gente ali anda peluda.

Terra feliz, terra boa a do Jaboticabal! Terra que o bem só conhece, terra que não tem rival!

Aquela gente é peluda, é peluda toda inteira. Boa gente para banhos lá nas praias da Mangueira...²²⁵

²²⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 mar. 1891, a. 38, n. 53, p. 2.

Sabendo que o povo aqui não é povo *João Minhoca*, a bicharia que volta vai direto para a toca.

Não passeia na cidade, não tem cara de ser vista, pois sabe que a molecada Não lhe perderia a pista.

É por isso uma garantia para a saúde popular, pois o bando em debandada podia empestar o ar...²²⁶

²²⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 mar. 1891, a. 38, n. 54, p. 2.

Meus senhores, eu vos digo que estou um tanto assustado, pois ousei dizer que isto, que de República é chamado,

está como na parreira cacho de uva madura: ou serve de pasto às moscas, ou cai esta ditadura!

O homem grande, do alto, tem a bola em dirandina. Não dá em bola o coitado! Que cruel, que triste sina!...

Um dia foi ai palácio um senador, o Esteves. Perguntou-lhe: "Que há de novo!" "Não sabe? morreu o Neves!"

O senador, homem sério, tomado assim de improviso, disse lá com os seus botões: "Está sofrendo do juízo..."²²⁷

²²⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 mar. 1891, a. 38, n. 56, p. 2. Não há Historieta com o número 211.

Dizem que o Frota, o de cá, vai subir para a governança. Outros dão-lhe o primo posto de chefe da militança.

Seja verdade ou não seja, seja sério ou brincadeira, há se sempre ser o Frota uma frota sem bandeira...²²⁸

²²⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 mar. 1891, a. 38, n. 57, p. 2.

A penitência

Casta donzela, morena, ao padre se confessava, – Um grande pecado, disse a pobre, que soluçava.

- Di-lo já, ó virgem pura,
 assim a Igreja te ordena!
 Seu padre, eu... dei um beijo,
 murmurou ela, a morena...
- Satanás tu tens no corpo...
 e eu nem ouso afrontá-lo!
 Diga seu padre, que faço para de mim arrancá-lo?
- Um mal só tem cura noutro,
 é prescrição da ciência:
 filha, dá-me uma beijoca,
 eis a tua penitência...²²⁹

²²⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 mar. 1891, a. 38, n. 58, p. 2.

De bonde

Esta é feita no caminho, para o tempo aproveitar, em luta com os ziguezagues que ao lápis o bonde está a dar.

Imaginem que este bonde é capenga, já não forma: por dá cá aquela palha ele se deita, ele adorna!

Parece o maldito bonde do bando da bicharia. Se o bonde fosse ao Congresso, que figura não faria!

Este bando é como a tropa, sendo dela o boi corneta. E aqui finda a sua história, a qual devo a historieta.²³⁰

²³⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 mar. 1891, a. 38, n. 59, p. 2.

Diz recente telegrama que o *pato*, vendo seca toda a grama (é o fato), mandou o pobre Costinha. dançarino, fazer amável cartinha, no fino, ao senhor de Aceguá, um valente que é das bandas de cá, sinceramente. O tonto do velho Costa, coitado! que da dança apenas gosta, atrapalhado ficou ao ver o gaúcho destemido. Teve uma rolha no bucho, e o Cumplido Fanor Castilho chamou (Desilusão!) que esta frase gaguejou: - Por compaixão! Respondeu o general, com ufania,

que a União Nacional é contrária à bicharia...²³¹

²³¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 mar. 1891, a. 38, n. 60, p. 2.

Extraímos de um jornal:

Fez grande sucesso no teatro da Trindade de Lisboa a ópera-bufa *O pato de três bicos*, de Júlio Moinaux e Emílio Jonas. "É engraçadíssimo o poema do *Pato* e a música um primor de graça e inspiração. *O pato de três bicos*, está em ensaios adiantados na Fênix Dramática do Rio."

Esse pato de três bicos será pato original, mas com certeza não é como o de cá – infernal!

Tendo um bico, o nosso pato tem bicado muita gente, se três tivesse... que horror! seria um pato-serpente.²³²

²³² ECO DO SUL. Rio Grande, 17 mar. 1891, a. 38, n. 61, p. 2.

Amor em balanço

Perguntei a uma moça, na Mangueira, o que amava mais nesse remanso, e ela respondeu-me, mui brejeira: – Só amo esta cadeira de balanço!...²³³

²³³ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 mar. 1891, a. 38, n. 62, p. 2.

No anúncio dos corridas, para 22 de corrente, lê-se o seguinte: " — Convidam-se amadores para inscreverem seus animais para estas corridas que terão lugar no domingo, 22 do corrente, à 1 hora e 30 m. da tarde, na loja dos Srs. Teixeira & Damásio, que se prestam generosamente a este serviço."

Esta corrida, corrida em loja, aqui na cidade, é corrida bem famosa, verdadeira novidade!

Mas o que mais me apoquenta é ver Damásio & Teixeira generosos se prestarem a cancha, para a carreira.²³⁴

²³⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 mar. 1891, a. 38, n. 63, p. 2.

Passou entre nós... Trazia então na destra um raminho de oliveira. Era a Paz! E ao lado até ao chão. a Guerra! – espadagão da Brincadeira.

> E de luneta, voz de falsete. numa careta para um minuete nos convidava. "Sou sentinela" Dizia, "e brava, contra a esparrela que armada está." E nós, contentes, Dizendo - "e já que a essas gentes deitamos fogo, queimando o mato", pensamos logo ter morto o pato!

Mas seu Costa virou a bola; pôs-nos ao lado parecendo haver bebido água do monte lavado... Caiu na dança, e a espingarda. numa lambança, sem alabarda foi entupida. Então o Costa, mui fresco, à vida que tanto gosta voltou sozinho. E na fieira foi-se o raminho da oliveira!

Vai-se, sem deixar saudades, seu Costinha dançarino, um velho que, sendo velho, é sempre, sempre menino!²³⁵

 $^{^{235}\,}ECO$ DO SUL. Rio Grande, 20 mar. 1891, a. 38, n. 64, p. 2.

Entre escriturários

Entre o Virgílio e o Morais houve ciúme a matar, porque todos dois queriam ao *seu* Costinha hospedar.

Mas o Moraes, vigaracho, teve recado e guardou silêncio, e azafamado tudo na casa aprontou.

O Virgílio então, mui quente, disse ao colega Moraes: "Toma, sentido, que o Costa pode ir, não voltar mais!"

O Moraes não deu apreço ao recurso da lambança, e para o Costa arranjou uma partida de dança.

> E viva o Costa, homem de ação,

que dá as tintas para a promoção!²³⁶

²³⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 mar. 1891, a. 38, n. 65, p. 1.

Diz-se muito à caludinha, porém com certa malícia, que a nova folha será pelos moldes da *Maurícia*.

Terá saias e não calças, e um nome lindo, olerê, principiando por um – M. e acabando por um – e...²³⁷

²³⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 mar. 1891, a. 38, n. 66, p. 2.

Tinha um fraco o seu Costinha
– era dançar a fieira;
mas isso era patuscada,
uma mera brincadeira.

Mas outro fraco, outra corda sensível tem o Candinho: por *cocotes* dá o beiço, é pior que um barbadinho!

No *Paraná* trouxe duas, mantimento para a viagem. Com elas pintou o sete, di-lo a nossa reportagem.

Foi um desfrute famoso, divertindo toda a gente, que acreditou estar o homem de todo em todo demente!

E um criado descobriu que o Costa, fraco... da bola, é partidário extremado de coisas de alta escola...²³⁸

 $^{^{238}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 mar. 1891, a. 38, n. 67, p. 2.

O *Eco*, ontem, tratando do Sr. Costinha, em visita por esta cidade, disse: – "De madrugada, S. Ex. retirou-se a pé, debaixo de chuva (sem malícia).

Malícia inteira está onde se nega a malícia. Parece que cá o chefe quer correr com a *Maurícia*...

Chuva, sim, e chuva em bagas, chuva bem torrencial apanhou o seu Costinha em gostoso festival!

Foi numa casa de rua que ainda é imperial, onde esteve, por momentos, hospedada a tal *vestal*...

Bebeu-se, chupou-se a grande, e o Costa escorrupichou tantos copos, que na chuva por todo o dia ficou.²³⁹

²³⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 mar. 1891, a. 38, n. 68, p. 2.

Novidade mui fresquinha! Atenção que estou aflito! Para redator da tal folha vem do Norte... o *periquito!*²⁴⁰

²⁴⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 mar. 1891, a. 38, n. 69, p. 2.

Eu sempre tive quizila de folhas oficiais. Acho que são diferentes dos outros todos jornais.

Foi por isso que não li a carta que a *El Semanario* escreveu cá da cidade um sujeito latrinário.

Mas o meu caro Febrônio despertou minha atenção. Não há remédio, vou ler a pulha *Federação*.

Dizem que a obra pertence ao *jerico* ou ao *marmota*, e que por demais se ocupa com o amigo *Jota- Jota*.

Que dirão eles do chefe, com verdade rigorosa? Com certeza que não dizem que ele roubou à Cardosa...

Também de certo não dizem que aos credores furtos fez...

Então que podem dizer Ganímedes de entremês?

Que o pai o correu de casa? Que o Santa Bárbara o engoliu? Que das mãos do Eugênio Franco ele com a cara fugiu?...

Vou ver o que diz a carta do *marmota* ou do *jerico*. Há de ser obra de vaso que acabe o seu nome e em *ico*...²⁴¹

²⁴¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 mar. 1891, a. 38, n. 70, p. 2.

À *Reforma* consta que o bacharel *Rabicó*, afamado habitante da Parvônia, vai ser nomeado juiz de direito de São Sebastião.

Este Rabicó, juiz, sendo juiz sem rabicó, de há muito que pelo Júlio, castilhano, tem cambicho.

Mas eu não sei como o *pato* faz essa nomeação, mandando o Rabicó ir para São Sebastião!

Enrabichado, o Rabicó, que é bem moderno adesista, é capaz de transformar-se em bem bom sebastianista.

Isto anda torto deveras, difícil de endireitar. E vão ver que é o Rabicó, que o pato vai a pagar...²⁴²

 $^{^{242}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 mar. 1891, a. 38, n. 71, p. 2.

Li, reli a nova carta que a *jericada* escreveu, e declaro formalmente que é obra de algum sandeu.

Tenta em vão a *jericada*, contra a voz do mundo inteiro, deslustrar a festa nossa pelo Demétrio Ribeiro.

Por isso atacou em carta, de uma gramática mui suja, o Febrônio, o Jota-Jota, o Pimentel, o Azambuja,

e outros muitos cidadãos que, cumprindo o seu dever, na rua e em toda a parte mostraram sempre homens ser.

Mas não disse a *jericada* que o papa-açordas, coitado! tentou falar ao Demétrio, porém com muito cuidado,

sem ser visto, para que

não o soubesse o Castilho, que é o senhor que governa um bacharel tão... zorrilho!

Nem disse que o Jota-Jota espreitava o garnisé, para dar-lhe por detrás um tremendo pontapé.

Também calou o *jerico*, Ganímedes já sem meios, que há quem traga nas orelhas uns brincos que são... alheios.

Ainda ocultou o tipo que, no Recife, um bedel sabe o que custou a um lente arranjar um bacharel...²⁴³

²⁴³ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º abr. 1891, a. 38, n. 72, p. 2.

Disse o velho coronel, que é de maior competência, que o Serino vem cá ter, a tratar certa incumbência.

Como o Zombo já está visto e na tropa falta eguada, o Serino faz contrato para exibir a *jericada*...²⁴⁴

²⁴⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 abr. 1891, a. 38, n. 73, p. 2.

Falando mal da luz elétrica de Porto Alegre, diz o *Diário Popular* de Pelotas: " – A companhia há mais de ano que prometeu novos motores e máquinas de mais força... mas é promessa que ainda se não realizou; os *patos* continuam a pagar caro uma luz péssima e limitada."

Não é a primeira vez que o Menezes assim faz: sempre que pode, o Menezes atira sátira mordaz!

Por mais que digam, o *Adelino* não pode gostar do *pato*. E isto sem que o conheça bem ao fundo todo o fato...

Se soubesse que o Castilho foi assim apelidado, por um ato repulsivo noutros tempos praticado...

Jogo e juro que o *Menezes* do Castilho dava cabo,

e a todos os pica-paus mandava para o diabo...²⁴⁵

²⁴⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 abr. 1891, a. 38, n. 74, p. 2.

Segundo disse o *Diário*, que é jornal bem informado, o coronel da Juntíssima também vai ser deputado!

A notícia põe-me alegre, dá-me até consolações. Que discursos eloquentes! Que pasmosas orações!

Depois que lá, no Congresso, tiver metido o nariz, o homem confirmará o recado, para o *País*,

dizendo que o presidente da Junta, varão finíssimo, pronunciou um discurso deveras eloquentíssimo!

Deve o Congresso, sabendo que ele é muito mesureiro, dar-lhe a bela comissão de correr o reposteiro.

Mas se lá aparecesse a efígie do imperador, o velhote exclamaria: "Perdoai-me, ó meu senhor!..."²⁴⁶

²⁴⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 abr. 1891, a. 38, n. 75, p. 2.

Ouvi contar uma história de um prato com bom presente que a um certo personagem quase fez ficar demente.

É o caso que um velhote à *bela*, com algum recato, mandou levar uns docinhos em rico, formoso prato.

A *bela* comeu os doces, guardando o prato adorado, e toda a louça pediu ao velhote enamorado.

Este viu-se em mil apuros, mas temendo uma água-suja, cedeu, mandando que a louça fosse para casa da *cuja*...²⁴⁷

²⁴⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 abr. 1891, a. 38, n. 76, p. 2.

Diz-se, aí pela cidade, que, por artes de traição, o *jerico* está tramando contra o colega Falcão.

Como o *jerico* percebe que as coisas vão muito mal, quer ver se o Castilho o passa para juiz municipal.

Espalhou essa notícia das balas o Manoel, dizendo havê-la escutado da boca do coronel...²⁴⁸

²⁴⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 abr. 1891, a. 38, n. 77, p. 2.

Uma caçada... autêntica

(A M. DE A.)

Um caçador afamado, porém que é curto de vista, andou, há dias, de um bando de boas aves na pista.

Meteu-se por tiriricas, por banhados, matagais, esperando com bons tiros matar muitos animais.

De repente, ao companheiro, de vista curta também, pareceu que duas aves se espanejavam além.

O caçador, livre estando de supor em tal chalaça, com um milhão de cautelas preparou-se para a caça.

Por trás de moita cerrada, pôs à cara a escopeta. E é aqui que tem mais graça esta minha historieta. Um após outro, dois tiros fizeram detonação. Duas aves baleadas, mas aves de *estimação*...

O caçador, da espingarda pôs os dois cães nos descansos. No banhado estrebuchavam dois enormes... patos mansos!²⁴⁹

²⁴⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 abr. 1891, a. 38, n. 78, p. 2.

Uma folha do Alegrete oferece aos seus leitores esta declaração: — "Declaro a quem possa interessar que resido à Rua Ocidental n. 36, onde devo ser procurado até as 9 horas da manhã e das 4 da tarde em diante. Peço, portanto, que ninguém me incomode, à hora do trabalho, na repartição onde sou empregado. — Luiz Araújo Filho."

Este sistema merece fervorosas ovações, pois acaba com os *cacetes* que invadem as repartições.

Nessas casas, é sabido governa a Dona Lombeira. Quando um cuida das unhas, outro quilota a piteira.

Se alguém nisso os auxilia, então há coisa que ver! É a fome que se junta com a vontade de comer...

Cá por casa também tenho uns *cacetes* bem constantes, aos quais terei de aplicar essa lei contra maçantes.

Proponho a este governo, para que fique menos sujo, que dê pensão ao Luiz que é filho do Araújo...²⁵⁰

²⁵⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 abr. 1891, a. 38, n. 79, p. 2.

Em S. Gabriel, dizem as gazetas, um Braga boticário, atacou o Demétrio, dizendo que "este votou no congresso pela repatriação do príncipe Augusto, com que os nacionalistas contam para restaurar a monarquia no Brasil, colocando a coroa imperial na cabeça desse príncipe."

Ó Braga! tu és de Braga? ou és de bragas ao pé? Tu caíste como praga. Ó Braga! tu és de Braga? Sendo Braga, és tu Mané? O teu bestunto se estraga. Ó Braga! tu és de Braga? ou és de bragas ao pé?

Ó meu Braga boticário! tu boticas panaceias. Tua cabeça de armário, ó meu Braga, boticário! tem ceroto, não ideias. És tribuno estrafalário. Ó meu Braga boticário! tu boticas panaceias.²⁵¹

 $^{^{251}\,}ECO$ DO SUL. Rio Grande, 10 abr. 1891, a. 38, n. 80, p. 2.

O *jerico* lembrou honesta frase de Napoleão ao imperador da Rússia: – "*Sou levez la peau, et sous l'épiderme vous rencontrerez le tartare.*"

Se eu levantasse essa crosta, se o vosso couro esfolasse, é bem possível que o *tártaro* lá dentro não encontrasse.

Nem humano, nem emético, nem coisa mais pavorosa; encontraria, isso sim, alguma coisa *cardosa...*²⁵²

²⁵² ECO DO SUL. Rio Grande, 11 abr. 1891, a. 38, n. 81, p. 2.

A Gazetinha, ontem, declarou o seguinte aos povos desta redondeza: "— Informamnos que, recusando o Sr. coronel José Luiz de Mesquita entrar na chapa de deputados ao congresso do Estado, será incluído o Sr. Dr. Frederico Bastos, digno promotor público desta comarca."

Ai! que gosto tão gostoso, de gosto a canela estico! Um deputado amoroso! Ai! que gosto tão gostoso! Um deputado baboso, um deputado jerico... Ai! que gosto tão gostoso, de gosto a canela estico!

Quem tal diria, um calhorda feito gente a discursar?... Não mais papa a sua açorda... Quem tal diria, um calhorda em lugar do velho sorna no Congresso a jericar?... Quem tal diria, um calhorda feito gente a discursar?...²⁵³

²⁵³ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 abr. 1891, a. 38, n. 82, p. 2.

Um anúncio no *Diário*, de 10 deste mês corrente, tem no fim da prima linha coisa que mexe com a gente...

Um-a- que, malicioso, saiu lampeiro da caixa, revelou certo mistério e fez de um Rocha uma racha...²⁵⁴

²⁵⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 abr. 1891, a. 38, n. 83, p. 2.

Eu dou hoje um novo tom às minhas historietas, pedindo à Junta que cuide um pouco mais das sarjetas.

A rua que foi direita e que é hoje demetrista tem certo ponto que faz perder-nos de toda a vista!

Fica-se tonto de tanta podridão que ali se vasa. E dizem que tudo aquilo saí apenas de uma casa

de negócio adocicado da Rua Pedro Segundo e que horrível cocheira mantém da casa no fundo.

O Lemos e o Eduardo e a gente do *Sem Rival* todos com razão se queixam de tão fedorento mal.

Senhores fiscais, aquilo é uma calamidade!

Lembrem-se que está grassando o tifo pela cidade...²⁵⁵

²⁵⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 abr. 1891, a. 38, n. 84, p. 2.

Eu aqui, contrito, faço voto de arrependimento, pois a Junta vai cuidar de por bom o calçamento.

Senhor Mesquita, vos peço, pelo que fiz, mil perdões. Merece o senhor agora as maiores ovações.

Para que vossa excelência da Junta seja um bom membro, deve lançar suas vistas para a Praça Sete de Setembro.

Ali, senhor coronel (avive a reminiscência), davam-se festas em honra do dia da independência.

Dança de velhos, pastoras, belos carros triunfais! Hoje, a praça serve apenas Para pasto dos animais!...

Se vossa excelência dá ouvidos ao que reclamo daqui, das Historietas, benemérito vos proclamo!²⁵⁶

 $^{^{\}rm 256}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 abr. 1891, a. 38, n. 85, p. 2.

Chega hoje a companhia que se diz de operetas. Agora vou ter assunto Para muitas historietas...²⁵⁷

²⁵⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 abr. 1891, a. 38, n. 86, p. 2. Há duas Historietas com o número 241.

O Rei conseguiu trazer a suspirada Opereta, que começou por pregar-nos nas bochechas boa peta.

A Gatini, a prima-dona, lá ficou no *far niente*. É de sentir que não venha, Pois dizem ser *de patente*...

Mas veio, e na ponta já ao concluir da semana, una dona bela dona – a predileta Cesana!

A postos, pois! Que ninguém deixe-se ficar na cama. O Rei merece que esteja bem cheio o Polytheama.²⁵⁸

 $^{^{258}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 abr. 1891, a. 38, n. 87, p. 2. Não há Historieta com o número 242.

Na *União Federal*, do Rio, um poeta diz que "às galinhas *se põe* passada ao fogo uma pena enfiada *no nariz!*"

Este poeta é das dúzias, nem sabe onde as ventas tem; sofre de gogo e precisa que dura pena lhe deem.

Se no nariz das galinhas mete penas com tal arte, bem era que lhe metessem outra pena noutra parte...²⁵⁹

²⁵⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 abr. 1891, a. 38, n. 88, p. 2.

Sem malícia...

Com franqueza: que preferes
da *Filha do Tambor-mor?*Eu? é claro que prefiro
da bela filha... o tambor!²⁶⁰

²⁶⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 abr. 1891, a. 38, n. 89, p. 2.

A *Ordem* de Jaguarão, dá esta notícia: – "De sua excursão à vizinha República regressou o distinto médico homeopático, nosso correligionário cidadão Ignácio Guasque."

Muito conheço, o Ignácio, que tinha tenda em Bagé e que nas danças fazia regularmente o seu pé.

Nesse tempo, bem recordo, usava ele, chibante, no index da mão direita, um grande anel de brilhante.

E quando se aprimorava, de vagar, com muito medo, cortava, com todo o jeito, a luva no mesmo dedo!

Uma feita, perfumou-se, e o fez de modo tal, que, no baile, o pobre Ignácio a todos cheirava mal.

Porém o que me surpreende é que o Ignácio, charlata, sem formar-se, possa ser um doutor homeopata!

Já que possuis, caro Ignácio, da ciência os seus arcanos, mata, Ignácio, com uma dose, os micróbios *castilhanos*...²⁶¹

²⁶¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 abr. 1891, a. 38, n. 90, p. 2.

L'uomo é finto, ingannator, menzognero e tradidor, ma per noi, o mai se as, é una gran necessitá...

Canta a Cesana, ditando um conceito bem sabido, porque a mulher não passa muito tempo sem marido.

E se passa, tem defeitos capitais, bem claro está. Só assim não reconhece essa *gran necessitá*.

Voto, pois, contra o sistema dos castos, pelo comtismo. Isso tudo pode ser, mas não é positivismo...²⁶²

²⁶² ECO DO SUL. Rio Grande, 23 abr. 1891, a. 38, n. 91, p. 2.

O *Quinze*, de Bagé, deu a 21 (o Tiradentes) a seguinte notícia: — "Apesar de ser o dia de hoje um dos que o governo da República constituiu, por decreto, de festa nacional, esta folha será amanhã publicada. Em compensação, porém, não a daremos no dia 24, porque quinta-feira próxima, se não é dia de festa nacional, pelo menos o é de pessoal regozijo. Desse modo nada perdem os leitores com o dia santo que inventamos e que não vem consignado na folhinha."

Um batizado, talvez uma festa de parentes, coisa vulgar nestes tempos de conspícuos aderentes.

Se algum outro jornal, valente oposicionista, assim fizesse... "Cadeia com tal sebastianista!"

Mas o *Quinze* é insuspeito, genuíno *castilhano*; pode alterar, se quiser, todas as festas do ano.

Cada qual cuide de si, veja aquilo que é preciso. Tiradentes que se amole. Bem podia ter juízo...²⁶³

²⁶³ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 abr. 1891, a. 38, n. 92, p. 2.

Vem ou não vem o pato?

Diz a pobre *jericada* que o feroz, gosmento *pato* virá a esta cidade fazer obra de insensato.

Pode vir, mas eu garanto (É tão duro como osso!) que por mais que ele gagueje hei de torcer-lhe o pescoço.

Se é capaz, que o *pato* faça conferência popular. Verá que todo este povo está pronto para o vaiar.

Há de daqui ser corrido a pontapés, cachações, porque o povo já está farto de suportar patifões...²⁶⁴

²⁶⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 abr. 1891, a. 38, n. 93, p. 2.

Consta que será apresentado à deliberação do governo do Estado o projeto para fundação da cidade de Deodorópolis, no município das Torres.

Adeus, ó Torres querida, tu vais ser Deodorópolis! Foste a terra prometida... Adeus, ó Torres repartida... Heroica trajanopólis, adeus... ó Torres querida, tu vais ser Deodorópolis!

Por que não castilhonópolis te fizeram, Torres minha? Ó bengala de Petrópolis...
Por que não castilhonópolis, casta Piragibelopólis, moléstia que é quase tinha? Por que não castilhonópolis te fizeram, Torres minha?²⁶⁵

²⁶⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 abr. 1891, a. 38, n. 94, p. 2.

(ENIGMÁTICA)

Sempre ouvi dizer que a figa servia contra os quebrantos, maus olhados das crianças que se finam em infindos prantos.

Mas que uma figa servisse, apesar de pequenina, para conter um mundo inteiro... isso é fé, porém fé fina!²⁶⁶

²⁶⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 abr. 1891, a. 38, n. 95, p. 2.

Amor por perfume

Tu dizes ter bem oculto um talismã precioso. Que constitui a grandeza de um amor que é... perfumoso.

Pois por que, fanciula mia, és egoísta em exagero? Satisfaz, por Deus te peço, meu ardoroso pensiero!

Se se trata de perfume, fácil sou de contentar: É róseo o teu talismã? Deixa o *perfume* aspirar...²⁶⁷

²⁶⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 abr. 1891, a. 38, n. 96, p. 2.

Camarote ou bonde?

Falo hoje com a Polícia, que tanto aplaude a Cesana, mas que faz do camarote bonde, carro ou traquitana.

O delegado, está claro, tem lugar, é presidente. O escrivão... tem um passe, Afinal, também é gente.

Porém outros, os filantes, metidos no camarote... Isso é coisa que provoca do *Zé Povo* um belo trote!

O capitão delegado deve *varrer os pasteis*. Quem quiser ver a Cesana que puxe pelos *migueis*...²⁶⁸

²⁶⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 abr. 1891, a. 38, n. 97, p. 2.

Assegurou-me um amigo que em cabala, *fuça a fuça*, caminham pela cidade o Cintra, mais o *dentuça*.

Eu sempre tive para o Cintra, de quem gosto, muitos gabos. Não creio que ele se case com o tal dos *muitos rabos*.

O Trajano não aceita o Júlio para deputado, pois diz que ele vivia do cargo de delegado!

O Abel também cabala, prometendo fundos, mundos, ele que deve zelar um pouco pelos seus fundos...²⁶⁹

 $^{^{269}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, $1^{\rm o}$ maio 1891, a. 38, n. 98, p. 2.

DOIS BOTÕES

De rosa um alvo botão me deste. Fica guardado. O outro, o róseo, que fique contigo, bem adorado...²⁷⁰

²⁷⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 maio 1891, a. 38, n. 99, p. 2.

Telegrama de Porto Alegre ao *Eco* diz: – "Castilho quase louco."

Que é convenção este *quase*, é bem claro, claro está. A camisola de força é precisa, já e já!

Se livre fica o tal *pato* até de maio o quinto dia, nem Pasteur, nem Deus nos salva do horror da hidrofobia...²⁷¹

²⁷¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 maio 1891, a. 38, n. 100, p. 2.

É hoje o dia final do feroz *castilhanismo*, que representa entre nós petulância e canalhismo.

Há de morrer o patife, o cruel, o vil tirano. Salvá-lo não poderão nem as *drogas* do Galano.

Cá por mim, que dia a dia escrevo em verso estas notas, quero ter do *pato* apenas o couro para um par de botas.²⁷²

 $^{^{\}rm 272}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 maio 1891, a. 38, n. 101, p. 2.

O caso é curioso! Se é! O riso faz gostoso!

O caso é que da urna, em chapa de *lambança*, surgia aos pica-paus na letra uma esperança.

Mas a letra só dizia:
"A vitória é já um fato!"
E, abaixo, bico aberto,
pintado estava... um pato!

E dizem que a tal chapa, que trouxe um desengano, é obra só devida às artes do Galhano...

> O caso é curioso! Se é! O riso faz gostoso! Oleré!²⁷³

 $^{^{\}rm 273}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 maio 1891, a. 38, n. 102, p. 2.

Nas mesas eleitorais houve entre nós *entremês*, figurando em bastidores o Manoel Português.

Saibam todos os leitores que o Mesquita, o bom velhote, dá a perna pela perna de uma galinha, um frangote!

Consultou da Junta o cofre, já magrito, um tanto insonso, e de lá tirou os cobres para às mesas dar almoço.

Houve frangos e galinhas, até patos de cabidela, e o velhote recordava os tempos da sua *ela...*

Como a eleição no Estado para ele é chinfrineira, entendeu que às mesas todas devia dar pepineira.

Consta que alguns dos *tristes*, dos que estão mais esfaimados,

mandaram levar para casa uns magros frangos assados.

Seu Mesquita, pois você não vê que provoca o riso? Nessa cidade, já é tempo de ser homem de juízo...²⁷⁴

²⁷⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 maio 1891, a. 38, n. 103, p. 2.

A comezaina que às mesas o coronel mandou dar até ontem, digo e juro, inda estava por pagar.

O Abel teve do *pato* quarenta contos, seguros, arranjados pelo Braga, da Santa Casa em apuros.

Mas, finório, o chefe Abel gastou três e guardou dez, disposto, como ele está no *pato* a meter os pés...²⁷⁵

²⁷⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 maio 1891, a. 38, n. 104, p. 2.

O parágrafo 4º do art. 72 da Constituição, publicada na *Gazeta* de 6, diz o seguinte: – "Todos são *éguas* perante a lei."

Como o regime em que estamos é todo patifaria quer o *pato castilhano* completar a bicharia.

Se prevalece essa lei, deveras monumental, o Rio Grande passará a ser um grande... curral!

Cá por mim, que neste posto ao governo não dou trégua, varro a testada diante dessa lei, que é lei... *chô égua!*^{£76}

²⁷⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 maio 1891, a. 38, n. 105, p. 2.

À CESANA

É hoje o dia da festa da prima-dona Cesana, uma festa que aprimora em festa toda a semana.

Diante da festa de hoje se confundem opiniões: o governismo abdica, não há mais oposições.

Confundidos em aplausos, pica-paus e federais levam palmas à Cesana, em confusão de ideais...²⁷⁷

²⁷⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 maio 1891, a. 38, n. 106, p. 2.

UM CASO ESTRANHO

(Ao amigo J. D.)

Tem se visto muita gente por olhos apaixonada, pelo pé de certa dama ou por mão aveludada.

Mas nunca pensei que houvesse caso raro, estranho caso, quem se tomasse de amores por um grande, belo *naso...*²⁷⁸

²⁷⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 maio 1891, a. 38, n. 107, p. 2.

Quero um motivo, não tenho; procuro, a rima me foge; como atender, pois, amigos ao compromisso de hoje?

O *pato* está mui batido, já não dá para divertir. Espero que hoje esperneie para dar-me o gosto de rir...²⁷⁹

²⁷⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 maio 1891, a. 38, n. 108, p. 2.

JÁ SOMOS DEPUTADOS!...

O Julinho, que ainda tem os rabos que pôs-lhe o Cintra, anda agora satisfeito, todo gamenho, pelintra.

Não cabe em si de contente, afina as cordas da ideia, pensando que no Congresso fará discurso de estreia.

Outro dia, em plena rua, o Júlio encontra o *jerico*, que vinha, sempre aloprado, em passo de tico-tico,

e diz-lhe: – "Jerico amigo, herói dos mais afamados, venha de lá um abraço, pois *já somos deputados!*"²⁸⁰

²⁸⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 maio 1891, a. 38, n. 109, p. 2.

"Quem tal diria? um galão da tal *guarda não sou nada* faz de um homem um manequim, uma coisa inanimada!"

Dizia, como sentença, ao virar de uma esquina, um tenente-coronel de vida muito abelina.

E razão tem esse chefe, da direção nos cordéis: por meio dos tais galões consegue novos *fieis*...

Mas cuidado, pois bem pode que, amanhã, novos amores levem para o campo inimigo os novos, feios traidores...²⁸¹

²⁸¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 maio 1891, a. 38, n. 110, p. 2.

IDEIA POSITIVA...

Em viagem de recreio, inocente, para a Mangueira, tomei parte mui direta numa bela brincadeira.

Comigo estava o Mingote, o Lívio e o Rafael (este vindo da campanha com importante papel).

Havia um chefe, integérrimo do Lippe em leis decisivas, graças à concepção das doutrinas positivas.

O Mingote teve festas para uma dama de truz. É certo que o homem agita-se e a humanidade o conduz...

Na praia, o Lívio, que é lido nas aventuras dantescas, deu provas que gosta imenso de ostras, quando são frescas. Descobriu o Fortunato, um velhote *mangueirista*, que as ostras cruas se comem a começar pela... *crista!*

Feliz lembrança que ao Lívio recordou ações insanas. Eu mostrei-me partidário Das ostras italianas...

O Rafael entreteve-se De Deus na conversação. Soubemos que o tal amigo Só age por afeição...

No passeio dominou Um só fato capital: O homem tem muitas vezes As ostras por ideal!²⁸²

²⁸² ECO DO SUL. Rio Grande, 19 maio 1891, a. 38, n. 111, p. 2.

Perguntou o coronel, mesureiro, com bons ares: "Como vocês conciliam o Cassal com o Tavares?"

Responderei, mas, primeiro, responda, com pena de aço, à perguntinha inocente que nesta quadra lhe faço:

como um velho, bem velhote, com caruncho monarquista, se transformou de repente em furioso *adesista?*²⁸³

²⁸³ ECO DO SUL. Rio Grande, 20 maio 1891, a. 38, n. 112, p. 2.

Um aluno militar, dos que foram desligados, fez discursos no embarque, discursos endiabrados!

Chegou até a dizer, falando em tom de chalaça: "Hei de comer uma perna do *pato*, assado na praça!"²⁸⁴

²⁸⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 maio 1891, a. 38, n. 113, p. 2.

EM DUETO...

"Quero morrer!" tu disseste, "indo contigo para o céu!" Morrer assim, junto a ti, é todo o anelo meu.

sem asas, morrer tão alto é perigoso, anjo terno. Tenho outra opinião: quero morrer... no inferno!²⁸⁵

²⁸⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 maio 1891, a. 38, n. 114, p. 2.

RECUERDO...

¿Que mal hace un beso solo en tus labios de coral? Dejame besarlos pues, ó criatura ideal

Tu huyes para mui lejos, pero prometes voltar. Se es verdade lo que tu dijes, deja tus labios besar...²⁸⁶

²⁸⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 maio 1891, a. 38, n. 115, p. 2.

(Ao amigo Sebastião)

Lendo no *Eco* o recado sobre mudanças lá em cima, disse com graça um amigo, que me faz forçar... a rima:

"Como anda tudo mudado entre o povo brasileiro! Por na fazenda o Américo, que nunca foi fazendeiro..."

Eu de nada me admiro, pois hei de ver, bem *catita*, administrando uma pasta o nosso velho Mesquita.

Se é deputado o *jerico*, se o Lobo é já delegado, até pode o Malaquita ser bom ministro de Estado...²⁸⁷

²⁸⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 maio 1891, a. 38, n. 116, p. 2.

Os malaquistas

Caiu no goto do *Zé*o nome de *Malaquita*,
que recorda o charlatão
que à vaia o *Zezinho* excita.

Malaquita é personagem de todas as posições, mas de preferência existe entre os *nobres figurões*.

É Malaquita o doutor que em pomada, em *apedidos*, haver tido cumprimentos de todos desconhecidos.

É Malaquita o sujeito que supõe que arranja gabos por vir à imprensa dizer que lhe puseram mais rabos.

Malaquita é o despachante, que tendo a língua em tropel no júri só faz discursos lendo em tiras de papel. Malaquita também é o mesureiro velhote, já com os pés para a cova, mas fingindo de frangote.

Tem pomada, é Malaquita um certo *camaleão*, que vive todos os dias a mudar de opinião.

Malaquita é jornalista, portador de bulas falsas, que disfarça com cautela, suas antigas trapaças.

É Malaquita o grupinho que se diz republicano. Serve ao *pato* Malaquita, *Malaquita castilhano.*..²⁸⁸

²⁸⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 maio 1891, a. 38, n. 117, p. 2; e 27 maio 1891, a. 38, n. 118, p. 2. (A mesma Historieta foi publicada em duas edições).

O Sr. Portela, o *S. Jacob* do Estado do Rio, confiou a José do Patrocínio e a Luiz Murat a organização de uma Academia Literária!

Quando é insano o trabalho para acabar com os bacharéis, fazendo desses *jericos* lava pratos nos hotéis;

quando a luta é contra todos os senhores diplomados, é que quer o tal Portela ter escritores formados!

Para obter mais charlatas era só o que faltava. Se eu fosse o Patrocínio, mandava o Portela... à fava!

Da futura Academia, da nova, pulha falange hão de sair escritores para escrever... em cassange.

É deveras comiqueiro o S. Jacob, o Portela!

E é pena que o não lamba a dona Febre Amarela...²⁸⁹

²⁸⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 maio 1891, a. 38, n. 119, p. 2.

Tal horror tem o Castilho aos patos – o seu tormento, que um pato decapitou em certo, azado momento...²⁹⁰

²⁹⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 maio 1891, a. 38, n. 120, p. 2.

O *Diário*, de Pelotas, em uma *crônica triste*, fala em *patos taquaras*.

Eis uma classe de patos que tem a sua malícia, e acredito que ela exista pela origem da notícia.

O *Diário* é insuspeito ao reino da *bicharia*, pois comunga com os patos na mais santa *pataria*.

Por isso deve o Castilho puni-lo severamente, para não ter brincadeira que é deveras... inocente.²⁹¹

²⁹¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 maio 1891, a. 38, n. 121, p. 2.

Da nova folha: – "Hábeis penas encarregando-se da redação do *Rio Grande do Sul*, o jornal mais simpático deste resto do século XIX."

Estilo novo, e modéstia de espantar a freguesia. Ainda não era nascido E já tinha simpatia.

Neste andar, a bela folha, dando outro nome aos bois, ceia antes do jantar, come o almoço depois...²⁹²

²⁹² ECO DO SUL. Rio Grande, 2 jun. 1891, a. 38, n. 122, p. 2.

O *País* noticia que um professor público e subdelegado de Minas, chamado Feliciano Cordeiro da Graça do Imperador, assina-se hoje Feliciano Felicíssimo Lobo Deodoro Republicano dos Quatro Costados.

Se pega a moda, teremos muitos nomes para mudança. É preciso que se acabe da monarquia a lembrança.

Tantos quantos forem Reis, sejam de copas ou não, terão de mudar o nome, por força da adesão.

Se algum dos Reis que existem for Afonso, cresce o mal, pois recorda os grandes reis que já teve Portugal.

Quando o regime sair das mãos dos nossos Barbalhos, não teremos reis nem mesmo entre as cartas dos baralhos.²⁹³

 $^{^{293}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 jun. 1891, a. 38, n. 123, p. 2.

Diz um telegrama de Queimado para o tenente Vinhais: – "Felicitamos o grande defensor dos fracos, maior vulto da democracia brasileira. – Barbosa Carneiro."

Santo Deus! Cortes Celestes! Ó Santa Virgem Maria! O Vinhais – o maior vulto da democracia!...

Que falta ver neste mundo, ó Eterno Pai dos Céus? Se *jerico* é deputado, que falta ver, Grande Deus?...

Caro Barbosa Carneiro que resides no Queimado, queimada tens tua a bola, tendo o miolo furado...²⁹⁴

²⁹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 jun. 1891, a. 38, n. 124, p. 2.

Um pais tísico!

Interessado, aflitivo, dizia ontem um juiz: "Que remédio vamos dar a este tísico país?"

Respondeu doutor charlata: "A linfa do Dr. Kope." Pois é remédio infalível do Pasquier o xarope...²⁹⁵

²⁹⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 jun. 1891, a. 38, n. 125, p. 2.

Rusga no beco!

Consta que o comendador, com medo da *trovoada*, teve rusga no *quiosque*, onde reina a trapalhada.

Bateu o pé, resmungou, disse que aquilo era um caos, deixando em suores frios o doutor que é rei de paus.

Mas afinal a harmonia reinou de novo entre os dois. Comendador, tu bem sabes que o nome se dá aos bois.

Se ele tira a *espada virgem* (em vez de sangue-melado), adeus, minhas encomendas! Era negócio acabado...²⁹⁶

²⁹⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 jun. 1891, a. 38, n. 126, p. 2.

(A pedido)

Ó Tobias da Mascote! ó meu lobinho adorado! Não descanso enquanto não ver-te como delegado.

O Alípio, não suspeito ao domínio *castilhano*, quer-te, Tobias, de facha, delegado lusitano.

O Tobias delegado, de fitão de duas cores, sem ser Cintra, será tipo de conquistar mais amores...

Mas quem tem *espada virgem* e medo tem aos *trovões*, contraria do Tobias as mais nobres ambições.

O *tal* passou ao Castilho um telegrama, este mês: "Não convém ser delegado um cidadão português..." Eis, Tobias, descoberto o segredo do negócio: o teu amigo Thomaz é um grande... capadócio!²⁹⁷

²⁹⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 jun. 1891, a. 38, n. 127, p. 2.

Do *Rio Grande do Sul:* – "Consta que há para dispor apenas um pequeno número de ações da Companhia Hallawell, pois tem afluído grande número de *perdidos* de Pelotas e de Porto Alegre, apesar de faltar ainda 8 dias até o prazo da inscrição."

Ao ler tão grande notícia e de libações no gozo, disse aqui um deputado e deputado adiposo:

"Isso é mentira, porque eu que aqui estou ainda não dessa nova companhia tomei uma só ação..."²⁹⁸

²⁹⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jun. 1891, a. 38, n. 128, p. 2.

Em sua nova seção – À surdina – diz a Gazeta da Tarde de Pelotas que um pica-pau assim falou a um quero-quero: – "hás de ver, pelo retrato como é lindo o Castilho."

Pela surdina, a *Gazeta* do horrendo belo faz. Se ao Castilho chamas lindo, como chamar Satanás?

Nem mesmo pelo retrato ele aos olhos traz engano: quer retratado ou ao vivo, sempre é *pato* e *castilhano*!²⁹⁹

²⁹⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jun. 1891, a. 38, n. 129, p. 2.

O Tobias, que é cronista e gosta de patuscada, encomendou ao Castilho um porco, para a feijoada.

Conhecendo que o Tobias, que tem Mascote, é pimpão, o Castilho prometeu, em vez de porco – um leitão.

Eu, porém, não estou contente e protesto contra o fato. Não quero leitão nem porco: prefiro, assado, um bom pato!³⁰⁰

 $^{^{300}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 jun. 1891, a. 38, n. 130, p. 2. Há três Historietas com o número 283.

Em telegrama do Rio comunicam ao *Correio* de Pelotas: — "Em Buenos Aires faleceu o jornalista Castilho."

Este Castilho, já morto, que está empestando o ar, será o mesmo Castilho do *Diário Popular?*

Creio ser outro Castilho, ou então Castilho *Hermano* do Castilho do *Diário* – um Castilho... *castilhano*³⁰¹

 $^{^{301}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 jun. 1891, a. 38, n. 131, p. 2. Não há Historieta com os números 284 e 285.

O número do *Diário Popular* que traz o retrato do eminente republicano Dr. Júlio Castilho vende-se a 100 réis nas livrarias Universal e Americana e no quiosque da Praça Regeneração (Transcrito da mesma folha).

Cem réis pelo vulto ingente da moderna geração! Cem réis, moeda de níquel, cem réis que valem um tostão!

É muito pouco, senhores! Quem mais dá, quem mais oferta? Atendam que o *pato* agora na governança se aperta!

Ao menos cubram a parada! Dois tostões, e bato já! É barato, meus senhores! Meus senhores, quem mais dá?

Tobias, meu bom Tobias, que tens por ele *cambicho!*

Manda ao diabo a Mascote! Mais dois vinténs pelo bicho!...³⁰²

³⁰² ECO DO SUL. Rio Grande, 13 jun. 1891, a. 38, n. 132, p. 2.

O *País*, noticiando um choque de trens da Estrada Central, diz o seguinte: – "As locomotivas de ambos os trens chamavam-se uma *General Deodoro* e a outra *D. Pedro II.* A primeira ficou inutilizada; a segunda sofreu insignificantes avarias."

Tal tem sido este governo, que os trens, no seu heroísmo, exibem provas patentes de atroz sem-vergonhismo!

O Pedro, caduco e velho, teve uma ou outra avaria, mas Deodoro, tão *novo*, fez-se logo em ciscaria!

Até as locomotivas parecem ser fatalistas! Que glória para os malvados dos nossos sebastianistas...³⁰³

³⁰³ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 jun. 1891, a. 38, n. 133, p. 2.

Um juiz da Capital Funeral deu este despacho ao requerimento de um pretor:

– "Devolvo. Trate-me por Ilmo. e Exmo. Sr., e finalize com o Deus guarde a V. Ex.; não conheço as práticas de *cidadão* e saúde e fraternidade."

O Deodoro, maçado, por causas de tantas rixas, mandou que a fraternidade cedesse o lugar... às bichas!

Este agora, que é juiz, voltou às causas antigas, por deveras estar cansado de ouvir as novas cantigas.

Pois se o regime não passa de velho já tararacas, ponham em vez da chapa nova – *Saúde e... muitas patacas!...*³⁰⁴

³⁰⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 jun. 1891, a. 38, n. 134, p. 2.

Um inglês brasileiro

Do *Nébula* ao bom comandante eu saúdo! É cavalheiro, e chibante, em tudo!

Sem trazer óculo de alcance, que amofina, ele deixa que descanse a esterlina.

Disse a coisa assim o *Mário*, sem rugas, falando em sentido vário em peúgas!

Sendo *Nébula*, é nebuloso o vapor. Tendo gás, é bem gasoso o licor.

Pois de taça, desta vez, prazenteiro,

eu brinco a quem é inglês brasileiro!³⁰⁵

³⁰⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 jun. 1891, a. 38, n. 135, p. 2.

(Em honra ao Tu-Bias)

Ó tu, Tobias Mascote! És Mascote ou és tu Bias? És ainda frescalhote, ó tu, Tobias Mascote! És Tobias principote na asneira, todos os dias. Ó tu, Tobias Mascote! És Mascote ou é tu Bias?

Tu de versos nada entendes, credores só tens diversos.
Por que criticar pretendes?
Tu de versos nada entendes...
Em asneirolas te estendes
(Di-lo o teu amigo Mendes)
Tu de versos nada entendes, credores só tens diversos.

Tobias, toma um conselho: mete a viola no saco. (E com ela o teu bedelho) Tobias, toma um conselho: não mais sejas tu fedelho, até na prosa sendo fraco! Tobias, toma um conselho: mete a viola no saco!³⁰⁶

³⁰⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 jun. 1891, a. 38, n. 136, p. 2.

Na véspera da partida

A festa deu-se, senhores, no Manoel português, e festa tão surpreendente que uma surpresa nos fez.

Começando o banquetório, na presença do *jerico*, o Molina fez discurso, depois de molhado o bico.

Brindou, sentado, em família da açorda o grande papão, representante futuro da brasileira nação!

Causou o brinde sucesso, sendo o *jerico* aclamado, e pelo *Zé* que espreitava foi o *jerico* vaiado!³⁰⁷

³⁰⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 jun. 1891, a. 38, n. 137, p. 2.

Requiem est...

Que mágoas, que desespero que dolorosa aflição! O *Tobias* não existe, morreu... de uma indigestão!

Tantos foram os pastelões, os guisados que engendrou, que, não tendo a quem servi-los, com eles se empanturrou.

Sobre a tua vala escrevo, sem por ti ter menoscabo: "Morreu o pobre *Tobias*, e morreu de lata ao rabo!"³⁰⁸

³⁰⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 20 jun. 1891, a. 38, n. 138, p. 2.

Arthur Uchoa, diretor da *Navalha*, declarou pelo *Jornal* de Porto Alegre que havia sido atacado por um indivíduo, que lhe pediu fogo e depois espancou-o com um *umbigo de boi!*

Pobre Uchoa, que confessa ter levado sova, à toa! Deveras que eu tenho pena da *Navalha* e do Uchoa!

Mas dize, Uchoa querido, conversa sério comigo: não podias com a navalha decepar tão fero umbigo?

Bem se vê que o tal Uchoa é barbeiro de maçada! Tem Navalha que não presta, já de todo enferrujada...³⁰⁹

³⁰⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 jun. 1891, a. 38, n. 139, p. 2.

O frio dá-me torturas, faz-me sofrer mil azares. Em vez de Cantu, Tobias asneiras dizendo aos pares.

Parece a gente assaltada por tentações do *tinhoso*, ou então que tem presente algum doutor... Virtuoso...

Isto é frio rijo com todos os seus horrores! Maldito frito, que roubas todos os nossos... calores!³¹⁰

³¹⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 jun. 1891, a. 38, n. 140, p. 2.

Viva S. João!

Também queimo o meu foguinho em louvor a S. João! Bichas da China, rodinhas, dez tiros num pistolão!

Que nas fogueiras acesas ao S. João deste ano fique torrado para sempre todo o poder *castilhano*.

Que os *jericos* e *Tobias*, toda a tropa de basbaques, veja sumir-se a influência por entre salvas de traques.

Quero no fim regalar-me, regadas por bom verdasco com as carnes fumegantes de um *pato* feito churrasco!³¹¹

³¹¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 jun. 1891, a. 38, n. 141, p. 2.

Da Capital Federal telegrafou o correspondente do *Diário* de Pelotas: "– Levantei-me hoje da cama; por isso não tenho transmitido notícias. Peço desculpas."

Sinto muito seus incômodos, dá vontade de dizer, mas estimo vê-lo pronto, para a outra... que vier.

Que o correspondente, amigo, transmitisse um tal recado, é natural, pois devia ter o *Diário* avisado.

Mas que este se lembrasse de pô-lo em circulação, isso é lembrança, por Deus, que não merece perdão...

Pede desculpas ó homem, e é preciso que se as dê. Vai a chapa de costume: amigo, não tem de quê!³¹²

³¹² ECO DO SUL. Rio Grande, 26 jun. 1891, a. 38, n. 142, p. 2.

Em tudo - patifaria!

Instalado, diz-se, está o congresso *castilhano*, a novidade maior desta metade do ano.

Que vai ser o tal congresso, composto de bonifrates, as promessas já indicam: perfeita casa de Orates!

Ali ninguém puxa certo, cada qual tem seu destino; dia a dia se verá mais um novo destino.

Um deputado quer missa, outro protesta: "isso não! pois nós cá *semos* do Júlio, avesso à religião!"

Salta o Lacerda, que é de todos o mais carola: "Para essas coisas de *comtismo* é dura a minha cachola!" E o Carlos Flores, matreiro, renegando o seu passado, não se lembra que ontem andava pela igreja ajoelhado!

Aquilo não é congresso, é jaula de bicharia! Eis o novo lema aceito: "Em tudo – patifaria!"³¹³

³¹³ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 jun. 1891, a. 38, n. 143, p. 2.

Queijos em trapalhada!

Do Bojuru, em cartinha com letra mui bem traçada, fala ao *Eco* um caro amigo num tal Chico Trapalhada!

E diz que o tal apelido que é parente do Babel, foi posto nesse sujeito pelo *grande mestre* Abel.

Que Chico é esse? Quem sabe notícias de tal *tutu?* Será o Chico dos queijos do Pastoril Bojuru?

Pois se é ele, bom será que a língua faça calar, pois a *Capa* diz que os queijos inda hão de dar que falar...

Ó Chico que te atrapalhas, aproveita um bom ensejo:

que o Periquito me traga amostra ao menos de um queijo!³¹⁴

³¹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 jun. 1891, a. 38, n. 144, p. 2. Há duas Historietas com o número 298.

Vá lá! No tricentenário desta seção de pilhéria quero falar seriamente dizendo a verdade séria.

Todo o meu empenho é destruir o que é um fato: este regime bandalho que tem por Mentor... um *pato?*⁸¹⁵

³¹⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jun. 1891, a. 38, n. 145, p. 2. Não há Historieta com o número 299.

Escrevendo a história de um casaco e duas balas, acrescenta o *Rio Grande do Sul:* "— A outra conseguiu traspassar a manga do casaco, chegou à carne mas não pode fazer mais do que uma forte contusão porque o casaco tinha ferido a bala no que ela tinha de mais precioso, a força."

Aqui temos dois proveitos que podem caber num saco: casaco à prova de bala, bala com medo ao casaco!

Porém o casaco, as balas, virando de todo a bola, encaixaram-se do autor da notícia na cachola...³¹⁶

 $^{^{\}scriptsize 316}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º jul. 1891, a. 38, n. 146, p. 2.

Dizem de Pelotas que irá dali para a capital o *bando de ratos sábios* de que é diretor um tal Constantino Siciliano.

[Historieta ilegível, tendo em vista que a folha do periódico está rasgada] 317

³¹⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 jul. 1891, a. 38, n. 147, p. 2.

No Congresso do Estado do Rio, o deputado Jorge Cunha apresentou uma emenda considerando fluminenses os Srs. Portela e Getúlio, governador e vice.

Eis um Cunha que merece viver no reino do céu. Dá vontade de gritar: Ó Cunha, tira o chapéu!

Por esses modos o Cunha faz de um judeu um cristão; e é capaz até de fazer do *jerico* um sabichão.

Ao Cunha, se ele vivesse nestas terras em remanso, pediria que ao Castilho passasse de pato a ganso...³¹⁸

³¹⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 jul. 1891, a. 38, n. 148, p. 2.

Um patife, um bom tratante, ao qual eu nunca fiz mal, entendeu dever fazer-me da briosa – oficial!

Recebi, sem que o pensasse, o posto de coronel, tendo assim passado a perna no meu amigo, o Abel!

Agora é que ninguém pode com a vida do *Cantu!* Tobias, desapontado, passou de lobo a tatu!

É bem feito, quem o manda querer meter-se a tralhão? Sem folha para rabiscar, sem galões, sem o fitão...

Mas o que sei é que sou coronel, já de patente. Coronel, ó *seu* Mesquita! Coronel, e de repente!

Participo aos povos todos que de festas não careço,

não desejo que me façam ma-ni-fes-ta-ções de apreço...³¹⁹

³¹⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 jul. 1891, a. 38, n. 149, p. 2. Há duas Historietas com o número 303.

Silva Jardim

Tendo angústias que vêm da alma, dele o talento eu quisera, para ter na frase ardores como chamas da cratera!

Foi a cratera – assassina daquele gênio – vulcão, o mais ingente de todos no prélio – revolução!

E morreu!... Do desengano roído, aflito e gemendo... Tremendas desilusões que tiveram fim tremendo!

Para afogar as torrentes daquela voz – um dilúvio, era preciso que houvesse de lavas todo um Vesúvio!³²⁰

³²⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 jul. 1891, a. 38, n. 150, p. 2.

(Ao Maquiavel)

Apertado num conflito de pavoroso dilema, vi-me deveras aflito na solução de um problema.

Eram duas, ambas belas, que me propunham combate. Que devia fazer delas, das aflições no embate?

Apetitosas, divinas, ambas, cruéis, me afrontavam! Adocicadas meninas, terríveis me provocavam!

Tomei um partido heroico, ante as duas, bem iguais: resignado, um estoico, comi ambas as rivais!...

Descansai, leitoras minhas, não sou nenhum *furioso:* comi duas canequinhas... de um creme delicioso!³²¹

³²¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 jul. 1891, a. 38, n. 151, p. 2. Não há Historieta com o número 305.

Telegrama a uma folha local: — "Houve importantíssima corrida no Derby Club. Ganhou o grande prêmio Dr. Frontin e a égua Teresópolis."

Eu conhecia o Frontin, amigo de fantasias, pela afamada questão da água que deu em seis dias.

Mas que ele disputasse um prêmio correndo a pé, disso eu não cogitava, vos declaro em boa fé!

E correr com animal, raça, sexo diferente... Está sofrendo do miolo... o Frontin está demente!

Que azafama vai haver por entre a gente esportiva: cruzar o sangue Frontin com o sangue de tal *diva*.³²²

³²² ECO DO SUL. Rio Grande, 8 jul. 1891, a. 38, n. 152, p. 2.

A Federação publicou, entre outros, este belo telegrama: — "Rio Grande, 26. — Congratulações auspiciosas, instalação Congresso Estado e pela honrosa prova confiança que mesmo Congresso condignamente vos conferiu. Agradeçovos, circular, patriótico acontecimento. — Francisco L. Falcão Júnior, juiz de direito interino."

Este juiz tem juízo, é um perfeito adesista: vela a Deus, vela ao diabo, com o olho sempre na pista!

Para ele a pista é viver bem com uns, com outros bem. Traz as costas sempre em folga, enquanto o pau vai e vem...

Quando o Tavares subiu, ele prestou-lhe adesão. Subiu o Carlos Machado, mandou-lhe o mesmo sermão!

Vai para ponta Dom Castilho? Segue a história: – "Todo teu!" Amanhã vem o Gaspar? "Conte comigo, sou seu!"

A este pode chamar-se um juiz ajuizado! Adesista no presente, *virtuoso* no passado...³²³

³²³ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jul. 1891, a. 38, n. 153, p. 2.

Atualidade política

Fala-se muito em revolução. Para mim não passa de *falação*...

Isto está tudo desengonçado; ninguém se encontra em bom estado.

Cada cabeça sentença tem, mas de miolo nem um vintém!

Triunfa apenas com galhardia o grande chefe da bicharia!

Fala-se muito em revolução.

Para mim não passa de *falação*...³²⁴

³²⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jul. 1891, a. 38, n. 154, p. 2.

Falando de lixo e cortiços, disse ontem o *Artista:* "... não é com uma simples *ralhação* que gente refratária, como a que habita o cortiço 91, há de emendar a mão..."

Se o *Artista* reconhece que uma apenas *ralhação* não chega para a tal gente poder emendar a mão,

é ralhar, seguidamente, todo o dia, sem cessar. A tal gente, com certeza, vai a mão logo emendar.

E se os ralhos forem muitos, da gente a mão emendada de tanta emenda será *uma mamão* agigantada!

Essa mão reformar pode negócio de muita urgência: para dar um dedo grande à Divina Providência...³²⁵

³²⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 jul. 1891, a. 38, n. 155, p. 2.

No relatório (?) do fiscal da Junta sobre a Colônia Municipal lê-se o seguinte: – "Existiam 4 juntas de bois lavradores e a pouco *foi aumentada* com mais 6 juntas ou 12 bois; destas (isto é, das 6) existem hoje 19 bois, tendo morrido 1."

Ó que juntas! que prodígio! valem bem boas patacas! doze bois deram mais oito, sem que precisassem vacas!...

Ó que juntas milagrosas, desta Junta sem igual! Juntas assim só bem juntas do assombroso fiscal...³²⁶

³²⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 jul. 1891, a. 38, n. 156, p. 2. Há duas Historietas com o número 310.

À procura de um homem

Todos dizem que nos falta um homem para governar, um pulso bem vigoroso que nos possa endireitar.

Tenho também procurado ver se encontro o militante, mesmo que seja entre todos de todos o mais tratante.

E confesso que um só há capaz de tudo fazer. Se o leitor dá-me licença o seu nome vou dizer.

Está na ponta o tal herói, D. Finório, o *jesuíta*: só pode mesmo salvar-nos o Zé Dias Malaquita!³²⁷

³²⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 jul. 1891, a. 38, n. 157, p. 2. Não há Historieta com o número 311.

Assombro tribunício!

A Federação de 8, resumindo o discurso do deputado estadoal Vasco Bandeira, põe-lhe na boca estas palavras: – "Cita nomes de cidadãos rio-grandenses nascidos em outras províncias e que administraram esta criteriosamente."

Enorme este deputado! Colossal, edificante! Calino dos mais Calinos, porém um moço... chibante!

E é com gente desta força, de um senso piramidal, que galgará o zênite o progresso *estadoal!*

Glória à terra que com glória este gênio nascer viu! Abençoada barriga que este gênio produziu!...³²⁸

³²⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 jul. 1891, a. 38, n. 158, p. 2.

Ao Zé Maria

Gostei dessas *palhetadas*, em palhetas de ouro fino, versos bons que marcam, certos, teu ideal, teu destino.

Mas confesso desacordo com tal nome! *Zé Maria!...* Poeta de alta linhagem com cheiro de burguesia...

Esse nome, ó meu poeta, tem laivos de prosaísmo; quase *Zé Dias*, o tipo perfeito em charlatanismo...

Mas o caso é que preciso dar-te embora, distinções. Ajuda-me, ó *Zé Maria*, a zurzir tais paspalhões!³²⁹

³²⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 jul. 1891, a. 38, n. 160, p. 2. (A coleção não compreende o n. 159).

Escreveu o Dr. Malaquita: — "Só o *Eco* finge ignorá-los (os fatos) e os *põem* em dúvida para fazer triunfar a sua campanha de ódios."

É deveras singular do sul o sujeito *Eco*, que tem campanha empenhada com Zé Dias, badameco.

Porém é plural, mal posto, aquele verbo que põe. Til e m são demais, o sentido contrapõe.

Toma lá, e vai de graça, mais esta boa lição. És charlata no falar, na ciência – charlatão...³³⁰

³³⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 jul. 1891, a. 38, n. 161, p. 2.

Um belo pedacinho do Dr. Malaquita: – "Tempo ao tempo, e então contaremos os felizes que logrem escapar sem arranhão."

Só arranha quem tem unhas e unhas das bem compridas, que possam entrar na manobra de certas coisas sabidas...

Quem tem unhas, *unha o cobre* de *partidos* diferentes, embora deixe a morrer os infelizes doentes...

É de unha bem ligeiro quem se diz só de um partido, mas a outro se consagra, de corpo e alma vendido...

Arranhado em medicina, comete erros fatais, deixando despovoados os diversos hospitais...

E as unhas vai metendo em avultado *cobrório*,

sendo, além de Malaquita, moleque muito *finório...*³³¹

³³¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 jul. 1891, a. 38, n. 162, p. 2.

D. Pimenta Malaquita dedicou-me estas linhas: – "Estamos *certos que Cantu* é capaz de pensar do mesmo modo."

"Estamos *certos que* pensa do mesmo modo o *Cantu!"* Vou falar-te com franqueza: uma asneira dizes tu...

Do mesmo modo... Mas como, se nada dizes, meu bem? Parece que estás sofrendo da *mioleza* também...

Dou-te um conselho: cuidado em fazer tantos discursos! Mais tarde verás, bem tarde! Que só tens amigos ursos...³³²

³³² ECO DO SUL. Rio Grande, 22 jul. 1891, a. 38, n. 163, p. 2.

Mais uma adesão!

"Rio Grande, 14. – Felicitações sinceras. Viva o Rio Grande! Tudo a esperar patriotismo, talento e honradez do ilustre presidente. – Francisco Leonardo Falcão Júnior." – (Federação de 15 do corrente.)

Este doutor, Virtuoso, faz-me lembrar uma coça, pregada pelo Ramalho, escrevendo em grande troça.

Descrevendo as populares manifestações festivas, Ortigão com *verve* ortiga *o comandante dos vivas*.

Nas ovações *castilhanas* ocupa o lugar honroso, dos vivas na comandância, este doutor, Virtuoso!

Para ter boa companhia, nestas festas de *vivório*.

deve o doutor dar o braço ao Malaquita Finório...³³³

³³³ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 jul. 1891, a. 38, n. 164, p. 2. Há três Historietas com o número 316.

Mais uma adesão!

O Sr. Lustosa Macahyba, delegado contra o contrabando, foi nomeado tenente-coronel da cavalaria riograndense.

Deveras, tinha vontade de ver este coronel empinado num *matungo* que não lhe desse quartel!

O senhor Lustosa é um sujeito pesadão; apenas com um só *corcovo* o *pingo* levava-o ao chão.

Que figura mais ratona Não faria o *cavaleiro*, rolando do *pingo* abaixo, pelos patas do *traseiro!*

À banda, essa tua espada, de coronel de tal *bando*, não serve nem para cortar os *bandões* do contrabando.

Tua terra tem jangadas,

a nossa tem *petições*, a seca por lá só seca, por aqui só há *fogões*.

Deixa os galões, Macahyba; larga a espada, ó delegado! Jangadeiro do sertão nunca deu para soldado...³³⁴

³³⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 jul. 1891, a. 38, n. 165, p. 2. Não há Historieta com o número 317.

Onde está o gato?

"Me hei de chamar Zé Maria" dizes tu, meu caro Zé, numa palhetada ingente feita dum só... pontapé!

"Miei?" Mas por que miaste, ó meu caro Zé Maria? Pois enquanto isso tu fazes, dize o que é que assobia...

Eis o que fez a tal lei contrária ao anonimato: um poeta, fina estirpe, a miar que nem um gato!³³⁵

 $^{^{\}rm 335}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 jul. 1891, a. 38, n. 166, p. 1.

Bostock & Champanhe

Visitei a exposição de Bostock & Companhia: calçado por toda a parte e champanhe em demasia!

Apertado no dilema, entre champanhe e sapato, abri mão deste, para o pé daquele saltei – um gato...³³⁶

³³⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 jul. 1891, a. 38, n. 165, p. 2. (Erroneamente foi atribuído o número 165 e não o 167).

Entaladela...

Se talar tem por sentido destruir, só causar dano, eu procuro bem talar todo o campo *castilhano*.

Mas talar não tenho hábito, nem talares para voar. Talo eu em águas doces, talas tu o grande mar.

Nestas talas tão metido muito entalado fiquei. Ao seu talante procuras um tal, que bem o sei...

Fugirei, sempre que possa, de futura entaladela. Sem ser gato, tu *miaste* Esta danada querela!³³⁷

³³⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 jul. 1891, a. 38, n. 168, p. 2.

Conta um telegrama do Rio: "- Durante o dia tem rolado no morro Paulo Matos, misteriosamente, grande quantidade de moedas de níquel, prata e papel."

Quem conhece Paula Matos, o morro do parafuso, diante de tal recado deveras fica confuso!

Aquela chuva medonha de niqueis, prata, papel, despenhada pelo morro em abundância, em tropel,

dá ideia de um prodígio que a todos deve espantar, pondo os fios telegráficos em loucura a trabalhar!

É notícia de sucesso! Uma fortuna de bey! Mas com certeza não passa de troça do Paula Ney...³³⁸

³³⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 jul. 1891, a. 38, n. 169, p. 2.

Pela Nova Polônia...

O Garcia, o *periquito*, mais o Braga Cara-Dura estão fazendo do Norte nova terra – da *fartura...*

Muito intrigado, o Garrafa com o Marreco intendente, meteu à bulha o Garcia contra o mesmo, o presidente.

O Braga, que é bom finório, sustenta o *bicho*, contrito, concordando com a prisão do Garcia, o *periquito*.

O Garrafa, delegado, não quis prender o Garcia, e o Marreco, furioso, fez bulha, faz arrelia.

E este recado passa ao chefe da *bicharada:* "Ou Garrafa ou eu, escolha, decida esta trapalhada..." Em reposta, o grande chefe assim desembrulha o ato: "Em periquitos, marrecos, mando eu, que sou... o *pato!*"⁸³⁹

³³⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jul. 1891, a. 38, n. 170, p. 2.

Telégrafo de Corumbá!

Telegrama publicado em uma folha de cá diz que houve briga feia nas terras de Corumbá.

Por onde veio o recado, qual o seu caráter gráfico, se Corumbá não conhece o que é fio telegráfico?

Parece milagre igual àquele do Paula Mattos! Em vista de tais milagres à minha bola dou tratos...³⁴⁰

³⁴⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 jul. 1891, a. 38, n. 171, p. 2.

Que deputado danado!

Na assembleia do Pará, um deputado falou contra um abuso nas fazendas de Marajó, pronunciando este assombroso discurso:

"Sr. presidente, pedi a palavra com este palavreado simples, sem flores de ortografia, para apoiar o que acaba de dizer meu companheiro na sua falação, porque se continuar em Marajó a matança das vacas do sexo feminino, cedo, muito cedo não teremos nenhum gado!...

É triste, dói meu coração de pai ver nos campos de Marajó bezerrinhos chorando pelas suas mães. Um faz para cá – man, muan, muan, e outro para lá – méé, méé, méé, sem terem onde mamar."

Se qualquer casualidade, "dessas que descem de além", me fizesse deputado desse bom Pará também,

proporia *in continenti*, sem perder um só momento, que a esse monstro deputado se elevasse... um monumento! Vacas e bois, e bezerros, sobre enorme pedestal, berrariam – glória eterna ao papai... *estadoal!*

É ele – postura ingente riso aberto à viração, de pé – os braços abertos, uma teta em cada mão!³⁴¹

³⁴¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º ago. 1891, a. 38, n. 172, p. 2.

Deu que fazer a questão do Leopoldo Saraiva. Por causa deste o Macário tem tido acessos de raiva.

A *tolerância* o levou a mentir à fé do grau, mas a justiça, que é cega, não quis ver o lado mau.

Invertendo as posições, fez-se forte em rabulice, arquivando num cartório os seus atos de tolice.

Agora, o Dr. Finório chama o *Eco* aos tribunais, pensando assim ocultar crimes, erros bem fatais.

Não lhe aproveita a contenda, digo-o aqui à puridade: ficará mais conhecido por toda a nossa cidade.

Da tumba há de ser erguido um esqueleto – o Monteiro... Terá castigo tremendo o charlata aventureiro...³⁴²

 $^{^{342}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 ago. 1891, a. 38, n. 173, p. 2.

O Cantu denunciado!

Novidade, mui fresquinha, conto hoje ao meu leitor: contra o *Cantu* já deu queixa o tal *finório doutor!*

Mas por que me denuncia? Que crime aqui pratiquei? Ao meu leitor eu confesso que, formalmente, não sei!

Eu nunca o chamei de santo, jamais neguei que ele *empina*, nem sou capaz de dizer que ele sabe medicina...

D. Macário é charlatão, diz que cura, mas é peta, pois todos o reconhecem como doutor... de opereta!

Não atino com o motivo da queixa, assim de repente! O que me salva é eu ser coronel, e de patente!...³⁴³

 $^{^{343}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 ago. 1891, a. 38, n. 174, p. 2.

Ecco il problema!

Está fechado o concurso sobre a dama junto à fera, um jogo como daqueles feitos *no tempo da era...*

Ninguém falou com acerto. Era intrincado o problema. O *Marcellus* só fez troça, Pois é esse o seu sistema.

Conhecida a opinião do *Marcellus*, o gaiato, no problema meto o bico (apesar de não ser *pato...*)

A tal dama, medieva, tinha pancada na boia; podia, pois, apontar para uma ou outra gaiola...³⁴⁴

³⁴⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 ago. 1891, a. 38, n. 175, p. 2.

Como se fala em problemas, nestes dias gloriosos, aqui apresento o meu para gáudio de curiosos.

É bicho, só tem dois pés e tem asas, é daninho; a nadar é valoroso; tem bico, não tem focinho.

Devo declarar que o bico é como colher, é chato. Digam agora os leitores se o bicho é marreco... ou pato?!³⁴⁵

³⁴⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 ago. 1891, a. 38, n. 176, p. 2.

Ao pachola do Zé

A mentira é vício feio bem o sabes, Zé Maria; só ela pode aceitar tamanha patifaria:

Por que te gabas, pachola daquilo que teu não é? Não tens receio que o Mário te chame a contas, o Zé?

Sou de segredo, por isso guardo inteira discrição. Senão nem te valeria a Virgem da Conceição...³⁴⁶

³⁴⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 ago. 1891, a. 38, n. 177, p. 2.

PRIMEIRA DECLARAÇÃO — Por um conjunto de razões que não vem ao caso relatar, declaro-me inteiramente retirado da vida política — tenente Alencastro Carneiro da Fontoura, não mais deputado, SEGUNDA — Havendo cessado as razões da minha retirada, volto à vida política. — tenente idem idem, deputado outra vez.

Há razões ou não as há? Diga a coisa por inteiro. Ou Carneiro deputado ou deputado carneiro!

Havendo razões, é claro, as razões só dão razão. Sem razão não se arrazoa, ou razão não há então.

Isto de andar para trás e para a frente, hoje, amanhã, é coisa só de carneiro já tosquiado, sem lã.

Mas o tempo rijo vai e isto aqui não é Hungria, Por isso o Carneiro, húngaro, mordeu de novo a fatia...³⁴⁷

³⁴⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 ago. 1891, a. 38, n. 178, p. 2.

José Midas Lerias Piedade

Ponho a prêmio esta charada, ou seja decifração, anagrama ou logogrifo, mas muito de ocasião;

Com aqueles quatro nomes outros quatro formarão, os quatro representando um famoso charlatão!³⁴⁸

³⁴⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 ago. 1891, a. 38, n. 179, p. 2.

Estes três, postos em fila, recordam grau de mistério, o mais alto concedido em assunto muito sério.

E como neste o segredo tem grande seriedade, protesto contra o costume que descobre a caridade.

Malaquitas há cá fora que lá dentro também são, infringindo o Evangelho, que da esmola esconde a mão.³⁴⁹

³⁴⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 ago. 1891, a. 38, n. 180, p. 2.

Toque a música!

Tal mixórdia tem havido por causa das tais Missões, que anda a gente a toda a hora a mudar de opiniões.

Mestre Quintino, sabido em negócios de embrulhada, embrulhou toda essa gente do Congresso-Trapalhada!

O tratado repele, por ser mau – um desatino, mas resolve convidar para um banquete o Quintino!

Isso é coisa que parece brincadeira de criança! Salve-se a Pátria, em perigo porém cuidemos da pança...³⁵⁰

 $^{^{350}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 ago. 1891, a. 38, n. 181, p. 2. (A data foi editada erroneamente, estampando 11, quando deveria ser 12 de agosto.)

Estadual ou estadal?

Para mim, estadual é asneira rematada, que contraria a raiz da palavra alatinada.

Mas uma e outra, declaro, não deve mais curso ter, Cada uma que se contente com aquilo que possa ser.

Província é um nome aceito e que exprime afinal mais verdade... verdadeira, não sendo um termo brutal.

Gritem embora os Malaquitas que tudo querem inovar: é província, não Estado este estado de...³⁵¹

³⁵¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 ago. 1891, a. 38, n. 182, p. 2.

Juiz caipora

Partiu. Levava na mala todo o poder *abelino*, cuidando que abiscoitava juizado muito fino.

Apresentou-se ao Castilho:
– Sou doutor o *virtuoso*tenho cartas e serviços,
e para a coisa sou jeitoso.

Em telegrama, passado por convicções honestas, disse eu e outro colega que a cidade estava em festas.

Sou inimigo do *Eco*, pode crer, pois é um fato. Maldito jornal aquele, Que só vos chama de *pato!*

Por isso de vós espero palavra de compromisso. E lá tereis um juiz para todo e qualquer serviço. Mordendo o curto bigode, Castilho nem pestanejou. Virando-se para o tal doutor. nestes termos lhe falou:

Daquela terra a gentinha não presta, não vale nada.
Só pede patifarias!
É gente muito... atrasada.

O telegrama, colega só prova contra o juiz, que mente sem que se lembre ao menos... do seu nariz!

Quanto ao *Eco*, pouco importa que me chame de *pato* ou não. Tempo ao tempo... esperarei por melhor ocasião...

Demais, o cargo está dado a quem tem muito valor, pois já foi na sua terra excelente promotor!

- Mas, Castilho, deves crer nas minhas opiniões...
- Bem conheço qual força dessas tuas adesões!

Telegrafaste ao Tavares

e ao Bittencourt também. Em vez de juiz, pareces desses cabos de vai-e-vem...

Saiu. Uma alma danada, nas cangalhas a suar. – Maldito *pato!* E o *Eco* tem razões para falar!

Chegou. Está cheia a cidade que o Castilho vale pouco... Diz-se até, muito engraçado, que se acha um tanto louco...

Juízo tem o Castilho, como nunca teve outrora. O juiz é que bem mostra que é juiz, porém caipora!³⁵²

³⁵² ECO DO SUL. Rio Grande, 14 ago. 1891, a. 38, n. 183, p. 2.

Olha uma força que saía!

Já se fala, sem cautelas, em nova transformação; já muita gente apregoa que vem a restauração.

Não creio nela, e direi quais são as minhas razões: é porque neste país não há mais opiniões.

No entanto, eu desejava que este regime cambaio se virasse em monarquia, mas como balão de ensaio.

Que ela viesse num dia, sem esperar, de repente. Só queria olhar para a cara, bem dura, de muita gente!

E que logo se sumisse, para nunca mais voltar, porém tendo feito antes toda essa gente enforcar...³⁵³

³⁵³ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 ago. 1891, a. 38, n. 184, p. 2.

É com o telégrafo

O caso hoje tem vista ao meu amigo Simplício, a quem peço as atenções para coisas do seu ofício.

Aquela sua estação, sem luz, sem tinta e papel, dá ideia de um serviço feito em torre de Babel.

Vai um mortal muito aflito a passar qualquer recado, e de tanta amolação deveras fica maçado!

Penas, papel, tinta boa e também um lampião são coisas indispensáveis naquela triste estação.

Eis o que amavelmente peço ao amigo Simplício, sem que com isto lhe peça muito grande sacrifício.³⁵⁴

³⁵⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 ago. 1891, a. 38, n. 185, p. 2.

Quem fica com o milho?

O Castilho jaz aflito para regular a intendência, pois são muitos os pedidos feitos com certa insistência.

Ele quer que seja chefe o nosso bom coronel, mas há proposta em contrário, da parte do *mestre* Abel.

O Malaquita, o Macário têm metido a sua cunha, pensando que para a intendência pode ser cera na unha...

E há outro candidato (agora junto ao Castilho) que pensa obter a espiga de quinhentos grãos de *milho*.

O que posso afiançar aos que correm atrás da isca é que Zé Dias Macário ficará burro na bisca...³⁵⁵

³⁵⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 ago. 1891, a. 38, n. 186, p. 2.

Foi Camilo, o grande mestre que aos pulhas pôs em tropel, quem falou da tal receita por Deus dada a Ezequiel.

Mal pensava então Camilo que Ezequieis, por ofício, lambuzam-se, e bem contentes por tamanho *sacrifício!*

Eles sentem sempre o gosto de tão famoso manjar, e, porcalhões, vêm à fala o seu gosto proclamar!

Dispépticos, tendo os estômagos de todo em todo estragados, felizes se consideram por se verem regalados.³⁵⁶

³⁵⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 ago. 1891, a. 38, n. 187, p. 2.

Para variar...

Sou Malaquita, confesso, charlatão de maço e mona. Nas torpezas me interesso, sou Malaquita, confesso. Injúrias para os outros peço, pois sou reles marafona. Sou Malaquita, confesso, charlatão de maço e mona.

Com pimentas malagueta sirvo os servos paspalhões. Faço assim uma grilheta com pimentas malagueta. Mando-os pregar muita peta, como pulhas histriões. Com pimentas malagueta sirvo os servos paspalhões.³⁵⁷

³⁵⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 20 ago. 1891, a. 38, n. 188, p. 2.

Ainda para variar...

Fui *conserva* furioso, porém sempre vendilhão. Como zorro mui manhoso, fui *conserva* furioso, charlata sempre, gasoso, conhecido pedinchão. Fui *conserva* furioso, Porém sempre vendilhão.

Ao cair o meu partido, fugi para outro arraial. Finório, muito sabido, ao cair o meu partido protestei amor fingido ao partido liberal. Ao cair o meu partido, fugi para outro arraial...³⁵⁸ (*Cont.*)

³⁵⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 ago. 1891, a. 38, n. 189, p. 2.

Voltando atrás...

Eu sou da terra do coco e também do vatapá. E proclamo, sem descoco: eu sou da terra do coco! Mas então era eu bem pouco, não valia um cambucá! Eu sou da terra do coco e também do vatapá.

Zé Dias era eu chamado nas terras da quituteira. Já *finório* consumado, Zé Dias era eu chamado, tendo já alarpado uns cobres, em brincadeira... Zé Dias era eu chamado nas terras da quituteira.³⁵⁹

³⁵⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 ago. 1891, a. 38, n. 190, p. 2.

Continuando...

Por ser *cabra* e capadócio, entendi de ser *douto*.
Engazopei um beócio, por ser *cabra* e capadócio.
Tendo jeito para o *negócio*, eu logrei o meu *sinhô*.
Por ser *cabra* e capadócio entendi de ser *douto*.

Metido na academia, servi em tudo aos meus lentes. Lá nas terras da Bahia, metido na academia, de todo o jeito eu servia àquelas tão boas gentes... Metido na academia, servi em tudo aos meus lentes...³⁶⁰

³⁶⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 ago. 1891, a. 38, n. 191, p. 2.

À guerra!

Tendo a bola muito dura, vi-me maluco na Escola!
Lá na terra da fartura, tendo a bola muito dura, valeu-me um bom padre cura, que abriu-me a sua sacola.
Tendo a bola muito dura, vi-me maluco na Escola!

No Paraguai fez-se a guerra, e pus-me logo a caminho. Deixei da fartura a terra. No Paraguai fez-se a guerra (a lembrança inda me aterra), para lá virei o focinho. No Paraguai fez-se a guerra, e pus-me logo a caminho.³⁶¹

³⁶¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 ago. 1891, a. 38, n. 192, p. 2.

(A vida de Zé Dias)

MEUS ENSAIOS

Foi salvadora a campanha, foi a minha salvação!

Cara dura e muita manha...

Foi salvadora a campanha!

No jogo do perde-ganha, conquistei reputação!

Foi salvadora a campanha, foi a minha salvação!

Cerrando pernas e braços, matei gente com fartura! Ia operando aos tropeços, cerrando pernas e braços, sem encontrar embaraços para a minha *cara dura!* Cerrando pernas e braços, matei gente com fartura!³⁶²

³⁶² ECO DO SUL. Rio Grande, 26 ago. 1891, a. 38, n. 193, p. 2.

(A vida de Zé Dias)

CAVACOS DO OFÍCIO...

Conquistei foros, patente de grande cirurgião. Sem o pensar, de repente, conquistei foros, patente, fui alferes, fui tenente, sem passar de charlatão! Conquistei foros, patente de grande cirurgião.

Por causa de uma chinoca, apanhei tremenda surra!
Tive as nádegas em pipoca, por causa de uma chinoca, que pregou-me uma *taboca!*Irra! Safa! Livra! Urra!
Por causa de uma chinoca, apanhei tremenda surra...³⁶³

³⁶³ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 ago. 1891, a. 38, n. 194, p. 2.

O Mário e o Zé

Salta para fora daqui, Macário – o patifaria. Quero fazer cumprimentos ao Mário e ao Zé Maria.

Estes dois amigalhotes parecem-se aos de Sião: quando um fica doente, é que o outro não está não!

Deixando Mário as primeiras colunas desamparadas, Zé Maria, sem pinceis, não pinta mais palhetadas.

Estando o Mário curado, O Zé sarado já fica. Ressurge o Mário, e o Zé de novo as tintas estica.

Seja um ou sejam dois, com isso, ó Cantu, que tens? Bons estão o Mário, o Zé? Pois dá-lhes os teus parabéns.³⁶⁴

³⁶⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 ago. 1891, a. 38, n. 195, p. 2.

Desditosa Polônia!

O Norte está dando sorte, por causa do Trapalhada! Solto o diabo no Norte, o Norte está dando sorte. Uma gente de má-morte pôs o Norte em barulhada. O Norte está dando sorte, por causa do Trapalhada!

Os *garrafas* e os *marrecos* estão se unhando como gatos. Verdadeiros badamecos, os *garrafas* e os *marrecos* já puseram em pandarecos a camarilha dos *patos*. Os *garrafas* e os *marrecos* estão se unhando como gatos...³⁶⁵

³⁶⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 ago. 1891, a. 38, n. 196, p. 2.

Ratos e cardiais

Estão na *cidade em festas* cardeais e sábios ratos. E quem sabe se amanhã Não teremos sábios *patos...*

Os ratões, diz o *Diário*, só atestam paciência do mestre que os ensinou e o põem em evidência.

Mas a *Gazeta*, que é folha de colega veterano, sabe que os cardeais não são os do Vaticano.

Sem saber o que pensar, em vista de casos tais, resolvi-me a ver de perto os ratos e os cardiais.

Há bichos na coleção levadinhos da carepa! Dentre eles vi lampeiro um ratão muito careca. Tem o rabo bem pelado e na fuça põe cangalhas. Disse o mestre que esse rato é o chefe dos canalhas.

- Como chama, perguntei,
 a esse ratão, catita?
 É doutor em medicina
 e seu nome é Malaquita!
- E esse cardialzinho
 que parece pateta?
 É bacharel, sem exame,
 e tem veia de poeta.
- E esses ratos que roem
 nos pés de tais figurões?
 São sabujos, todos pagos
 para o papel de histriões...³⁶⁶

³⁶⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 ago. 1891, a. 38, n. 197, p. 2.

Trompa ou tromba?

Noticiam alguns jornais que em Portugal, na Terceira, uma *trompa* fez estragos que não são de brincadeira.

Impressionado, pergunto: que trompa maldita é essa que está aí a pregar aos jornais tamanha peça?

Será de Eustáquio essa trompa ou será trompa de caça? Ou é trompa folopina essa trompa que ameaça?

Vão ver que a trompa é *reclame*, é *puff* de muito *bombo*. Essa trompa não é trompa, mas sim a tromba... do Zombo!³⁶⁷

³⁶⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º set. 1891, a. 38, n. 198, p. 2.

Quem não chora...

A luta, tremenda, heroica, desse povo americano, faz-me lembrar o governo que se chama – *castilhano*.

Por simples modo de ver a lei da Constituição, dá-se a guerra fratricida que envolve toda a Nação!

Isso lá, porque nos outros, metidos a valentões, deixamos a lei sofrer pontapés e cachações.

"Lei é lei", diz Balmaceda, "exprime ordem, progresso." "Progresso e ordem queremos" dizem outros no Congresso.

Aqui, faz a lei Castilho, e fala em progresso, ordem. Porém em tudo há regresso, Por toda a parte desordem! Se do bravo Balmaceda Castilho tivesse a bola, a todos nós reduzia a fedelhotes de escola.

Dar-nos-ia de chinelo, do corpo em qualquer lugar. E mesmo assim pediríamos uma teta para chupar...³⁶⁸

³⁶⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 2 set. 1891, a. 38, n. 199, p. 2.

Venceu... o Chile!

Os chilenos estão na ponta, cobertos de mil troféus! Com a vitória dos chilenos descem de preço... os chapéus!

É preciso que a um herói a História palmas conceda; com seda inscrevendo o nome do chileno – Balmaceda!

Os revoltosos, valentes, da Pátria tenham os louvores; pois afinal vence o Chile vencidos e vencedores!

E mais contente eu estou por ver que, findo o horror, foi aclamado grão-chefe Agustin – um escritor!

É possível que algum dia, de alguma guerra no fim, seja eleito presidente o senhor

Cantu-Mirim

*

Observo ao Zé Maria que não gosto de alusões... *Japonês* por aí me chamam patifes, malcriadões... deixe quieto o *arrôis*, que o comeremos nós dois!³⁶⁹

C. M.

³⁶⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 set. 1891, a. 38, n. 200, p. 2.

Metido em boas estou..,. Zombo, Olga e Julieta! À qual dos três devo dar a primeira historieta!

Vou pensar... depois direi à qual dos três darei "bombo": se à Julieta, se à Olga ou se ao mastodonte, o Zombo!³⁷⁰

³⁷⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 set. 1891, a. 38, n. 201, p. 2.

Ó meu caro *Zé Maria*, de contente pulo agora, na certeza que o arroz vai nos dar bem bom boa hora!

Sem pauzinhos o teremos, em delícia *tête-à-tête*, e bem breve, pois é breve o meu dia, o dia sete...³⁷¹

³⁷¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 set. 1891, a. 38, n. 202, p. 2.

Hoje o dia é todo festas todo cheio de folia, pois de Pelotas aí vêm os filhos que deu Thalia.

Mas são filhos sem que o sejam, pois cada qual tem seus pais; são filhos que se divertem por bem santos ideais.

São filhos, são, do Trabalho e também da Caridade, pois mitigar vêm as dores dos pobres desta cidade.

Outros, filhos que não sabem de onde vêm sua opulência, cerram o duro coração aos pedidos da indigência...

Bem-vindos sejam tais filhos, que brincam fazendo o bem. são os filhos do Trabalho que de Pelotas aí vêm.

Recebê-los, pois, devemos por entre risos e flores, pelos pobres premiando tão generosos favores.³⁷²

 $^{^{\}rm 372}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 set. 1891, a. 38, n. 203, p. 2.

Um tanto ou quanto *gosmento*, na cama, a tomar tisanas, só posso ter amarguras nestas horas tão tiranas!

Ouço o diabo a respeito de barulhos, barafunda, dizem até que de bengala houve quem tomasse tunda...

E não posso ver de perto toda essa patuscada! Não ir ao Polytheama, não ver o Zombo, nem nada!

É danada esta doença que a vida me torna aflita! Rompendo com as prevenções, vou chamar o Malaquita...³⁷³

³⁷³ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 set. 1891, a. 38, n. 205, p. 2.

Sumiu-se o Mário, e com ele seu amigo, o Zé Maria, deixando que as Palhetadas sofram mágoas, noite e dia!

Por que poeta, a palheta de novo não aprimoras? Por que não pintas amores, o céu, tão belas auroras!

De bom grado eu deixarei de escrever Historietas. Em vez de versos cambaios, quero rubis em facetas!

Em cólicas tenho vivido, cólicas que o são, de verdade. Irei, pois, delas curar-me, para bem longe da cidade.

E tu, de palheta em punho, pintando mulheres nuas,

nas palhetadas darás ao Cantu notícias tuas...³⁷⁴

 $^{^{\}rm 374}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 set. 1891, a. 38, n. 206, p. 2.

Campo neutral...

Perguntava um cabalista a um tipo pantafaçudo, que em tudo o bico metia, mas sempre, sempre asneirudo:

- A que partido pertences,
 que ideias enfim professas?
 Partido? ideias?... Explica
 que coisas raras são essas!
- Já sei que a nossa aliança terá venturosa dita!
 Não é possível... - Por quê? Porque sou... hermafrodita!

É este o campo neutral dos que arrotam independência, *a sebo* todos metidos, mas de ideias na indigência...³⁷⁵

³⁷⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 set. 1891, a. 38, n. 207, p. 2.

MARIO

Esta carta escrevo ao correr, num só relance Por não ver-te amargurado o meu *pauvre coeur balance!*

A pena que te ofertaram, de ouro, em pérolas encravada, tem menos valor que a tua bela pena imaculada,

que tem escrínio em tua alma feita de luz e purezas e que se confrange, aflita, ante um mundo de torpezas...

Mas vale a pena ter pena de ouro, dada por amigos, que não deixam as penas santas sem confortos nem abrigos!

Tal pena é pena que açoita, dos infames é grilheta. A estes – o meu desprezo, a ti – esta Historieta!³⁷⁶

³⁷⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 set. 1891, a. 38, n. 208, p. 2.

A pena que não se aluga

Muito bem, sinhá *Gazeta*, vosmecê *fez um bonito*, tomando parte, modesta, no conhecido conflito

entre a imprensa e os *deleguês* que em vão tentam amesquinhá-la. Esse papel, amiguinha, vossos brios assinala!

Retraída, por costume e por sua educação, a modesta *Gazetinha* fugiu à *conspiração*.

E trouxe bela homenagem a *Gazeta*, dessa fuga: trouxe honrado cumprimentos À PENA QUE NÃO SE ALUGA!³⁷⁷

 $^{^{\}rm 377}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 set. 1891, a. 38, n. 209, p. 2.

Na inauguração da Metropolitana, um Sr. Nicócia, dirigindo-se ao generalíssimo, disse: – "Faço votos para que o Brasil seja um país de eletricidade e não de burros!"

Entre este senhor Nicócia e a sua eletricidade há como entre frade e burro a mesma conformidade.

Mais burros são entre nós os que no Nicócia, burro elétrico, só julgam ouvir da eletricidade um urro.

Era agrícola este Brasil, foi país do rei *sabença*, mas urrando é que o Nicócia lhe empanzina sapiência.

Mas o que mais me admira é que os burros do país

não preguem um bom par de coices do Nicócia no nariz!³⁷⁸

 $^{^{\}rm 378}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 set. 1891, a. 38, n. 210, p. 2.

Perguntou-me um grande amigo, que tem muito bons narizes, se quando os bichos falavam também havia juízes!

Tal pergunta é muito boa e foi-me em cheio para o goto. Pois se temos cá na terra um juiz que é gafanhoto...³⁷⁹

³⁷⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 set. 1891, a. 38, n. 211, p. 2.

Conta o *Libertador* que, em Pacatuba, Ceará, o intendente da municipalidade expediu um *alvará de soltura* em favor de um porco recolhido ao depósito municipal.

Digo sempre, e repetindo estou, de noite e de dia que este regime é composto da mais rara bicharia.

Um pato é que nos governa, pelas Juntas há marrecos, e um lobo, feito ministro, pôs a pasta em pandarecos.

Temos pintos promotores, é juiz um gafanhoto; só falta ver nalgum cargo, dos infernos o Canhoto.

De burros já nos chamou um tal Nicócia, empreiteiro, com aplausos de D. Rui, ex-ministro financeiro.

Aos bandos voam daninhos os terríveis pica-paus,

por toda parte carniçam muitos outros pássaros bisnaus.

Estranhar, pois, não devemos ato de tanta cordura que a um suíno, bicho manso, dê-se *alvará de soltura*.³⁸⁰

³⁸⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 set. 1891, a. 38, n. 212, p. 2.

Honra aos crioulos!

Mestre Abel teve uma prova que foi-se a sua influência: A *canalha* revoltou-se na eleição para a intendência!

"Os crioulos – proclamavam o chefe já seus soldados – são meus, e hei de levá-los pela gola, *achincalhados!*"

Adeus, falada chefia; adeus, chefe, adeus *papão!* Os *crioulos* te infligiram uma tremenda lição!

E foi o pano de amostra porque perto vem o dia que ruirá em destroços tamanha patifaria...³⁸¹

³⁸¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 set. 1891, a. 38, n. 213, p. 2.

A Federação dando a boa vinda ao Emanuel, diz que ela, a boa vinda, "significa a passagem deslumbrante do astro de maior grandeza que cintila no céu da arte", e termina "descobrindo-se reverente na presença do ilustre hóspede."

Esta arte rio-grandense é coisa muito hipotética e que deixa a gente toda deveras peripatética!

É verdade que Thalia, boa mãe, muito esmoler, tem tido filhos à ufa, que vivem... como Deus quer!

Mas esses filhos, espúrios, de arte não têm resquícios. São foliões que repartem, aqui, ali, benefícios.

O que, porém, me apavora e põe-me o sentido alerta é ver a *Federação* em perigo, descoberta! Senhor Castilho, você, por amor da própria estampa, deve ordenar que a tal folha na cabeça ponha a tampa.

O tempo corre em perigos, há pestes pelas cidades. E é crime admitir tão grandes *facilidades*...

Cantu-Mirim

*

"Os crioulos – proclamava o chefe, já sem soldados", escrevi, mas não os versos ontem tanto deturpados.

Escrevendo, tenho em conta um homem que foi *coruja*. Poeta sou de água doce, porém nunca de água suja...³⁸²

C.M.

³⁸² ECO DO SUL. Rio Grande, 20 set. 1891, a. 38, n. 214, p. 2.

Vai ser tremenda a campanha da Rússia com a Turquia. A qual delas caberá da luta a melhor fatia?

Eis o que já se discute na maior animação. Se vence, na turca a Rússia à Turquia dá canhão.

Mas se a Turquia, por sorte, da guerra fica na ponta, é contar que ela na Rússia tomará turcas sem conta...³⁸³

³⁸³ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 set. 1891, a. 38, n. 215, p. 2.

Em um dos seus últimos números, diz o *Jornal* da Capital Funeral: – "Foram vacinados ontem os deputados Gonçalves Chaves, Joaquim Leonel, João Pinheiro, Constantino Paleta e Feliciano Pena."

Eis aí um caso digno de louvores, saudações. São úteis neste sistema todas as vacinações.

Vacina contra a bexiga que nos muda o frontispício, desde muito é conhecida e traz grande benefício.

Pena é que não tenhamos vacina contra os *pinoias* que o Ramalho classifica de *bacharéis lambisgoias*...

Ainda outra vacina inventar é necessário: a que livre a humanidade das tisanas do Macário...

Mas vacina é que queremos para um mal de modernismo:

vacina bem aplicada, contrária ao castilhanismo...³⁸⁴

 $^{^{384}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 set. 1891, a. 38, n. 216, p. 2.

A polícia de Pelotas, fraudando a Constituição, é contrária à liberdade no que toca à profissão.

Ali-Babá, fetichista, sacerdote de cor preta, aos seus fieis explicava uma ou outra historieta.

Mas a polícia, inimiga do culto que se exercia, mandou que o Ali-Babá fosse pregar na Bahia!

Por que então a polícia, já que deu tão maus exemplos, não proíbe a adoração de outros ídolos, noutros templos?

Sejam os fetiches de barro, de metal ou de madeira, cumpre à polícia encará-los da mesma forma ou maneira.

Por amor à coerência, fruta bem vasqueira já, em paz devia deixar o senhor Ali-Babá.

Cada qual que vá para o céu pela estrada que escolher, pois os babás e os sem baba babados hão de morrer...³⁸⁵

³⁸⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 24 set. 1891, a. 38, n. 217, p. 2.

Um conselho...

Comendador,

temos visto como que uma assuada, nos ouvidos, que denota do Paraguai – trovoada!

Isso é mau, e aconselho menos melado na pipa. Do contrário, eu contarei o que se deu com a Felipa...³⁸⁶

³⁸⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 set. 1891, a. 38, n. 218, p. 2.

Otelo e Desdemona

Crítico ingente que assombra a gente. G. M.

Cronista porto-alegrense, que se diz de maço e mona, ao Otelo chamou *pálido* e de *falsa* a Desdemona!

Ver palidez no Otelo é dizer que é negra a lua, é jurar que viu limpeza na mais imunda *cafua*.

Se falsidade ostentava fidalga, esposa divina, é preciso acreditar que o cronista é papafina!

Mas creio que dos dizeres do cronista do *Jornal* o que resulta é que o *cujo* não diz as coisas por mal.

Com certeza o Damasceno meteu-lhe aquilo na *bola*,

sem lembrar-se o patifão que tem virada a cachola.

A um e outro aconselho, sem ter que forçar a rima, que petisquem o que o Gaspar dizia do Pinto Lima...³⁸⁷

³⁸⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 26 set. 1891, a. 38, n. 219, p. 2.

A cadeia civil

"Aquela arquitetura da lata de biscoitos Huntley Palmers está indicando que as concepções do referido arquiteto bem podem correr parelhas como as de qualquer cágado medianamente domesticado."

......

"Um frio constante penetra pelos vidros partidos das janelas, dia e noite, sem uma providência que ponha termo a tal abuso!"

Aqui está, bem espichado, não duvido em afirmá-lo, um escritor acadêmico que ainda não chegou a galo!

Que linguagem soberana! Que beleza de orações! um cágado domesticado cuidando das construções!

E chamar ao frio – *abuso*, sem metê-lo no xadrez, é figura de poeta que não passa de *princez!* Outras coisas divertidas diz tal artigo, *pinoia* que revela a grã-sabença do bacharel... lambisgoia!³⁸⁸

 $^{^{388}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 set. 1891, a. 38, n. 219, p. 2. (Erroneamente foi atribuído o número 219 e não o 220).

Novos adesistas

"Em 19 do corrente, telegrafaram de Porto Alegre ao *País* do Rio de Janeiro: 'O Dr. Júlio de Castilhos abriu um crédito de 7:792\$676 para as despesas de acomodação das praças do piquete e construção de cocheiras da respectiva cavalhada, junto ao palácio do governo'."

Sete contos setecentos noventa e tantos mil réis só para ter junto ao governo os seus melhores fieis!

É de força este Castilho, moleque da pá virada! Procurar por adesistas Mesmo dentre a canalhada...³⁸⁹

³⁸⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 set. 1891, a. 38, n. 221, p. 2.

Diz telegrama para o *Eco:* – "O Congresso de Sergipe votou uma lei proibindo o casamento dos professores públicos, sob pena de perda da cadeira."

Este Congresso estupendo merece ser condenado a viver eternamente das mulheres segregado.

As mulheres de Sergipe, devem fazer obra bela: todos esses deputados não poderão ter *costela*.

Uma lei contra tais tipos votem as mulheres também: cada qual que vá vivendo com os recursos que tem...³⁹⁰

 $^{^{\}rm 390}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 set. 1891, a. 38, n. 222, p. 2.

O *Rio Grande do Sul* publicou ontem este telegrama do Rio: – "Ontem às 3 horas da tarde, Ricardo Ramalho, encontrando a esposa em *concepção de adultério* com Almeida Pinto, à Rua Misericórdia n. 33, disparou tiro de revólver ferindo a ambos gravemente."

Agarrar assim a esposa a conceber adultério positivamente é assunto muito sério!

Mas como soube o marido que a mulher, assim punida, de crime tão revoltante tinha ideia concebida?

Eis o que não nos declara, talvez tomado de horror, o sábio correspondente da folha do promotor.

Este crime traz lembrança de outro crime original;

quem *protege um criminoso* fica *sob a ação penal.*..³⁹¹

 $^{^{\}rm 391}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 1° out. 1891, a. 38, n. 223, p. 2.

Transcrito da *Felipa:* "O Dr. Arthur Pinto da Rocha nunca escreveu uma $s\acute{o}$ linha para o R. G. do S., que $s\acute{o}$ teve a honra de receber do laureado poeta rio-grandense uma poesia que foi inserta *no seu primeiro número*. E é $s\acute{o}$."

Vê-se que o órgão Felipe, por Felipas redigido, não considera que os versos sejam linhas, ao comprido.

Mas o *seu número primeiro* a quem se refere então? Ao jornal ou ao poeta que lhe ditou a lição?

E para que escreveu três vezes o termo *só*, se uma basta para afirmar que *aquilo* já inspira dó?

Eis porque o promotor, que é bacharel estrangeiro, não o tem como jornal redigido em *brasileiro...*³⁹²

³⁹² ECO DO SUL. Rio Grande, 2 out. 1891, a. 38, n. 224, p. 2.

Quantos brutos!

"Anteontem foi vítima da *brutalidade* de um cocheiro...

O brutal cocheiro...

Que seja castigado semelhante brutamontes."

(Da *Felipa*.)

Brutos, brutais, brutamontes, ó quanta brutalidade! Fitando iguais horizontes, brutos, brutais, brutamontes, por vales, serras e montes, povoam toda a cidade! Brutos, brutais, brutamontes, ó quanta brutalidade!

Nesse estilo felipino, a Felipa vai para trás! Só escreve um asinino nesse estilo felipino. Tem perfumes de suíno, não parece do Thomaz... Nesse estilo felipino, a Felipa vai para trás!³⁹³

³⁹³ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 out. 1891, a. 38, n. 225, p. 2.

Aos Srs. fiscais

Fala a Felipa:

"... um empregado desta redação, ao passar pela casa do Sr. Coimbra, viu-se surpreendido por um cão, que, se atirando a ele (ao Coimbra?), rasgou-lhe as calças..."

Ó cachorro impertinente, larga a calça caipora! Por que atolaste o dente, ó cachorro impertinente, em tal lugar, em tal hora? Ó cachorro impertinente, larga a calça caipora!

De calça rota um mortal corre perigo sem conta!
Se vê qualquer animal de calça rota um mortal, é preciso que um fiscal do roto venha para a ponta...
De calça rota um mortal corre perigos sem conta!³⁹⁴

³⁹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 out. 1891, a. 38, n. 226, p. 2.

Telegramas felípicos

Primeiro: — "Ficou assentado entre o governo e a oposição que a direção política dos Estados será realizada com audiência de governistas e dissidentes."

Segundo: — "Os senadores e os deputados pretendem organizar o partido nacional republicano francamente oposicionista."

Até nos seus telegramas, a Felipa é engraçada! Cada vez é mais calina, mais felipa e mais melada!

"Acabou-se a dissidência, governam gregos, troianos! Reina a paz nesta Varsóvia, não mais se fala em tirania!"

Vem após o desmentido, notícia de sensação: "Senadores, deputados, vão todos para a oposição!"

Ó Felipa! pois não vês que essas coisas causam riso? É tempo, comendador, de ter um pouco de sizo...³⁹⁵

 $^{^{\}rm 395}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 out. 1891, a. 38, n. 227, p. 2.

Dizem que isto é do novo noticiarista da Felipa: – "Quinta-feira será levada a esplêndida pantomina, *Aquática*, onde (?) aparecerá Julieta em um barquinho resvalando sobre as *ondinas mansas* daquele lago azul!"

A gente procura o lago, seja azul, seja encarnado, não vê lago, não vê nada... o lago ficou *melado!*

A Felipa anda doente, por causa dos tais *trambolhos*. Precisa *duches* seguidas sobre a torre dos piolhos...³⁹⁶

Cantu-Mirim

*

Em vez de emendar *tirannos,* como a revisão queria, um *tipo* cá da futrica deixou sair – *tirania!*

 $^{^{\}rm 396}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 out. 1891, a. 38, n. 228, p. 2.

Parece coisa arranjada pelos heróis da Felipa! condeno o compositor a compor *tipos* da *tipa*...³⁹⁷

C. M.

³⁹⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 out. 1891, a. 38, n. 228, p. 2.

Um D. João de bodega, tresandando a salpicão, dedicou-me a *serenata* do seu roto violão.

Foi a história de encomenda e traz bodum de taverna, para gáudio dos Felipes e mais da *polícia externa*...

Lorpa, panga, frescalhote, dançando o *cataritê*, o seboso poetrasto rima pés com *pince-nez!*

Faz lembrar-me do Camilo aos critiqueiros de enxurro: mandou que os tipos cavassem nos próprios pés, pés de burro.

E diz que bolos mereço, por ser falador mordaz, descobrindo as maroteiras de comendador Thomaz.

Vem cá, escuta, palerma: eu não tenho do que gostas... Mete a língua e a viola no fundo... das tuas costas!³⁹⁸

³⁹⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 out. 1891, a. 38, n. 229, p. 2.

Dura lex...

Uma cena *au naturel* em pleno Polytheama, ao dar-se a tal pantomina que não corresponde à fama.

Canoas, botes vogavam pelo lago improvisado, e um grande pato, garboso, da pata nadava ao lado.

Uma ovação delirante acolheu o bicho aquático, que em vista de tais aplausos pôs-se um tanto sorumbático.

Mas, depois, senhor da cena, passada toda a surpresa, obediente prestou culto às leis da Natureza!³⁹⁹

³⁹⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 out. 1891, a. 38, n. 230, p. 2.

Passa fora, lambisgoia!
D. João de calças rotas!
Tens furada a claraboia.
Passa fora, lambisgoia!
Vai comendo a triste boia e põe remendo nas botas.
Passa fora, lambisgoia!
D. João de calças rotas!

Com lacaios não me entendo, ao Thomaz é que eu *debocho*, Vai te lavar, estás fedendo... Com lacaios não me entendo, Piolhos vai espremendo, enquanto ao Thomaz acocho. Com lacaios não me entendo, ao Thomaz é que eu *debocho*.⁴⁰⁰

⁴⁰⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 out. 1891, a. 38, n. 231, p. 2.

Vem cá, Thomaz de uma figa, paspalhão de impigens cheio. Atende à gente inimiga, vem cá, Thomaz de uma figa. Tu não passas de lombriga apertada em certo meio. Vem cá, Thomaz de uma figa, paspalhão de impigens cheio.

Analfabeto e farsante, teus galões da gala vêm. Medroso e sempre pedante, analfabeto e farsante, do Paranhos, ó birbante, as galas viste também. Analfabeto e farsante, teus galões da gala vêm.⁴⁰¹

 $^{^{\}rm 401}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 out. 1891, a. 38, n. 232, p. 2.

Varro daqui, por limpeza, da Felipa os tipos sujos. Às moscas o tal Thomaz e com ele os seus sabujos!

Para fazer historietas outros dados são preciosos. Que fiquem, pois, descansados o Thomaz e mais *narcisos*.

Lidar com eles importa em ter todas as cautelas. É perigoso o contato de tais e tantas mazelas.

Amanhã pronto estarei para divertido ataque. Por hoje, fico de molho em água de Labarraque...⁴⁰²

⁴⁰² ECO DO SUL. Rio Grande, 13 out. 1891, a. 38, n. 233, p. 2.

O doutor José um tipo mui baixote, e namorado, contando uma lérias da Suécia, é viajado... Mas hoje fiscaliza para Bagé, tendo sempre nos lábios a facécia.

Em regresso do Rio, o doutor falou na imprensa, da qual é dos maiores servidores, e despediu-se dos amigos todos e *admiradores!...*

A coisa por aqui causou *sucesso!* No mercado, as *begônias* têm bom preço...⁴⁰³

⁴⁰³ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 out. 1891, a. 38, n. 234, p. 2.

HISTORIETAS 386 (*)

O doutor José um tipo mui baixote, e namorado, contando suas lérias da Suécia, é viajado... Mas hoje fiscaliza para Bagé, tendo sempre nos lábios a facécia.

Em regresso do Rio, o doutor falou na imprensa, da qual é dos maiores servidores, e despediu-se dos amigos todos e *admiradores!...*

A coisa por aqui causou *sucesso!* No mercado, as *begônias* têm bom preço...

(*) Reproduzida por haver saído muito errada.

387

O comendador Melado

Furioso,
o comendador deu pela espora.
Gogoso,
o infeliz Thomaz, caipora,

dois coices aplicou na gente de quem se rodeou, e do Reis quase deu cabo.

O rabo
do Thomaz – espada triunfante
de sangue carcomida, coruscante
– parecia ter navalhas afiadas!
E pôs-se o desgraçado em sapatadas!

"Me melem
Os diabos todos, pois faremos
o que quiseres!" disse então o Lemos,
que é finório no jogo do *chapeau*.
"Protesto! diz o Reis, ele é *macreau*e eu azul tenho o sangue destas veias!"

"Qual meias! Cala a boca, senão falo", Disse o Thomaz, engasgado. E o porco D. João, engordurado, pisou-lhe com a toesa o melhor calo.

Afinal, o Thomaz, coçando a impigem, meteu na bainha a espada virgem.

Foi tudo obra de brincadeira. Tudo acabou em borracheira! E depois de tão famosa orgia a Felipa, coitada! só fedia...⁴⁰⁴

⁴⁰⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 out. 1891, a. 38, n. 235, p. 2.

Trovoadices

O Trovoada, *valiente*, tem rasgos de marechal. Matou paraguaio a dente, O Trovoada, *valiente*, porém quase de repente nas calças sentiu-se mal... O Trovoada, *valiente*, tem rasgos de marechal.

É honrado e *pente-fino* feliz em cada lembrança.
Barrigudo, mas felino, é honrado e *pente-fino*.
Nas unhas tem muito tino, de relógios para *lembrança*...
É honrado e *pente-fino*, feliz em cada lembrança.⁴⁰⁵

⁴⁰⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 out. 1891, a. 38, n. 236, p. 2.

Trovoadices

O pobre Trovoada quer fugir da dobadoura, para não dar conta dos trastes que furtou ao Pedro Moura.

Castiçais, relógios, tudo passou para a empalmação, o que fez com que o Alves viesse de Jaguarão...⁴⁰⁶

⁴⁰⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 out. 1891, a. 38, n. 237, p. 2.

O ZOMBO

Qual Olga, qual Julieta!
O Zombo é que está na ponta!
Zomba delas, não é peta.
Qual Olga, qual Julieta!
Zombo passa-lhes a palheta
e as tais rivais desaponta.
Qual Olga, qual Julieta!
O Zombo é que está na ponta!

O Zombo é tipo afamado, tem fama nas zombarias. Animal afidalgado, o Zombo é tipo afamado. Tem honras de deputado, mas não faz patifarias. O Zombo é tipo afamado, tem fama nas zombarias.

Quando o Zombo deita fala, é contar grande sucesso! Todo o Congresso se cala quando o Zombo deita fala. Da vida na sua escala, Zombo quer – ordem e progresso. Quando o Zombo deita fala, é contar grande sucesso.

Uma vez, cá na Assembleia, trombou a Constituição.
Destroçando a patuleia, uma vez, cá na Assembleia, tendo assento de plateia, o povo fez-lhe ovação.
Uma vez, cá na Assembleia, Trombou a Constituição.

Zombo sabe medicina como a arte de curar. É doutor, e papa-fina, Zombo sabe medicina. Já bateu a antepirina, Numa tese de escachar! Zombo sabe medicina como a arte de curar.

Entende um pouco de letras e também de arquitetura. No meio de tantas tretas, faz versos, historietas, é bacharel caradura. Entende um pouco de letras e também de arquitetura.

Igualmente partidário, Zombo parte a coisa ao meio. Respeita o adversário, igualmente partidário, seja embora salafrário, minta ou seja verdadeiro. Igualmente partidário, Zombo parte a coisa ao meio.

Amando sempre a verdade, Zombo tem convicções. Vê na lei a majestade, Amando sempre a verdade, é seu culto a liberdade de todas as profissões. Amando sempre a verdade, Zombo tem convicções.

Sendo cabo eleitoral,
Zombo é sempre independente.
Com ideias sem rival,
sendo cabo eleitoral,
na Junta Municipal
será um bom intendente.
Sendo cabo eleitoral,
Zombo é sempre independente.

Qual Julieta, qual Olga! O Zombo é que está na ponta! O Zombo não lhes dá folga. Qual Julieta, qual Olga! Zombando, o Zombo as empolga e aos namorados afronta... Qual Julieta, qual Olga! O Zombo é que está na ponta!⁴⁰⁷

⁴⁰⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 out. 1891, a. 38, n. 238, p. 2.

A Felipa está passando por cruel desbagação: manda vender as entradas que as companhias lhe dão!

Falta cobre até para velas, para outras despesas mais. É que já foi-se a cobreira do roubo dos castiçais...⁴⁰⁸

⁴⁰⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 20 out. 1891, a. 38, n. 239, p. 2.

Um descuido

Aberta a sessão, o presidente, sempre mui cortês e delicado, disse para o doutor que procedesse à leitura do seu palavreado.

E o doutor, com calor, leu algumas tiras de papel, onde havia ideias em tropel.

Depois o presidente, no vivório, Teve gritos de espanto e fervor:

- Viva o presidente do Estado!
- Viva sua majestade o imperador!409

⁴⁰⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 21 out. 1891, a. 38, n. 240, p. 2.

Errata

Correto, como em tudo, reverente, assim escreveu-me um presidente:

"É falso, meu Cantu e meu senhor, que eu *vivas* elevasse ao imperador.

Apesar de ralar-me algum desgosto, eu bem sei que rei morto tem rei posto."

Feita aqui eu deixo a corrigenda, por ela ser-me feita de encomenda.⁴¹⁰

⁴¹⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 out. 1891, a. 38, n. 241, p. 2.

A minha adorada amiga, que se chama *Gazetinha*, deu ontem à publicidade esta mimosa quadrinha:

"Diz o maneta, o perneta, diz o cego, diz o rengo: na pontíssima das pontas vai o café do *Marengo*."

A quadrinha está bem feita, mas não é original: pertence, de corpo e alma, ao *Tenório* do *Jornal*.

Há *Marengo* em Porto Alegre, também casa folgazã, como a de cá, onde existe sempre o fumo *Maryland*.

Tenha a *Gazeta* cautela, nesses *reclames, de graça*, pois quem o alheio veste tem de despir-se na praça...⁴¹¹

 $^{^{411}}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 out. 1891, a. 38, n. 242, p. 2.

Os cometas

Dois cometas aparecem diz o sábio senhor Barnard, que é astrônomo muito sério, com ojeriza ao *canard*.

Diz o Barnard que os cometas, com caudas e cabeleiras, anunciam para este ano umas tantas brincadeiras.

Morrendo o generalíssimo que tem já os pés para cova, o Floriano Peixoto nos pica-paus dará sova.

Mudada a face das coisas, os de cima vêm para baixo. Nesse dia eu tomo touca, fico mesmo como um cacho!

Tudo está já em preparos para a enorme debandada: os patos todos voando e eu de arma engatilhada! Hei de dar tiros sem conta, com fúria de satanás, tendo a escopeta por alvo o miolo do Thomaz.

Também escapar não há de o tal juiz gafanhoto. É preciso que este foro se livre de tal maroto.

Outro tiro tenho em vista, já carregada a escopeta: há de ser na cumeeira dum patife e boi corneta...

Há de acabar o domínio de tanta patifaria. Os Malaquitas que vão comer cocos na Bahia!⁴¹²

⁴¹² ECO DO SUL. Rio Grande, 24 out. 1891, a. 38, n. 243, p. 2.

Muito se fala no Valls, que, dizem, tudo adivinha, e estou doido que ele venha da cidade que é vizinha.

Nas funções que ele aqui der, hei de indagar de mistérios em que se acham envolvidos uns tantos sujeitos *sérios*.

Eu sei de uma história negra, passada em lugar bem perto, que o Valls, bom adivinho, há de por a descoberto.

Há de o Valls informar-me, entre outras coisas mais, onde é que tem paradeiro rico par de castiçais...

Também quero que ele conte o negócio de uma herança e uma troca de apelidos da qual eu guardo lembrança.

Enfim, o Valls fará entre nós grandes sucessos, descobrindo bandalheiras de uns abafados processos...⁴¹³

⁴¹³ ECO DO SUL. Rio Grande, 25 out. 1891, a. 38, n. 244, p. 2.

Uma notícia estupenda fez entre nós sensação: o engenheiro Wernecke tem da honra a legião!

Por mais trato que à cachola tenha dado, eu não atino com a causa que o Carnot levou a tal destino!

Que diabos de serviços o Wernecke fez à França, para o Carnot, do pé para mão, ter semelhante lembrança?

Vão ver que o tal telegrama é do Sawyer... Com certeza é mais um carapetão da companhia francesa.⁴¹⁴

⁴¹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 out. 1891, a. 38, n. 245, p. 2.

A Federação assim principia uma das suas notícias: – "O nosso regulador público necessita de ser regulado."

Qualquer leitor descuidado que ali vê – regulador, pensa ser irregulado o Júlio, o governador.

Mas não é no Prates, não, esse sintoma do mal: só fala a *Federação* dos sinos da catedral.

Bem regulado, o Castilho de todos é quem regula, dispondo a jeito do *milho* que mais desafia a gula.

Têm sido bem regulares (assinalo como um fato) as funções – diz o Villares – do egrégio e senhor Pato!⁴¹⁵

⁴¹⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 out. 1891, a. 38, n. 246, p. 2.

Tenho, em reserva, surpresa para amanhã, muito cedo. É uma rara beleza que guardo muito em segredo...⁴¹⁶

⁴¹⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 29 out. 1891, a. 38, n. 247, p. 2.

Lá vai a surpresa!



A tantas dedicações reconhecido, deste Povo, por quem, estremecido, trabalha com ardor, tendo esposado as causas do direito o mais sagrado,

> Cantu, sem medo às caretas do tal criado da *tipa*, ilustra as Historietas com o retrato da Felipa!⁴¹⁷

 $^{^{\}rm 417}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 30 out. 1891, a. 38, n. 248, p. 2.

Qual cidadão, nem fraternidade!

Taumaturgo, o milagroso das terras do Amazonas, aos novos moldes já fez suas primeiras gaifonas.

Condenou o – cidadão – que era sinal de igualdade, e não quer mais nos ofícios Saúde e fraternidade.

Como a saúde e as bichas já são coisas tararacas, pode pôr sua excelência, em vez de bichas – patacas!

Foi D. Lucena o primeiro a voltar para a velharia, ao *Deus guarde* carunchoso dos tempos da monarquia.

Não há, pois, que admirar nas novas taumaturguices, visto como este regime é regime de ratices.⁴¹⁸

 $^{^{\}rm 418}$ ECO DO SUL. Rio Grande, 31 out. 1891, a. 38, n. 249, p. 2.

Vários jornais do Rio publicaram esta simplicíssima notícia: – "O Sr. ministro do interior visitou ontem a estalagem Cabeça de Porco."

Aquela cabeça é velha já nem cabelos possui, mas é porca até para aquele que dela os *bens* usufrui.

A quem conhece a Cabeça de Porco, um tanto *felipe*, não admira que a visse a cabeça do Araripe.

É cabeça a tal cabeça "difícil de decepar", diz o jornal que me presta rima a este versejar.

Menos difícil seria cortar cabeças à gente que atola na marmelada do tesouro o fero dente.

E já que a rima me pede dente aplicado a tal fato, digo que em tempo o Castilho decepou cabeça a um pato...⁴¹⁹

⁴¹⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 1º nov. 1891, a. 38, n. 250, p. 2.

Também fui ao cemitério, em penitência, rezar, e à memória da Felipa uma lágrima derramar.

Notei que uma voz chorava, bem perto, em profunda dor, era a voz rouca, gosmenta do falso comendador...⁴²⁰

⁴²⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 3 nov. 1891, a. 38, n. 251, p. 2.

Uma reforma-colosso está se fazendo em segredo, e, palavra, que em contá-la eu deveras tenho medo!

Diz-se que o nosso correio, que tem por chefe o Novais, vai mudar completamente os seus serviços postais.

Postos no olho da rua vão ser carteiros, agentes, sendo empregados, sem soldo, outros mais independentes.

Como dos homens não há neste mundo quem não peque, ficará tudo sujeito ao regime do Kardec.

Os espíritos tomam conta de toda a correspondência, selando-a, distribuindo-a, com cuidado e paciência.

A reforma é necessária e só merece ovações;

só assim nunca teremos que fazer reclamações.⁴²¹

⁴²¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 nov. 1891, a. 38, n. 252, p. 2.

A República, de Campos, dá esta notícia:

— "Foi recolhido à Santa Casa um indivíduo do Morro do Coco, onde, por causa de uma paixão amorosa mal correspondida, fez em si o que se costuma fazer com porcos destinados à ceva."

Esse tipo, que no Coco, morro, morava, coitado! tinha o coco, com certeza, bastante desmiolado!

Abellard, sem Heloísa, teve o do Coco fereza, atentando contra as obras mais belas da natureza.

É que a natureza marca a cada qual seu destino: destinado era o do Coco a ser um dia – suíno!⁴²²

⁴²² ECO DO SUL. Rio Grande, 5 nov. 1891, a. 38, n. 253, p. 2.

A dissolução

Leio em anúncio de estabelecimento novo: – "Banhos a qualquer hora e de todas as espécies."

Peço um banho, pronto, pronto, com sabão, casca de coco, para um sujeito que anda, desde muito, meio louco.

Banho de ducha, potente, bem frio, um banho danado, que tire couro e cabelo de um sujeito condenado.

Quero um banho de arrepios, furioso e colossal, da nuca até a barriga, por toda a espinha dorsal.

Um banho, um banho colosso peço ao hotel que ainda é novo, e esse banho é para um sujeito muito velho – é para o Povo!⁴²³

⁴²³ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 nov. 1891, a. 38, n. 254, p. 2.

Aqui também!

Telegrama à nossa Junta diz: "Governo dissolveu Congresso Nacional, convocando nova assembleia. Rio em paz, aqui também. – *Júlio Castilho.*"

"Rio em paz, aqui também", disse, contrário ao boato, em telegrama à intendência o senhor Castilho – o *pato*.

A coisa está me cheirando a sermão encomendado, pois ninguém falou em guerra na capital do Estado.

Como do pato é de origem a notícia, eu ratifico: o recado telegráfico, para mim, traz água no bico!⁴²⁴

⁴²⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 nov. 1891, a. 38, n. 255, p. 2.

A Federação recebeu este recado do chefe geral dos telégrafos: – "Publicai que reina inteira tranquilidade nesta capital e que o manifesto do presidente da República explicando os motivos da dissolução do Congresso, tem sido bem recebido. – Batista."

Publicai que reina inteira, aqui, a tranquilidade! Publicai que Manifesto agrada a toda a cidade!

Publicai que Dom Lucena por todos é festejado! Publicai que a tropa toda está de joelho curvado!

Publicai que o grão Mayrink não tem dores de barriga! Publicai que o sargentaço tem a mão fechada em figa!

Publicai que o pio Enéas, tem sofrido os seus codilhos! Publicai que o pato-gago tem molhados os fundilhos! E publicai, para remate, que o Povo, feito navalhas, cortará rente as cabeças de todos esses canalhas!⁴²⁵

⁴²⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 nov. 1891, a. 38, n. 256, p. 2.

Eis-me aqui, depois da festa, de todo já concluída. Foi arriscada, confesso, mas bem alegre a partida.

Vi jeitos de não chegar com vida ao fim deste ano; mas, afinal, pus em fuga todo o bando castilhano.

Agora, já se respira livremente, Deus louvado! E só vejo em tudo isto um tipo desapontado.

A todos quantos cá vinham, depois da Revolução, procurou fazer fosquilhas, pedindo apresentação.

Mas de todos conhecido como eterno caradura, fez sempre o pobre diabo a mesma triste figura...

Deixando, porém de parte os passados figurões,

de novo passo a tratar das minhas obrigações.⁴²⁶

⁴²⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 dez. 1891, a. 38, n. 281, p. 2.

Mamadeira para um!

O jerico, que de mangas deu corte para a galeria, não se conforma com a perda da sua secretaria.

O Zé Povo, na assembleia, receitou-lhe mamadeira mas aqui lhe será dada uma melhor chupadeira.

Pape açordas, seu jerico, não fomente a humanidade, vá pregar suas bobices para longe desta cidade.

Se chuchar você não pode sua teta, com recato, peça coisa mais macia ao seu grande amigo, o *pato*...⁴²⁷

⁴²⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 dez. 1891, a. 38, n. 282, p. 2.

Um telegrafista assim transformou um recado transmitido à *Gazeta de Itaqui:* – "Deodoro dissolução, Congresso revogado."

Capeta, o telegrafista deu no vinte com a troça; se revogou o Congresso, no Deodoro deu coça.

O recado assim ficou Deveras bem divertido, pois o Deodoro está para sempre *dissolvido!*⁴²⁸

⁴²⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 dez. 1891, a. 38, n. 283, p. 2.

Macaco quando se coça...

Diz-se mui pela calada, por aqui e por ali, que se fazem reuniões lá para a Rua Iataí.

Compareceram: um bacharel, um dentista, um gazeteiro, um chefe de alheias rendas e um doutor muito brejeiro.

Dizem eles, convencidos, que lá para o fim do ano já estará restaurado o domínio *castilhano!*

Essa gente está sofrendo da bola, e é, pois, preciso que à força de *escovações* a façam criar juízo.⁴²⁹

⁴²⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 dez. 1891, a. 38, n. 284, p. 2.

Mortus est gafanhotos in casca!

Venho trazer meus responsos ante a rasa sepultura que encerra tristes despojos da mais palerma figura.

Era juiz outro dia, passando por *virtuoso*, mas agora, sem juízo, até perdeu o ar gasoso!

Por tantos erros de ofício apanhou tamanhas sovas, que facilmente matou-o a senhora Casanovas.

Choremos, compadecidos, a sua sorte infeliz, sem esquecer que já houve um gafanhoto juiz!⁴³⁰

⁴³⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 17 dez. 1891, a. 38, n. 285, p. 2.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

400

Lá vai a surpreza!





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.









edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-05-8